

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Bianca De Vit Begrow

AS MÃES E SEUS FILHOS

(Uma leitura d'*O tempo e o vento*, de Erico Verissimo)

Orientador: Prof. Dr. Flávio Loureiro Chaves

Caxias do Sul, novembro de 2006

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL

Bianca De Vit Begrow

AS MÃES E SEUS FILHOS

(Uma leitura d'*O tempo e o vento*, de Erico Verissimo)

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em Letras e
Cultura Regional.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Loureiro Chaves

Caxias do Sul, novembro de 2006

DEDICATÓRIA

Ao meu grande mestre e amigo,
Flávio Loureiro Chaves, e à minha
mãe, Elisabeth.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu orientador, Flávio Loureiro Chaves, homem por quem tenho profunda admiração, não apenas pelo excelente profissional que é, mas pela pessoa extraordinária que orgulhosamente chamo de amigo.

Agradeço também a todos os professores que fizeram parte desse processo: Elisa Battisti, Loraine Slomp Giron, Jayme Paviani, Heloísa Feltes, Cecil Jeanine Albert Zinani, Marília Conforto, João Cláudio Arendt, Cleodes P. J. Ribeiro e Vânia Beatriz Herédia.

Aos meus colegas de curso, pelas trocas inestimáveis que me proporcionaram e pelo coleguismo: Morgana Rossetti, Nivaldo Pereira, Patrícia Alberti, Marli Cristina Tasca Marangoni, Márcia Hillebrand, Tenisa Zanoto, Sinara Maria Boone, Marisa Bráulio, Maria Cristina Zandomeneghi Bergamaschi, Greice Tomasi, Janete Fassini Alves e, muito especialmente, a Douglas Ceccagno, grande amigo e confidente, com quem pude partilhar as angústias de mestranda e vários outros momentos nesses últimos dois anos.

À minha família: meu pai, Nilvo, meu irmão, Leandro, minhas irmãs, Clarissa e Desirée e, especialmente, minha mãe, que esteve esse tempo todo à disposição para me escutar e apoiar, dando-me forças e estímulos para seguir em frente sempre.

Ao Vagner, que sempre acreditou em mim e apoiou minhas escolhas, que compreendeu minhas ausências nesse período de dedicação ao Mestrado e que incentivou constantemente o meu crescimento profissional.

Agradeço à Ariela, sempre tão prestativa e pronta para auxiliar a mim e a meus colegas. Ao meu primo Ben-Hur, pelos valiosos empréstimos de livros e, finalmente, agradeço a Juliana Maria Andrighetti, colega de trabalho e amiga, que me disponibilizou o tempo necessário para que eu conseguisse concluir esse trabalho.

RESUMO

Esse trabalho propõe uma interpretação das relações entre mães e filhos estabelecidas por Erico Verissimo em *O tempo e o vento*. Toma como parâmetro as personagens femininas Ana Terra, Bibiana Cambará, Luzia Silva, Maria Valéria e Ismália Caré, e as personagens masculinas Pedro Terra, Bolívar, Licurgo e Rodrigo. Pretende verificar como estas relações condicionam as personagens masculinas e examinar seu significado literário no contexto histórico projetado no texto. As cinco mães estudadas têm importância decisiva na construção da sociedade patriarcal imaginada pelo autor e, assim, constituem personagens basilares do texto.

ABSTRACT

This work is an interpretation about the relationships between mothers and sons made by Erico Verissimo to his book "O tempo e o vento". It takes as a parameter the female characters Ana Terra, Bibiana Cambará, Luzia Silva, Maria Valéria and Ismália Caré, and the male characters Pedro Terra, Bolívar, Licurgo and Rodrigo. It intends to check how these relationships lead the male characters and think about the literary meaning in the historical context projected on the text. The five women studied have a founder importance to the building of the patriarchal society imagined by the author and they are the basic characters of the text.

SUMÁRIO

<u>INTRODUÇÃO.....</u>	<u>8</u>
<u>A MÃE TERRA.....</u>	<u>19</u>
<u>A MÃE DUAS VEZES ANA.....</u>	<u>45</u>
<u>A MÃE SECA.....</u>	<u>62</u>
<u>A MÃE SEM VOZ.....</u>	<u>79</u>
<u>A MÃE ESTÉRIL.....</u>	<u>94</u>
<u>CONCLUSÃO.....</u>	<u>105</u>
<u>BIBLIOGRAFIA.....</u>	<u>109</u>

INTRODUÇÃO

Tratar das relações humanas é centro das atenções de várias áreas de estudo, a começar pela antropologia, psicologia, sociologia, entre outras. A Literatura também se preocupa em abarcar essas relações, tomando-as como temática de vários textos que são do nosso conhecimento.

Há grandes clássicos da literatura preocupados em retratar relações entre familiares que permeiam a memória cultural de grande número de pessoas. Desde textos mais remotos da literatura, como os dos gregos, já havia amostras do quão amplo e discutível é o tema do convívio entre pessoas da mesma família. Verificamos isso ao lembrarmos do caso cânone criado por Sófocles, *Édipo Rei*, no qual pai, mãe e filho se vêem enredados num destino inevitável de tragédia familiar. Lembremos também de Eurípides, criador das ações tão condenadas de *Medeia*, personagem que dá título ao texto, com relação a seus filhos, realizadas com o propósito único de vingar-se do marido. Remetendo-nos à produção brasileira, pode-se citar os irmãos gêmeos e rivais Pedro e Paulo, criados por Machado de Assis em seu romance *Esau e Jacó*, no qual se retrata a relação conturbada existente entre os dois desde a gestação.

Seria possível trazer à discussão muitos outros exemplos de criações literárias, especialmente do gênero romance, feitas a partir desse recorrente tema e, ainda assim, tão instigante. Isso porque o romance é visto como a mais importante e mais complexa forma de expressão literária do nosso tempo¹. Então, sempre haverá algo a ser dito sobre o que se passa no âmbito familiar, seja de forma científica ou puramente inventiva, a exemplo do teatro, do cinema e da literatura.

¹ AGUIAR E SILVA, Vítor Manuel de. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 1967, p. 239.

Escrevemos sobre o que conhecemos, sobre o que vemos, sobre o que entendemos, sobre o que estudamos ou até sobre o que procuramos compreender. Provavelmente nem todos os que se dedicam (ou se dedicaram) a escrever sobre relações familiares tenham as respostas para todas as inquietações formuladas acerca dessa instituição cultural, mas, de uma forma ou de outra, a maioria deles nos traz perguntas pertinentes a serem feitas sobre o que nos rodeia.

Na tentativa de responder a algumas, nesse trabalho procuraremos investigar a maneira como Erico Veríssimo representou as personagens femininas enquanto mães em sua trilogia *O tempo e o vento*², texto que enfoca a saga da família Terra Cambará no decorrer de duzentos anos de História (de 1745 a 1945), enfatizando personagens de sete gerações da família. Dentre essas personagens, as que nos interessam são: Ana e Pedro Terra, Bibiana e Bolívar Cambará, Luzia e Licurgo Cambará, Maria Valéria e Rodrigo Cambará e, por fim, Ismália Caré.

Assim, temos o objetivo de interpretar as relações mãe/filho, subsidiados pela sociologia, antropologia e teoria literária, verificando como essas relações condicionam as personagens masculinas acima determinadas no mundo imaginário de Erico Veríssimo. Pretendemos, também, identificar se essas personagens femininas/mães correspondem ou não às expectativas da sociedade rural e patriarcal retratada pelo autor e, por fim, examinar a importância dessas relações no contexto histórico projetado em *O tempo e o vento* e o seu significado literário.

Em seu enredo, “as personagens constituem um dos elementos estruturais basilares do romance. O romancista cria seres humanos, situados num determinado espaço, movendo-se numa determinada ação”³. De acordo com Forster⁴,

² VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento*. 27. ed. São Paulo: Globo, 1995.

³ AGUIAR E SILVA, *op. cit.*, p. 239.

⁴ *apud* AGUIAR E SILVA, *op. cit.* p. 241 e 242.

Há dois tipos de personagens romanescas: as personagens desenhadas (ou planas) e as personagens modeladas (ou redondas). As primeiras são definidas linearmente por um elemento característico básico que as acompanha durante toda a obra. Tende à caricatura e à natureza cômica. Não altera seu comportamento e, por isso, não surpreende. As segundas são mais complexas, com multiplicidade de traços e que, por vezes, apresentam reações que surpreendem o leitor.

Determina-se que, visto isso, o nosso objeto de estudo são personagens modeladas – redondas – criadas por Erico Verissimo em *O tempo e o vento*, com ênfase nas personagens que caracterizam as relações mãe/filho. Sendo assim, faz-se necessário rever as personagens femininas selecionadas do texto que assumem a função de mãe: Ana Terra, Bibiana, Luzia, Maria Valéria e Ismália Caré, e as que assumem a função de filho: Pedro Terra, Bolívar, Licurgo, Rodrigo Cambará e Lauro Caré. Para tanto, far-se-á uma divisão de linha de estudo, ou seja, as mães citadas serão divididas em dois segmentos: as mães que correspondem, de certo modo, à expectativa da sociedade patriarcal da época (Ana, Bibiana e Maria Valéria) e as que não correspondem (Luzia e Ismália). As personagens masculinas, então, serão de importância para que demonstremos as funções de suas respectivas mães. Ou seja, nos serviremos desses filhos em prol de um estudo mais cuidadoso das mães.

As personagens que integram as gerações da família Terra Cambará são também fator fundamental para a demarcação de um romance histórico como é o caso de *O tempo e o vento*. Há, no texto – como se poderia esperar em um romance histórico – personagens que de fato existiram (podendo-se citar a aparição do político Getúlio Vargas, por exemplo) e as criadas pelo autor. Percebe-se, entre essas últimas, uma firme diferença de papéis na construção da narrativa e na estruturação da sociedade em formação, que se trava entre as personagens femininas e as masculinas. De um lado, têm-se os homens que vão para a guerra e representam, então, uma “força horizontal nômade”, o *vento*, e, de outro, as mulheres, que são a sustentação da família, do Sobrado, da História, como uma força vertical, o *tempo*⁵.

⁵ CHAVES, Flávio Loureiro. *Erico Verissimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2001.

Também voltada ao segmento feminino do texto de Erico, Lélia Almeida⁶ entende que o significado da palavra ‘mulher’ remete diretamente ao seu papel social de mãe e esposa. “Ser feminina, ser mulher passa por determinadas funções: a de ser esposa, em primeiro lugar, seguida esta da função materna e todas as infinitas implicações que a maternidade traz enquanto função.”⁷ A autora cita Danda Prado⁸, que vê o papel de mãe como fundamental, confundindo-se com o próprio estatuto prescrito para a mulher. Assim, afirma-se que é a partir da regulamentação da função de mãe que se institui a família.

Durante muito tempo, a maternidade foi considerada a principal função feminina, não só pelo compromisso em gestar, como também em criar e educar os filhos, o que explica a tamanha responsabilidade depositada nessas mulheres pelo tipo de pessoa que criam, como se essa educação dependesse apenas delas. Segundo Falcke⁹,

a idéia da procriação ainda é parte inerente da vida da mulher. Nos dias atuais, o questionamento sobre querer ou não ter filhos é mais comum. Contudo, esta possibilidade de escolha é recente. Ela tornou-se efetiva em função do surgimento dos métodos anticoncepcionais e a partir daí, passou a ser, gradativamente, uma opção mais aceita no âmbito psicossocial. [...] Neste sentido, a maternidade era tida como inquestionável. A idéia de ser mãe ia sendo absorvida pelas mulheres como uma consequência lógica e natural da vida.

A autora ainda expõe que existe uma expectativa de um amor extremo da mãe pelos filhos, acima de qualquer coisa: o amor materno. Então, normalmente é exigido das mães que coloquem os filhos como prioridades em suas vidas, tendo esse amor como incondicional, inato e insubstituível¹⁰. Porém, ainda nesse mesmo texto, a psicóloga revê a existência de teorias, como a de Badinter, que mostram o amor materno não como inato e parte intrínseca

⁶ ALMEIDA, Lélia. *A sombra e a chama: uma interpretação da personagem feminina n’O Tempo e o Vento* de Erico Verissimo. Porto Alegre, 1992. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

⁷ *Idem*, p. 39.

⁸ *Apud* ALMEIDA, *op. cit.*

⁹ *apud* WAGNER, Adriana (coord.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

¹⁰ *Idem*.

da natureza feminina, mas como um sentimento humano semelhante a outro qualquer: incerto, frágil e imperfeito. “Além disso, ele possui variações de acordo com a época e com os intervenientes socioeconômicos do contexto em que vivem as mães”¹¹.

O discurso que se faz sobre a função materna envolve, inevitavelmente, o conceito de família, ao qual se entende que seja um fenômeno social, básico e universal por se encontrar em todos os agrupamentos humanos – embora variem as estruturas e o funcionamento. Com base nos estudos de Marconi e Presotto¹², entendemos o conceito de família como uma complementação do que as estudiosas denominam família *elementar* e família *extensa*. A primeira é formada pelo homem, sua esposa e seus filhos. Entretanto, com a saída dos filhos de casa, essa família diminui e, eventualmente, acaba no momento em que ocorre a morte dos pais. Já a família *extensa* é composta por duas ou mais famílias nucleares, ligadas por laços consangüíneos, o que pode abranger, além da família elementar, os avós, tios, sobrinhos, afilhados, etc.

Vista assim, a família apresenta quatro funções básicas: a) sexual – que é permitida pelo casamento, uma vez que gerará filhos legítimos aos pais; b) de reprodução – que propicia a perpetuação da família; c) econômica – que garante o sustento e proteção da mãe e dos filhos e d) educacional – que envolve o cuidado das crianças com cooperação entre homem e mulher. Além dessas, há as funções subsidiárias, que tratam dos aspectos religioso, jurídico, político, recreativo e até do cuidado com os idosos.

Quando se fala em filhos legítimos dos pais, como na primeira das funções básicas citadas, pensa-se no motivo pelo qual criou-se a família monogâmica patrilinear – de origem elementar, cujo traçado de descendência é feito pelo lado paterno –, que é a presente em *O tempo e o vento*. Ela surgiu em função da transmissão hereditária dos bens dos pais aos filhos

¹¹ *Ibidem*. Esse argumento faz-se válido quando estudarmos a relação entre Luzia e seu filho Licurgo, no terceiro capítulo deste trabalho.

¹² MARCONI, Marina de Andrade & PRESOTTO, Zélia Maria Neves. *Antropologia: uma introdução*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

– certos e legítimos – traçando a relação primeira entre formas familiares e propriedade privada. Esse sistema, ao contrário do que se poderia pensar, não é natural, mas cultural.

Concordamos com Catemario¹³ quando afirma que cultura

é a atividade criadora determinada pelos homens, em seu significado antropológico global de conjunto de experiências e de valores partilhados e vividos em comum. Ou seja: é cultura a parte que historicamente se acrescenta à natureza do homem, aquele conjunto explícito e implícito dos modos estabilizados de pensar, sentir e agir dos homens [...], instrumento especificamente humano de adaptação à natureza para a satisfação dos carecimentos. Desse modo, transformando a natureza de suas criações, os homens se transformam a si mesmos.

Nesse caso, a família aparece como o verdadeiro laboratório do desenvolvimento cultural, uma vez que a continuidade da tradição – baseada na organização da família – é a condição essencial da cultura humana. Para a família essa função é de suma importância, já que “o homem sem cultura não poderia sobreviver, assim como não poderia sobreviver a cultura sem a espécie humana para transmiti-la”¹⁴. Mesmo Le Play¹⁵ já dizia que a família não poderia ser percebida e definida sem um domínio sólido da cultura do povo em que está inserida, uma vez que ela é o elo crítico entre os valores morais que transmite e a estrutura social que representa.

Num estudo comparativo entre o modelo de família patrilinear da civilização moderna e outro de família matrilinear de certas comunidades insulares da Melanésia norte-ocidental, Malinowsky¹⁶ expõe que, no primeiro dos modelos, (o que nos interessa, pois e é o apresentado em *O tempo e o vento*) a autoridade e o poder do marido e pai são apoiados pela sociedade, visto que a situação econômica também está em jogo: é ele quem assegura a manutenção da família e quem pode negar ou fornecer a ela seus meios de sustento.

¹³ Apud CANEVACCI, Massimo (org.). *Dialética da família*. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

¹⁴ MALINOWSKY, Bronislaw. A família no direito paterno e no direito materno. In: CANEVACCI, Massimo (org.). *Dialética da família*. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 132-139.

¹⁵ Apud CASEY, James. *A história da família*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1992.

¹⁶ MALINOWSKY, *op cit.*

Assim, faz-se a associação com o significado primeiro do vocábulo *família*, originado de *famulus*, que quer dizer “escravo doméstico”. *Família* era, então, o conjunto de escravos pertencentes a um mesmo homem. Em tempos remotos, na Roma Antiga, a família era transmitida por testamento (*id est patrimonium*), o que designava um novo organismo social, cujo chefe mantinha sob seu poder a mulher, os filhos e certo número de escravos, com o pátrio poder romano e o direito de vida e de morte sobre todos eles¹⁷.

Diante da autoridade concedida socialmente ao homem, como recém visto pelas vias da História, a mulher/mãe acaba tendo um papel secundário, de guardiã, colaboradora afetuosa, e não de provedora (embora o primeiro vínculo natural de qualquer pessoa seja o que a prende à mãe). Cabe principalmente à mulher a função de educar os filhos, transmitindo-lhes todas as tradições culturais do seu meio social. Para que essa troca seja realizada com sucesso, ainda segundo Malinowsky,

não apenas o genitor deve ter interesse em instruir o filho e o filho ter interesse em aprender, mas é necessário ainda um particular ambiente emotivo. Deve haver reverência, submissão e confiança, por um lado; e ternura, sentimento de autoridade e desejo de orientar, por outro. A instrução não pode ser ministrada sem autoridade e prestígio. As verdades reveladas, os exemplos dados, as ordens impostas não alcançarão sua meta, nem determinarão sua obediência, se não forem secundadas por aqueles específicos comportamentos de terna subordinação e de afetuosa autoridade, que são característicos de todas as relações entre genitores e filhos.¹⁸

Acerca dessa relação traçada entre a mãe e o filho, o antropólogo acrescenta que a mãe geralmente não encontra dificuldades na fase inicial de suas relações com a criança. E, uma vez desejando que essa relação se mantenha num estado de perfeita harmonia, seria necessário

¹⁷ ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Trad. Leandro Konder. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

¹⁸ MALINOWSKY, *op. cit.* Isso explicará, posteriormente, o motivo pelo qual a personagem Maria Valéria, por exemplo, conseguiu assumir com tamanha eficácia o papel de mãe de seus sobrinhos, enquanto o mesmo não ocorre com relação à Luzia e seu filho Licurgo.

que se conservassem as características de submissão, reverência e subordinação, referidas anteriormente¹⁹.

Voltando nosso olhar para estudos dedicados às personagens femininas criadas por Erico Verissimo em *O tempo e o vento*, pudemos conhecer com cuidado o trabalho de Lélia Almeida²⁰, que julga algumas das características atribuídas à linhagem de mulheres imaginada pelo autor, tais como “fortes, combatentes, poderosas e resistentes” como características masculinas. Pensamos, entretanto, que, se assim fosse, a experiência feminina estaria sendo ignorada. No presente trabalho, tais qualidades não serão tratadas como masculinas, pois entendemos que caracterizam muito mais mulheres que homens – não só na obra de Verissimo. A força, o combate, o poder, a resistência e a determinação de Ana Terra e suas sucessoras são, aqui, essencialmente femininas.

Pensando também assim, Tristão de Athayde²¹ crê que o anti-herói de Erico, aqui representado em suas personagens femininas, representa uma crítica à deformação do heroísmo como machismo, isto é, como privilégio do varão. Ainda argumenta que

O heroísmo não é uma atitude apenas militar, do homem em face da luta física e da morte, uma valentia biológica masculina, mas uma atitude serena em face do sofrimento e da vida. Portanto, uma virtude bissexuada, privilégio de certas criaturas e especialmente de certos momentos da criatura humana, não reservado ao sexo masculino.

Conforme Flávio Loureiro Chaves²²,

Há um contraste explícito entre o masculino e o feminino, entre destruição e preservação, como se aí residissem os dois pólos fundamentais da existência na visão do mundo configurada pelo escritor. Por estranho que pareça, a vida não se resolve nos combates e guerras que engolfam os homens, mas, por assim dizer, no interior do Sobrado, onde a resistência das mulheres assegura a continuidade dos dias e das coisas.

¹⁹ MALINOWSKY, *op. cit.*

²⁰ ALMEIDA, *Op. cit.*

²¹ ATHAYDE, Tristão de. Erico Verissimo e o antimachismo. In: CHAVES, Flávio Loureiro (org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972, p. 86-102.

²² CHAVES, Flávio Loureiro. A terra de Erico. In: _____. *Matéria e invenção: ensaios de literatura*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994, p. 49-60.

Quanto a essa dicotomia de feminino/masculino, Chaves²³ ainda ressalta que, enquanto os guerreiros do texto de Erico se destroem e o campo se tingem de sangue, as mulheres agem como força de conservação da descendência. “São criaturas capazes de desafiar padrões morais e sociais, romper com as convenções da época, descartar papéis convencionais e assumir uma posição de comando”²⁴. Ou seja, nas palavras de Athayde²⁵, o verdadeiro heroísmo existe tanto nos homens quanto nas mulheres, “que são tanto mais heróicas e varonis quanto menos se apresentam e se inculcam como tais”.

Uma vez que as mulheres são o elemento de preservação aparente no texto, uma das características que as compõem é a de saber/ter de esperar. De acordo com Donald Schüller²⁶, esperar é uma virtude principalmente feminina, não implicando, entretanto, na submissão ao machismo. “Com a espera tenaz e calada, as mulheres obtêm vitórias negadas aos homens”, como, por exemplo, a conquista do Sobrado realizada a partir das articulações silenciosas de Bibiana.

Assim como ela, Ana Terra, anteriormente, principiou a tradição feminina de esperar. No capítulo dedicado à mãe de Pedro, tem-se a intenção de mostrar ao leitor a personagem Ana Terra como a mãe-primeira, a mãe-origem, aquela que se viu obrigada a desbravar o novo em prol de um futuro melhor para si e para seu filho. Ela é a mãe que quebrou o paradigma de ser necessário casar para só então poder ser mãe. Engravidou de um descendente de índios e assumiu todas as responsabilidades dessa gravidez sozinha, inclusive o parto. Criou o filho Pedro sem ajuda de outras pessoas e transmite suas crenças e valores para a neta Bibiana.

Sobre essa última, no nosso segundo capítulo pretende-se reforçar a idéia de que a mulher é a força que dá continuidade à família e à História. É Bibiana quem supera o temperamento do marido – aventureiro, livre de amarras, boêmio – e cria os filhos

²³ CHAVES, Flávio Loureiro. Erico Verissimo e o mundo das personagens. In: _____ *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972, p. 71-85.

²⁴ BARBOSA, Maria José Somerlate. Saltando os “círculos de giz”: as personagens femininas e a dinâmica de gêneros em romances de Erico Verissimo. In: BORDINI, Maria da Glória (org.). *Caderno de pauta simples: a literatura de Erico Verissimo e a crítica literária*. Porto Alegre: Instituto Estadual do livro, 2005. P. 301-333.

²⁵ ATHAYDE, Tristão de. *Op. cit.*

²⁶ SCHÜLER, Donald. O tempo em “O Continente”. In: _____ *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972, p. 158-175.

praticamente sozinha. É ela quem consegue tomar conta do território da família – o Sobrado – e vence a batalha doméstica contra a nora, Luzia, de maneira que também cria o neto, Licurgo, responsável pela continuidade do clã.

Em seguida, abordaremos a personagem Luzia, representante do oposto de Ana Terra, Bibiana e até Maria Valéria. Essa personagem reflete sempre o diferente, o inusitado em todos os sentidos: enquanto mulher, enquanto senhora do Sobrado, enquanto esposa e, principalmente, enquanto mãe, a começar pelo fato de ela não ter tido leite para amamentar o filho, Licurgo. É ela também quem transgride as regras sociais estabelecidas para as mulheres de seu tempo no momento em que insinua uma possível traição de sua parte contra o marido, Bolívar. É, sem dúvida, a “musa da tragédia” da família Cambará.

Em seguida, damos voz à Ismália, a mãe que não aparece, que não tem voz no texto, que não tem vez. No entanto, Licurgo faz-se fiel a ela e ao amor mantido por ela. A relação entre os dois se estende por toda a vida de Licurgo, tendo um filho como fruto, ou seja, toda uma história paralela de família e de mãe da qual todos sabiam da existência, mas que ninguém assumia socialmente, nem mesmo a maior interessada: Ismália. Sujeita-se a estar em segundo plano na vida do homem que ama e a não ter direito nenhum perante a sociedade – nem ela, nem seu filho. Ambos são fruto da falsa moral da sociedade patriarcal configurada por Verissimo. A questão a ser trabalhada neste quarto capítulo é: que papel tem essa mulher no texto? O início dessa resposta é que seu papel é indispensável.

E, finalmente, o último capítulo trata de Maria Valéria, que é uma mãe peculiar, visto que nunca deu à luz nenhum filho ou filha. No entanto, é ela quem faz o papel de mãe de Rodrigo e Toríbio, filhos de sua irmã falecida, Alice, e também, de certo modo, dos filhos de Rodrigo e Flora. Ela é a mulher que substitui a presença de Bibiana no Sobrado, controlando-o e mantendo-o, apesar de todas as guerras e crises que se sucedem. É a personagem que vê

tudo o que acontece no que diz respeito à família – mesmo depois de cega – e não permite que essa engrenagem – a família – pare ou se dilua.

Assim, com um texto de cunho ensaístico, pretendemos atender de forma satisfatória as inquietações formuladas acerca dessas cinco personagens e, talvez, despertar o interesse de outros estudiosos para que mais e diferentes trabalhos sejam realizados a partir da obra deixada por Erico Verissimo.

A MÃE TERRA

Uma geração vai, e outra geração vem; porém a terra para sempre permanece.

Ana Terra, personagem definitiva e presente no imaginário popular brasileiro, criada por Erico Verissimo, não é a primeira mãe a ser citada em “O tempo e o vento”, mas é, com certeza, a mais reconhecida, a mais lembrada, a mais mencionada. O capítulo do texto reservado a ela encontra-se na primeira das partes da trilogia – “O Continente” – entretanto, pode-se facilmente encontrar em livrarias e bibliotecas o capítulo “Ana Terra” separado de todo o resto da obra. Isso significa que nem todos os que conhecem a saga desta personagem compreendem a saga de todo o resto das famílias Terra e Cambará, o que fornece à personagem uma certa independência em relação ao texto, ultrapassando-o.

Ana qualifica-se no tipo de personagem modelar proposto por Aguiar e Silva sobre o qual há uma caracterização física, psicológica e moral conhecida como retrato. Através dele, o leitor pode ter a idéia de um ser bem definido, com quem se familiariza e de quem se recorda facilmente.²⁷

Flávio Loureiro Chaves²⁸ vê na história dessa personagem o mito da vida renascendo das cinzas, numa tarefa milenar que se fará repetir até o fim dos dias pelas Bibiana, pelas Maria Valéria. Ainda acrescenta que “na personagem de Ana Terra se reedita o primeiro dia da criação, a imagem primitiva da fecundação, enquanto antítese do instinto de morte”.

O próprio Erico Verissimo, ao se referir à criação da personagem Ana Terra, afirmou: “Eu penso nela como uma espécie de sinônimo de mãe, ventre, terra, raiz, verticalidade (em oposição à horizontalidade nômade dos homens), permanência, paciência, espera, perseverança, coragem moral...”²⁹. Isso vem provar o quanto o nome de uma personagem –

²⁷ AGUIAR E SILVA, *op. cit.* p. 243.

²⁸ CHAVES, Flávio Loureiro. Erico Verissimo e o mundo das personagens. In: _____ *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972, p. 71-85.

²⁹ CHAVES, Flávio Loureiro. A terra de Erico. In: _____ *Matéria e invenção: ensaios de literatura*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994, p. 49-60.

Ana Terra, por exemplo – é um dos fatores primários na caracterização das personagens no romance.

Partindo daquele depoimento do autor e de outros estudos críticos sobre a obra, vê-se, em *O tempo e o Vento*, um universo tipicamente masculino e outro, paralelo, feminino. Ana Terra, então,

É a própria imagem do eterno feminino, que em toda a obra [de Erico] se opõe ao eterno machismo da sua gente, de seu rincão, de sua tradição, de seu meio, da filosofia da vida que ele combateu por toda a vida, - eterno feminino que aparece como a própria vingança do humilhado contra o opressor, uma filosofia do anti-heroísmo belicoso como símbolo do verdadeiro heroísmo. Por isso é que, em sua obra, o chamado sexo fraco representa o verdadeiro sexo forte.³⁰

De acordo com Lélia Almeida³¹, é através da construção das personagens femininas que se pode perceber o que o texto de Erico apresenta como um modo de ser feminino típico, “decente”, aceito. Para a autora,

as personagens em questão, em seus hábitos, comportamentos e costumes, constroem um modo de ser mulher, com normas, regras, leis, limites e códigos próprios, repassados de geração em geração como modelares, paradigmáticos, e, que, em si, vão delineando o que identificamos como este território feminino.

Esse universo feminino começou a ser traçado com a personagem de Ana Terra, que veio com a família (pai, mãe e irmãos) do Estado de São Paulo para o interior do Rio Grande do Sul em busca de um pouco de terra que poderia ser cultivada por eles. O pai de Ana, Maneco Terra, tinha o sonho de plantar trigo, ou seja, desejava dar início a uma cultura agricultora, coletora, e não pastora, como se vê:

³⁰ ATHAYDE, Tristão de. Erico Verissimo e o antimachismo. In: CHAVES, Flávio Loureiro (org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972, p. 86-102.

³¹ ALMEIDA, Lélia. *A sombra e a chama: uma interpretação da personagem feminina n' O Tempo e o Vento de Erico Verissimo*. 147f. Dissertação (Mestrado em Literatura Brasileira) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 1992, p. 35.

Em princípio de 89 Maneco Terra realizou o grande sonho de sua vida. Foi a Rio Pardo, comprou sementes de trigo e conversou com alguns colonos que o haviam plantado com sucesso e que lhe ensinaram preparar a terra e semear. Maneco voltou para casa contente. Pela primeira vez em muitos anos Ana viu-o sorrir. [...]

Durante o mês de junho Maneco e Antônio aprontaram a terra para plantar o trigo. Toda a gente da casa, inclusive Pedrinho, que ia já a caminho dos onze anos, foi para a lavoura. Limparam primeiro o terreno, arrancando as raízes e as ervas. Depois viraram a terra, trabalhando de sol a sol. Quando voltaram ao anoitecer para o rancho, Eulália esperava-os com o jantar pronto: carne de veado, abóbora, mandioca e feijão. Maneco estava excitado e parecia ter rejuvenescido. Fazia contas nos dedos, ficava às vezes absorto nos próprios pensamentos, esquecido da comida que fumegava no prato. Plantaria poucos alqueires, para experimentar a qualidade da terra; e naturalmente continuaria com o milho, a mandioca e o feijão. Se o trigo desse bem, aumentaria o trigal. Com o produto da venda do primeiro trigo colhido poderia comprar mais uma junta de bois, ferramentas e mais escravos. E era preciso arranjar o quanto antes mais uma carreta.

[...] Na noite do dia em que se fez a primeira sementeira, Maneco teve um sono agitado. Ana ouviu-o revolver-se na cama e finalmente levantar-se e sair. Ergueu-se também, foi até a porta e olhou para fora. Era uma noite de lua cheia, de ar parado e frio. Avistou o pai, que caminhava para a lavoura. Seguiu-o com os olhos e viu-o ficar olhando longamente a terra, como se o calor de seu olhar pudesse fazer as sementes germinarem. Quando ele se voltou e começou a andar na direção do rancho, Ana tornou a deitar-se.

Uma semana depois, certa manhã, mal o sol havia raiado, Pedrinho entrou em casa todo alvorotado, no momento em que o avô e o tio tomavam chimarrão e as mulheres se preparavam para ir tirar leite no curral.

- Mãe! – gritou ele. – Mãe! O trigo está nascendo! [...] O trigo está aparecendo... – disse ele. – Uma coisinha verde. Tão bonita, mãe, tão...

Calou-se, engasgado. Brotaram-lhe lágrimas nos olhos. Maneco e Antônio precipitaram-se para fora e correram para a lavoura. As sementes efetivamente haviam brotado. A terra era boa! O trigo punha a cabeça para fora, procurava o sol!³²

Trigo é o grão que dá origem ao alimento capaz de nos sustentar em quaisquer circunstâncias: o pão. Esse trigo almejado representa a fertilidade, a fartura que a família buscava e continuará buscando em outros personagens, como Pedro Terra.

Essa semente de trigo, plantada com tanta esperança em solo novo e que é replantada tantas vezes no decorrer da narrativa, tem a simbologia das forças latentes, não manifestadas, do que está por vir, mas se desconhece: o futuro incerto. São as possibilidades misteriosas cuja presença às vezes nem se suspeita, mas que justifica a esperança, uma vez que nela estão contidas todas as partes da futura planta³³.

³² VERISSIMO, *op. cit.* p. 116 e 117.

³³ CIRLOT, Juan Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Moraes Ltda., 1984.

Tal planta pode ser comparada à família Terra Cambará, que tem início com Ana, em seu ventre. É a partir da semente que ela planta – seu filho Pedro – que todo o resto da família poderá existir e se desenvolver. Esse é o símbolo da vida em formação, fenômeno retratado durante todo o texto de Erico, no qual acompanha-se o crescimento da família que começou com Ana Terra e Pedro Missioneiro e que prossegue, independentemente deles.

Lembrando que a semente só pode germinar quando sua casca é rompida de dentro para fora, ou seja, um morrer simbólico³⁴, esse trigo está intimamente relacionado à Ana, pois, conforme relação estipulada por Flávio Loureiro Chaves e já comentada anteriormente, ela também passou por um renascimento interior no momento em que decidiu lutar por uma vida nova para si e para seu filho. Essa é uma das características da mãe-terra: a renovação da vida, pois a terra “é a matéria da criação do mundo e do ser humano. Ela faz surgir toda a vida, aparece como a grande geradora e alimentadora”³⁵. Foi a partir da força de vontade de Ana – o alimento – que a história seguiu seu rumo em direção ao povoado de Santa Fé e ao seu complementar “Cambará”.

É com essa personagem que aparece no texto a primeira referência ao vento: “Sempre que me acontece alguma coisa importante, está ventando”³⁶, sentença que se repetirá também com as personagens femininas que aparecerão depois de Ana. Esse elemento, o vento, está intrinsecamente ligado à Ana e pode ser visto como a força duradoura que as mulheres representam, uma vez que o tempo (masculino) passa e o vento (feminino) permanece. Essa ligação é passada de geração para geração entre as mulheres, assim como outros objetos que permanecem na família no decorrer de toda a história (o punhal, o crucifixo, a tesoura e a roca).

³⁴ CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

³⁵ CIRLOT, *op. cit.*

³⁶ VERISSIMO, Erico. *O Continente I*. 34.ed. São Paulo: Globo, 1997, p. 73.

Para Theodore Robert Young³⁷, esses objetos simbolizam a longevidade e a fortaleza das mulheres de *O tempo e o vento*, sendo que o crucifixo representaria a fé em tempos adversos, a tesoura é o objeto presente no momento em que os descendentes da família Terra nascem e a roca representaria o perene trabalho feminino. Estima-se que o punhal, por ser o único objeto herdado pelos homens da família, represente justamente a vertente masculina e viril da história.

No princípio da narrativa sobre Ana, esta aparece como alguém que se sentia extremamente só “naquele cafundó”³⁸, pois quase não passavam pessoas por ali. Concentrava-se em seu trabalho simples e árduo, sem perder a esperança de um dia, quem sabe, poder se casar e mudar de volta para uma cidade (pensava em Rio Pardo ou Viamão). Era uma moça bonita, de vinte e cinco anos, que via na rotina do trabalho diário o remédio “para esquecer o medo, a tristeza, a aflição”³⁹.

Quando Pedro Missioneiro aparece no território de Ana, Erico usa recursos de linguagem que já deixam entrever a paixão que surgirá entre os dois: “Em compensação o coração começou a bater-lhe com mais força...” e “Por um instante esteve prestes a gritar, sob a impressão de que ia ser frechada”⁴⁰. O fato de ela ter percebido, pelo vento, que o dia traria consigo algo de especial, de seu coração ter acelerado e de ela ter tido a impressão de que seria “frechada” (como a corriqueira imagem do cupido que flecha o coração dos amantes) foram as evidências dadas pelo autor de que, a partir daquele momento, o rumo da vida das personagens seria muito diferente.

É importante ressaltar que a referência que Ana tinha de esposa e de mãe era dona Henriqueta, sua mãe, uma mulher submissa ao marido: “D. Henriqueta respeitava o marido,

³⁷ *Apud* BARBOSA, Maria José Somerlate. Saltando os “círculos de giz”: as personagens femininas e a dinâmica de gêneros em romances de Erico Verissimo. In: BORDINI, Maria da Glória (org.). *Caderno de pauta simples: a literatura de Erico Verissimo e a crítica literária*. Porto Alegre: Instituto Estadual do livro, 2005. P. 301-333.

³⁸ VERISSIMO, *op. cit.*, p. 74.

³⁹ *Idem.*

⁴⁰ *Idem.*, p. 77.

nunca ousava contrariá-lo”⁴¹. Entretanto, Ana Terra achava injusta a vida que as mulheres estavam fadadas a levar:

Ana não chorou. Seus olhos ficaram secos e ela estava até alegre, porque sabia que a mãe finalmente tinha deixado de ser escrava. Podia haver outra vida depois da morte, mas também podia não haver. Se houvesse, estava certa de que D. Henriqueta iria para o céu; se não houvesse, tudo ainda estava bem, porque sua mãe ia descansar para sempre. Não teria mais que cozinhar, ficar horas e horas pedalando na roca, em cima do estrado, fiando, suspirando e cantando as cantigas tristes de sua mocidade.

Desde moça, Ana sentia atração por um tipo de vida diferente da sua, que sabia ser até mesmo proibida, como retrata o trecho a seguir:

Quando tinha dezoito anos visitara com os pais a cidade de São Paulo e uma tarde, estando parada com a mãe a uma esquina, viu passar uma caleça que levava uma vistosa dama. Toda a gente falava daquela mulher na cidade. Diziam que tinha vindo de Paris, era cantora, uma mulher da vida... Ana sabia que não devia olhar para ela, mas olhava, porque aquela mulher colorida e cheirosa parecia ter feitiço, como que puxava o olhar dela. Era loura, estava toda vestida de sedas e rendões, e tinha o pescoço, os braços e os dedos coruscantes de jóias. Uma mulher da vida, uma ordinária... Ana contemplava-a de boca aberta, fascinada, mas ao mesmo tempo com a sensação de estar cometendo um feio pecado. Pois tivera havia pouco a mesma impressão ao olhar para aquele desconhecido.⁴²

Nesse trecho vê-se, também, o fascínio com que Ana olhava para Pedro, o índio que agora morava perto do rancho da família e ajudava no trabalho do campo. Ele era diferente do que ela conhecia e estava acostumada, era o proibido, o que sabia ser socialmente errado, mas que representava a satisfação de seu deleite. E, além disso, era o único homem do lugar que não era seu parente. Assim, passou a representar objeto de desejo e de repulsa, como se percebe:

Lembrava-se duma exaltação tocada de horror, dum doloroso dilaceramento misturado de gozo, e também do desespero de quem faz uma coisa que teme só para se livrar da obsessão desse temor. [...]

⁴¹ *Idem*, p. 79.

⁴² *Idem*, p. 80.

No fim das contas, que era mesmo que ela sentia por Pedro? Amor? Nojo? Ódio? Pena? Às vezes se surpreendia a querer que ele morresse de repente, ou então que fosse embora, deixando-a em paz. Talvez fosse melhor que aquilo não tivesse acontecido... Ou melhor, que Pedro nunca tivesse aparecido na estância. A agonia em que vivia desde o primeiro dia em que pusera os olhos naquele homem persistia ainda. E agora ela tinha novos cuidados porque, além de todas as coisas que sentia antes, vivia num estado de apreensão insuportável. Chegava à conclusão de que o horror de que o pai e os irmãos descobrissem tudo era o sentimento que dominava todos os outros, até mesmo o desejo de ser de novo tomada pelo índio.⁴³

E foi com este homem, que lhe evocava sentimentos tão ambíguos, à beira da sanga – sanga esta que aparece sempre com o sentido de início da vida, início do amor, de uma nova fase – que Ana gerou seu filho, Pedro. O elemento água presente no encontro de Ana com Pedro Missioneiro, presente no dia-a-dia de Ana e na fecundação de seu filho tem o significado de todas as possibilidades de existência, uma vez que a água precede toda a forma e sustenta toda a criação, de acordo com Mircea Eliade⁴⁴.

O teórico ainda mostra a água como símbolo tanto de morte quanto de renascimento, uma vez que o contato com ela supõe uma regeneração, já que à dissolução segue-se o novo nascimento e a imersão fertiliza e multiplica o potencial da vida. O fato de Ana estar parcialmente imersa nas águas da sanga remete à criação de uma nova vida, de um novo homem: seu filho; a família a qual dará origem. Dessa forma, Ana é símbolo de origem, de criação, de vida latente.

Ao utilizar-se da imagem mítica da água, Erico refere-se ao momento intemporal em que aconteceu a criação da vida, pois é uma repetição simbólica do nascimento dos mundos e do homem, lembrando que um mito remete a acontecimentos sucedidos *in principio*, ou seja, no começo⁴⁵, assim como Ana representa o começo de tudo ao narrador da história, Floriano Cambará, descendente da família instaurada por Ana e Pedro Missioneiro..

⁴³ VERISSIMO, *op. cit.*, p. 103.

⁴⁴ ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. Trad: Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

⁴⁵ *Idem*, p. 53.

Talvez por isso também, para Pedro Missioneiro, aquela gravidez de Ana fosse sagrada:

[...] E quando Pedro voltou, uma noite ela saiu da cama sem ruído – o ar estava frio, o capim úmido e sereno, o céu muito alto – foi até a barraca do índio, contou-lhe que ia ter um filho e ficou ofegante à espera duma resposta. Houve um curto silêncio, ao cabo do qual Pedro murmurou:

- Mui lindo.

De repente Ana desatou a chorar. Estavam ambos sentados no chão lado a lado. Pedro enlaçou-a com os braços, estreitou-a contra si e as lágrimas da rapariga rolaram-lhe mornas pelo peito. Ana sentia contra as faces as carnes elásticas e quentes do homem, e o bater regular de seu coração. Chorou livremente por algum tempo. Pedro nada dizia, limitou-se a acariciar-lhe os cabelos. E quando ela parou de chorar, pôs-lhe a mão espalmada sobre o ventre e sussurrou:

- Rosa mística.

Ana franziu a testa.

- Quê?

- Rosa mística.

- Que é isso?

- Nossa Senhora, mãe do Menino Jesus.⁴⁶

Porém, essa criança era fruto de um relacionamento não permitido pela família, o que levou à morte do índio, único meio encontrado por Maneco Terra para limpar a honra da filha. Na época retratada por Erico para o desenrolar da narrativa de Ana Terra, o que permitia que uma mulher engravidasse era o fato de ser casada; até então, a moça deveria permanecer virgem, como prova da virtude e boa educação da família. A alternativa encontrada pelos Terra diante daquela situação irremediável de vergonha familiar era dizer, a quem questionasse sobre o pai da criança: “Minha filha é viúva. O marido morreu de bexigas, faz meses”⁴⁷.

Justamente pelo fato de não ser casada, ou seja, de seu filho ser fruto de um amor proibido, Ana, a princípio, rejeitou-o, como se vê nos trechos a seguir: “- Mãe, e se eu tomasse um remédio pra botar o filho fora?” e “Ana voltou para casa com a morte na alma. Ia pensando **naquela coisa** que lhe crescia no ventre.” (*grifo nosso*). Até que, após a morte de

⁴⁶ VERISSIMO, *op. cit.*, p. 104

⁴⁷ VERISSIMO, *op. cit.*, p. 112.

Pedro Missioneiro, Ana apresenta sua primeira atitude de mãe temerosa pelo filho, não tendo coragem para cometer qualquer atentado contra ele e temendo também pelo seu futuro:

[...] Ana pensou então em matar-se. Chegou a pegar o punhal que o índio lhe dera, mas compreendeu logo que não teria coragem de meter aquela lâmina no peito e muito menos na barriga, onde estava a criança. Imaginou a faca trespassando o corpo do filho e teve um estremecimento, levou ambas as mãos ao ventre, como para o proteger. Sentiu de súbito uma inesperada, esquisita alegria ao pensar que dentro de suas entranhas havia um ser vivo, e que esse ser era seu filho e filho de Pedro, e que este pequeno ente havia de um dia crescer... Mas uma nova sensação de desalento gelado a invadiu quando ela imaginou o filho vivendo naquele descampado, ouvindo o vento, tomando chimarrão com os outros num silêncio de pedra, a cara, as mãos, os pés encardidos de terra, a camisa cheirando a sangue de boi (ou sangue de gente?). O filho ia ser como o avô, como os tios. E um dia talvez se voltasse também contra ela. Porque era “filho das macegas”, porque não tinha pai.⁴⁸

Durante a gestação, Ana continuou executando suas atividades diárias e sendo duramente ignorada pelo pai e pelos irmãos, atitude essa que não surpreendia dadas as circunstâncias. Tentava, então, escapar daquele lugar e daquela situação em seus pensamentos, chegando a pensar que talvez tudo não passasse de ilusão: Pedro Missioneiro e a gravidez. E foi nesse mesmo momento de distanciamento que Ana sentiu, pela primeira vez, seu filho movimentando-se dentro de si:

Um dia, olhando o bordado branco que a espuma do sabão fazia na água, teve a sensação de que Pedro nunca tinha existido, e que tudo o que acontecera não passara de um pesadelo. Mas nesse mesmo instante o filho começou a mexer-se em suas entranhas e ela passou a brincar com a idéia que dali por diante lhe daria a coragem necessária para enfrentar os momentos duros que estavam para vir. Ela trazia Pedro dentro de si. Pedro ia nascer de novo e portanto tudo estava bem e o mundo no fim de contas não era tão mau.⁴⁹

Nesse trecho é como se Ana Terra estivesse transferindo o amor que sentia por Pedro Missioneiro para seu filho, que estava para nascer. Como se esse amor pudesse fazê-la, finalmente, aceitar o bebê que estava gerando e trazer a serenidade com que, posteriormente,

⁴⁸ *Idem*, p. 108.

⁴⁹ *Idem*, p. 110.

recebeu o filho: “Naquele instante, Ana dava de mamar ao filho. Estava serena, duma serenidade de céu despejado, depois duma grande chuva”⁵⁰. E, segundo o texto, parece que a criança trouxe, de fato, à personagem, mais satisfação em viver e em trabalhar. Ana Terra conseguiu até mesmo recordar-se de tempos felizes do passado, que se fazem notar através de canções:

Três dias depois já se achava em pé, trabalhando. E sempre que ia lavar roupa levava o filho dentro da cesta, e enquanto batia nas pedras as camisas e calças e vestidos, deixava a criança deitada a seu lado. E cantava para ela velhas cantigas que aprendera quando menina em Sorocaba, cantigas que julgava esquecidas, mas que agora lhes brotavam milagrosamente na memória. E a água corria, e a criança ficava de olhos muito abertos, com a sombra móvel dos ramos a dançar-lhe no rostinho cor de marfim.⁵¹

Mas assim como a gravidez de Ana não foi bem recebida pela família Terra – visto que era um pecado, era impensado, naquela época, uma mulher engravidar sem que estivesse casada – Pedrinho também não o foi. No momento em que Ana teve as primeiras dores do parto, os homens da família retiraram-se da casa e, ao regressarem, não quiseram nem ver o menino. E foi dessa forma – ignorando a existência da criança e de Ana que os dias se seguiram no rancho dos Terra. Esse ambiente hostil foi onde Ana teve que criar Pedrinho: “Pedrinho tinha começado a berrar. Ainda arfando, Ana aproximou-se do catre, tomou o filho nos braços e deu-lhe o peito. A criança acalmou-se em seguida, e por algum tempo no silêncio do rancho o único som que se ouviu foi o dos chupões que ela dava no seio da mãe.”⁵²

Ana, então, resignou-se à vida que lhe cabia: trabalhar para a família e atender o filho, para o qual talvez não estivesse tão preparada, ainda mais nas circunstâncias familiares em que estava:

Seu único consolo era Pedrinho, que ela via crescer, dar os primeiros passos, balbuciar as primeiras palavras. Mas o próprio filho também lhe dava

⁵⁰ *Id.*, p. 111.

⁵¹ *Ibidem*, p. 111.

⁵² *Idem*, p. 113.

cuidados, incômodos. Quando ele adoecia e não sabia dizer ainda que parte do corpo lhe doía, ela ficava agoniada e, ajudada pela mãe, dava-lhe chás de ervas, e quando a criança gemia à noite ela a ninava, cantando baixinho para não acordar os que dormiam.⁵³

Depois da morte de D. Henriqueta e de anos terem se passado – mais ou menos quando Pedrinho já tinha uns onze anos – as coisas estavam bem e em paz no rancho. Foi o período de contentamento e orgulho de Ana com relação ao filho, no qual pôde reconhecer características do pai e do homem que amou, como se vê:

“Ana estava tão excitada que não conseguia pregar olho. Ficava então acordada, ouvindo o rressonar leve do filho, que dormia a seu lado, e pensando no dia em que pudesse ir-se embora dali com Pedrinho.”

“Uma tarde Ana Terra olhou bem para o filho e começou a ver nele traços do pai: os olhos meio oblíquos, as maçãs salientes, o mesmo corte de boca. Pedrinho era um menino triste, gostava de passeios solitários (...).”

“Um dia surpreendeu o menino a brincar com o punhal de prata.

- Posso ficar com esta faca, mamãe?

Ela sorriu e sacudiu a cabeça afirmativamente. E Pedro dali por diante começou a riscar com a ponta do punhal os troncos das árvores, fazendo desenhos que surpreendiam a mãe: cavalos, bois, casas, pés de trigo, árvores e até caras de pessoas. Ela olhava e sorria. E consigo mesma dizia: ‘Bem como o pai. Sabe fazer coisas’.”⁵⁴

Quando os castelhanos aproximaram-se do rancho, “o primeiro pensamento de Ana foi para o filho”⁵⁵, o que demonstra o quanto ela se preocupava com o menino e explica sua atitude de bravura ao decidir não se esconder no mato junto com a cunhada, a sobrinha e o filho para que os bandidos não fossem à procura deles. Num raciocínio que privava pela segurança de Pedrinho, Ana imaginou que os castelhanos poderiam perceber que naquele rancho havia mulheres e ir a busca delas, o que os levaria, conseqüentemente, às crianças também: “Se eu me escondo eles nos procuram no mato, porque logo vão ver pelas roupas do baú que tem mulher em casa. Se eu fico, eles pensam que sou a única e assim a Eulália e as crianças se salvam.”⁵⁶

⁵³ *Ibidem*.

⁵⁴ *Idem*, p. 118 e 119.

⁵⁵ *Idem*, p. 119.

⁵⁶ *Idem*, p. 120.

Esse trecho é o maior exemplo dado por Ana dos sacrifícios a que estava disposta a fazer enquanto mãe. Essa é a marca inicial de renúncia materna em nome do filho que se fará presente em todo o resto do texto de Erice, no decorrer do qual fica claro que tais renúncias, tais sacrifícios exigem mais coragem das personagens que quaisquer das atitudes masculinas de bravura.

A partir disso, percebe-se que a ética do texto de Verissimo consiste nesses repetidos sacrifícios femininos/maternos, intimamente ligados à coragem, que colocam as personagens de Ana, Bibiana e as outras mulheres que as seguem na função de mãe. Assim, vê-se que a coragem feminina surge dos atos de coragem, enquanto que a coragem masculina surge de atos de agressão. E essa diferença é a base que sustenta a superioridade feminina em *O tempo e o vento*.

Depois dos horrores que passou vendo a morte do pai e do irmão e sendo brutalmente estuprada pelos castelhanos, Ana foi tomada de pânico ao pensar na possibilidade de ter perdido também o filho. Correu em direção à sanga – a mesma na qual havia concebido Pedrinho – gritando por Pedro. Aí fica evidente a transposição de expectativas que Ana faz com relação ao filho, pois, ao mesmo tempo em que chamava pelo filho, clamava pelo falecido amante, em busca de proteção, de consolo:

Avistou a corticeira... E à medida que se aproximava dela um novo horror lhe ia tomando conta do espírito. E se lá em baixo à beira do mato encontrasse o filho, a cunhada e a sobrinha mortos também? E então começou a desejar não chegar nunca, mas apesar disso corria sempre. Finalmente chegou à sanga. Pedro! Pedro! Pedro! – gritou. Mas ela não chamava pelo filho. Chamava o pai de seu filho, como se ele pudesse ouvi-la e vir socorrê-la.⁵⁷

Depois de ver Pedrinho em segurança, sob seus cuidados, e de ter enterrado os mortos com a ajuda dele, Ana lembrou-se do dinheiro que o pai havia enterrado antes da chegada dos castelhanos. Quando o encontrou, tomou-o nos braços “como quem segura uma criança

⁵⁷VERISSIMO, *op. cit.*, p. 123.

recém-nascida”⁵⁸, o que configura a esperança de uma nova vida depositada naquelas economias. Poderia ser o começo de uma nova vida para todos, o começo de uma nova fase para Ana, na qual ela poderia ser mais autêntica, poderia ser Ana Terra, teimosa como o pai:

Tinha dentro de si uma espécie de vazio: sabia que nunca mais teria vontade de rir nem de chorar. Queria viver. Isso queria, e em grande parte por causa de Pedrinho, que afinal de contas não tinha pedido a ninguém para vir ao mundo. Mas queria viver também de raiva, de birra. A sorte andava sempre virada contra ela. Pois Ana estava agora decidida a contrariar o destino.⁵⁹ Não queria mais morrer. Viver era bom: ela desejava viver, para ver o filho crescer, para conhecer os filhos de seu filhos e, se Deus ajudasse, talvez os netos de Pedrinho.⁶⁰

Flávio Loureiro Chaves bem define essa passagem como sendo aquela na qual Ana Terra “surge dos escombros, armada de uma confiança absurda em si mesma, que se integra na caravana pioneira para fundar, muito distante, a vila de Santa Fé”.⁶¹ No trecho recém citado d’*O Continente*, nota-se o aparecimento da personagem Ana Terra como aquela que inaugura uma nova fase – na vida da personagem e no texto – que depende unicamente dela e de seus esforços, sua determinação: “Sim, era pura teimosia. Chamava-se Ana Terra.”⁶² Esse é um marco de ação fundadora de Ana, reafirmando sua atitude preservadora e tenaz sempre sugerida no texto.

A viagem que Ana Terra faz com o filho, a cunhada e a sobrinha até o povoado de Santa Fé é, para Donald Schüller⁶³, uma fuga do passado. Ela estaria fugindo da solidão, da incompreensão das pessoas que a cercavam, do crime cometido pelos irmãos, do amor impossível que tivera, da insegurança, violência e humilhação extrema pela qual passara. Para

⁵⁸ *Idem*, p. 125.

⁵⁹ *Idem*, p. 127.

⁶⁰ *Idem*, p. 131.

⁶¹ CHAVES, Flávio Loureiro. Erico Verissimo e o mundo das personagens. In: _____ (org.). *O contador de histórias*. Porto Alegre: Globo, 1972.

⁶² VERISSIMO, *op. cit.* p. 127

⁶³ SCHÜLER, Donald. O tempo em “O Continente”. In: CHAVES, Flávio Loureiro (org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972, p. 158-175.

esse autor, “embora seja amargo o presente, o passado não oferece refúgio, mas constitui ameaça”.

Mas quando Ana se percebeu numa situação mais segura, num lugar onde não estava mais sozinha e onde via que poderia ter um futuro para si e para seu filho, viu-se em condições de fazer planos para Pedrinho, preocupando-se com sua educação:

Um dia – pensou ela – havia de mandar o filho para uma escola. O diabo era que não existia nenhuma escola naqueles cafundós. Ouvira dizer que um homem na vila do Rio Grande tinha aberto uma aula para ensinar a ler, escrever e contar. Mais tarde, quando Santa Fé fosse povoado, talvez o coronel mandasse abrir uma escola (...).⁶⁴

Em Santa Fé, onde construiu, junto com o filho, um rancho para morar, Ana desenvolveu a habilidade de parteira, sendo sempre solicitada quando alguma nova criança estava para nascer no povoado. Ter se disposto a isso não se deve apenas à posse da tesoura, herdada da mãe, mas também ao fato de ter sido bem sucedida em seu próprio parto e no ofício materno.

Enquanto parteira do vilarejo de Santa Fé, há a ampliação da função materna de Ana: ela passa de mãe exclusiva de seu filho Pedro para a categoria implícita de mãe da comunidade, da cidade. Assim, ela deixa de ter apenas um papel materno individual para dar lugar à função histórica da mãe coletiva, a mãe de todos, mãe da *poles*, da mãe que traz à vida. Uma vez sendo a mãe primeira da comunidade, tem sua função ampliada no texto, o que a torna a personagem mítica que é, a partir da definição de mito dada por Eliade:

O mito conta uma história sagrada; ele relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do “princípio”. Em outros termos, o mito narra como uma realidade passou a existir, seja uma realidade total, o Cosmo, ou apenas um fragmento: uma ilha, uma espécie vegetal, um comportamento humano, uma instituição. É sempre, portanto, a narrativa de uma “criação”: ele relata de que modo algo foi produzido e começou a *ser*. O mito fala apenas do que *realmente* ocorreu, do que se manifestou plenamente. Os personagens dos mitos são os Entes Sobrenaturais. Eles são

⁶⁴ VERISSIMO, *op. cit.*, p. 137.

conhecidos sobretudo pelo que fizeram no tempo prestigioso dos “primórdios”. Os mitos revelam, portanto, sua atividade criadora e desvendam a sacralidade (ou simplesmente a “sobrenaturalidade”) de suas obras. Em suma, os mitos descrevem as diversas, e algumas vezes dramáticas, irrupções do sagrado (ou do “sobrenatural”) no Mundo. É essa irrupção do sagrado que realmente *fundamenta* o Mundo e o converte no que é hoje. E mais: é em razão das intervenções dos Entes Sobrenaturais que o homem é o que é hoje, um ser mortal, sexuado e cultural.⁶⁵

Com isso, relaciona-se a personagem de Ana Terra como um desses Entes Sobrenaturais, na definição do autor, uma vez que instaura uma realidade de comportamento humano adotada também pelas personagens que a seguem e que igualmente serão abordadas no decorrer desse trabalho. Ana é quem cria a personagem arquetípica materna no texto de Erico, reconhecida com todos os méritos como fundadora cultural da família Terra Cambará através da personagem de Floriano Cambará em *O arquipélago*, última das partes da trilogia *O tempo e o vento*.

No final do capítulo dedicado à Ana, no qual a personagem se encontrava bem estabelecida no pequeno povoado de Santa Fé, ela recorda-se de bons e maus momentos que passara na localidade, fazendo um balanço de sua vivência como mãe. Lembra-se de quando se deu conta de que Pedrinho era já um homem feito:

Havia também outros dias que Ana Terra não podia esquecer, como aquele em que pela primeira vez percebera que Pedrinho era já um homem feito, de voz grossa e buço cerrado. Ficara espantada ao notar que o filho estava mais alto que ela. Mas espanto maior ainda lhe causara a descoberta que aos poucos fizera de que, embora fosse a imagem viva do pai, o rapaz tinha herdado o gênio do avô: era calado, reconcentrado e teimoso. Engraçado! Maneco Terra e o homem que ele mandara matar agora se encontravam no corpo de Pedrinho.⁶⁶

Para qualquer mãe, perceber que o filho tornara-se um homem é um momento bastante conflituoso, uma vez que há o orgulho de ter criado um menino transformado em homem e há um certo ressentimento quanto à sua função materna, que não se faz mais tão necessária, ou

⁶⁵ ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. Trad. Pola Civelli. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004, p. 11.

⁶⁶ *Idem*, p. 139.

seja, o filho não depende mais da mãe. Uma das funções maternas, segundo Luiz Carlos Osório⁶⁷, é defender o filho. Mesmo depois de Pedro já ser adulto, verificam-se, no texto, duas tentativas de Ana ainda tentar defendê-lo, uma na qual é bem sucedida e outra na qual não o é. A primeira trata-se do dia em que Ana viu-se obrigada a matar um índio em defesa de Pedro, como se lê:

Ana procurava sempre esquecer os dias de medo e aflição, principalmente aquele – o pior de todos! – em que, chegando à casa uma tarde, vira, horrorizada, um índio coroadado aproximar-se, na ponta dos pés, da cama onde seu filho dormia a sesta. Quase sem pensar no que fazia, apanhou o mosquete carregado que estava a um canto, ergueu-o à altura do rosto, apontou-o na direção do índio e atirou. O coroadado caiu com um gemido sobre Pedro, que despertou alarmado, desvencilhando-se daquela “coisa” que estava em cima de seu peito e saltou para fora da cama já com o punhal na mão e todo banhado no sangue do bugre. Vendo o filho assim ensangüentado, ela se pôs a gritar, imaginando que também o tivesse atingido com o tiro. Os vizinhos acudiram e foi só depois de muito tempo que tudo se aclarou. Ana Terra não gostava de recordar esse dia. Ficara com o ombro arroxado e dolorido por causa do coice que a arma lhe dera ao disparar. A sangueira que saía do corpo do coroadado deixara-a tonta. Não tinha tido coragem de ir olhar de perto... Mas um vizinho lhe contara:

- Ficou com um rombo deste tamanho no pulmão.

Ana passara o resto daquele dia tomando chá de folhas de laranjeira. Tinha matado um homem – ela que ajudava tanta gente a nascer!⁶⁸

A atitude de pegar a arma, para Ana, foi quase que impensada, pois, como se percebe, não hesitou em matar um homem em nome da proteção e segurança do filho que, naquele momento, somente ela poderia proporcionar. Depois de disparar a arma, Ana foi tomada pelo pânico ao pensar que, sem querer, pudesse ter atingido involuntariamente o próprio filho. Esse foi um ato de extrema doação de mãe para filho, pois, além de ter-se arriscado por Pedrinho, a mãe ainda acabou machucada externa e internamente. Externamente em função do disparo (que machucou seu ombro) e internamente pelo fato de ter executado um homem, o que ia contra os seus princípios (princípios de quem ajuda a trazer as pessoas à vida, e não de quem as leva à morte).

⁶⁷ OSÓRIO, Luiz Carlos. *Famílias hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

⁶⁸ VERISSIMO, *op. cit.* p. 139.

A morte do filho, nesse caso, seria como perder a única chance de continuidade de sua própria existência. Alguém existe enquanto é lembrado. Essa é a mesma preocupação que Bibiana, posteriormente, terá com relação ao filho Bolívar e, depois, com o neto Licurgo. Esses filhos/netos são o meio possível para a preservação de sua linha genética. Se eles não cumprirem (ou viverem o suficiente para poderem cumprir) com essa quase que obrigação de procriar, não haverá descendentes e o legado da família Terra termina aí.

A segunda tentativa de defender Pedrinho foi no momento em que Ana recebeu a informação de que o filho deveria ir para a guerra pela primeira vez junto com os outros homens do vilarejo. Ali, novamente, a personagem passa por cima de seu orgulho – pois o pedido que fazia representava, na época retratada, humilhação para a família que o faz – e de seus medos, pois o Cel. Ricardo Amaral era um homem muito poderoso e fazia com que Ana se sentisse acuada. Com a resposta negativa que obteve, Ana ficou revoltada diante da possibilidade de perder o único filho para uma guerra com a qual não se importava pessoalmente. Sabia que Pedrinho poderia não mais regressar ou, então, regressar com irreversíveis danos físicos. Era seu lado materno tentando, de qualquer forma, proteger o filho, que, para ela, ainda era como um menino carente de proteção:

- Ana olhava, bisonha, para Ricardo Amaral.
- Então? – perguntou este último. – Que novidade há?
 - Não vê que eu vim fazer um pedido a vossa mercê... – Calou-se, embaraçada. Amaral brincava, meio impaciente, com a argola do rebenque que estava em cima da mesa, a seu lado. Ana criou ânimo e prosseguiu: - Não vê que tenho um filho, o Pedrinho...
 - Eu sei, eu sei.
 - Seu Marciano disse que o menino tem que marchar também... – E acrescentou rápida, a medo – “pra guerra” – como se esta última palavra lhe queimasse os lábios.
 - E que tem isso? Pois ele não é homem?
 - É, sim senhor.
 - Então?
 - Mas acontece que é tão moço. Recém fez vinte anos.
 - Moço? Sabe quantos anos eu tinha quando entrei no primeiro combate? Dezesete!

Ana tinha os olhos postos no chão. O vozeirão do estancieiro a intimidava. Ela olhava fixamente para suas grandes botas negras, cujos canos lhe subiam até os joelhos, e lembrava-se de que, quando menino,

Pedro lhe dissera um dia ter medo daquelas botas que lhe pareciam um “bicho preto”.

- Vosmecê volte para casa – disse Ricardo. – Volte e não conte a ninguém que veio pedir para dispensar o seu filho. Não conte, que é uma vergonha.

Ana recobrou a coragem e fez nova tentativa:

- E se ele morrer?

- Todos nós temos de morrer um dia. Ninguém morre na véspera.

[...]

Ana Terra sentiu uma revolta crescer-lhe no peito. Teve ganas de dizer que não tinha criado o filho para morrer na guerra nem para ficar aleijado brigando com os castelhanos. Guerra era bom para homens como o Cel. Amaral e outros figurões que ganhavam como recompensa de seus serviços medalhas e terras, ao passo que os pobres soldados às vezes nem o soldo recebiam. Quis gritar todas essas coisas mas não gritou. A presença do homem – aquelas botas pretas, grandes e horríveis! – a acovardava. Fez meia volta e se foi em silêncio.⁶⁹

Ventava também no dia em que Ana teve que se despedir do filho, pois ele deveria partir para a guerra. Esse é o primeiro dos vários trechos em que fica evidente a sina das mulheres de esperar pelos seus homens (filhos, maridos, irmãos, pais) voltarem da guerra – ou não. O “ar de desastre e luto em todas as caras”⁷⁰ representava justamente isso: a espera sem previsão de quando chegaria ao fim:

E de novo Ana Terra começou a esperar... Esperava notícias da guerra; esperava a volta do filho. Se era dia, desejava que caísse a noite, porque dormindo esquecia a espera. Se era noite, queria que um novo dia viesse, porque quanto mais depressa o tempo passasse, mais cedo o filho voltaria para casa. Muitas vezes até em sonhos Ana se surpreendia a esperar, agoniada, vendo longe no horizonte vultos de cavaleiros entre os quais ela sabia que estava Pedrinho, - mas por mais que seus cavalos galopassem eles nunca chegavam.⁷¹

Esse trecho demonstra o quanto era angustiante a espera das mulheres que aguardavam pela volta de seus filhos e/ou maridos, assim como na citação a seguir, em que Ana traz o passado de volta em seus sonhos repletos de incertezas quanto ao estado do filho. Confunde a imagem de seu pai, Maneco, e de seu filho com a lembrança dolorida do assassinato de Pedro Missioneiro: “às vezes a imagem do filho em seus sonhos confundia-se com a do pai, e uma

⁶⁹ VERISSIMO, *op. cit.*, p. 141-142.

⁷⁰ *Idem*, p. 142.

⁷¹ VERISSIMO, *op. cit.*, p. 143.

madrugada Ana acordou angustiada, pois sonhara que Antônio e Horácio tinham levado Pedrinho para longe, para assassiná-lo”⁷².

Tal angústia fazia com que Ana tivesse preocupações com relação ao filho nos momentos mais inesperados, como o transcrito:

Uma noite de chuva, voltando para casa depois dum parto, caminhando meio às cegas e orientando-se pelo clarão dos relâmpagos, Ana pensou todo o tempo no filho, imaginou-o a dormir no chão, enrolado num poncho ensopado, com a chuva a cair-lhe em cheio na cara. Teve vontade de apertá-lo nos braços, emprestar-lhe o calor de seu corpo.⁷³

Apesar de viver nessa espera e incerteza, Ana sabia que o filho voltaria vivo para casa, sentimento que só uma mãe poderia nutrir com relação ao filho ausente: “Mas Pedro está vivo – disse Ana Terra para si mesma. – Uma coisa dentro de mim me diz que meu filho não morreu”⁷⁴. Sensação similar terá também a personagem de Bibiana com relação ao marido, Cap. Rodrigo Cambará, típico sentimento comumente chamado de intuição feminina. E essas certezas levam a outra: a de que a família teria uma continuidade, de que os Terra não terminariam ali, o que dependia exclusivamente de Pedro, seu único descendente. Ele tinha essa responsabilidade. Ele representava, para Ana, a união do que passara – seu pai, seu amante – e do que estava por vir – seus netos e bisnetos: a continuação da família.

No dia em que os homens de Santa Fé retornaram da guerra, Ana avistou, depois de mais de um ano de espera, seu filho Pedro entre os sobreviventes. Houve um certo estranhamento por parte dela, visto que Pedrinho estava mudado: havia envelhecido e emagrecido, o que o deixava ainda mais parecido com o falecido avô. Havia, enfim, amadurecido duramente com a vivência da guerra:

⁷² *Ibidem*.

⁷³ *Idem*, p. 144.

⁷⁴ *Idem*, p. 145.

Ana Terra não pôde conter as lágrimas quando viu o filho. Quase não o reconheceu. Pedro tinha envelhecido muitos anos naqueles meses. Estava magro, abatido e deixara crescer a barba, e quando ele desceu do cavalo e caminhou para a mãe, esta teve a impressão de que ia abraçar o próprio Maneco Terra.⁷⁵

Dentre tantos partos que ajudava a fazer, usando a velha tesoura que herdara da mãe, Ana auxiliou também no parto do neto, Juvenal e, no inverno de 1806, no da neta, Bibiana Terra. No nascimento desta, Ana demonstrou seu desapontamento ao identificar que se tratava de uma menina, pois sabia ter posto mais uma escrava no mundo, tendo em vista o destino de trabalho e servidão a que as mulheres daquela época e daquele lugar estavam condenadas, em seu modo de ver.

Com a família formada e sua pequena lavoura de trigo encaminhada, Pedro Terra foi obrigado a abandonar tudo outra vez por causa de uma nova guerra. Dessa, ele teve a sensação de que não voltaria, obtendo consolo apenas com a mãe, que disse: “Volta, sim. (...) Vosmecê precisa voltar. Pense nos seus filhos, na sua mulher, na sua lavoura.”. Assim, sendo a única pessoa a quem Pedro confiaria tal missão, solicitou à mãe que tomasse conta de tudo durante sua ausência, pedido que evidencia a cumplicidade existente entre mãe e filho, o que já não se demonstra entre ele e sua esposa.

Apesar dessa cumplicidade, Pedro só viria a compreender certos pensamentos e atitudes da mãe através da filha, Bibiana, herdeira de muitas características da avó. Com a filha crescida, teve, como Ana, a preocupação acerca de seu futuro, temendo que ela talvez tivesse que “trabalhar como uma escrava para ganhar seu sustento”⁷⁶.

Porém, havia outros comportamentos de Ana que Pedro não viria nunca a entender, como o fato de ela não se ter casado, apesar de ter recebido diversas propostas:

Pedro nunca pudera descobrir a razão por que a mãe tinha tanta malquerença pelos homens em geral. Às vezes fugia deles como o diabo da cruz. Era com

⁷⁵ *Idem*, p. 145.

⁷⁶ VERISSIMO, *op. cit.*, p. 185.

freqüência que falava, com má vontade e repugnância, em “cheiro de homem”. [...] Pedro não compreendia e às vezes ficava a pensar que espécie de pessoa teria sido seu pai para que Ana vivesse assim tão ressabiada de homem.⁷⁷

Com a morte de Ana, Pedro Terra sentiu-se desamparado. Sua mãe era a sua única referência de família desde o ataque dos castelhanos, ou seja, estava habituado a levar a vida junto dela, trabalhando e trocando opiniões. Além do fato de ter perdido a mãe, perdera também a cúmplice. Nessa saudade está refletido o bom relacionamento existente entre mãe e filho, que não se repete entre Pedro e sua esposa. Com a mãe, tinha uma amizade que não diminuiu mesmo após seu casamento, algo não freqüente para o tempo em que se passa a narrativa.

Desde a morte da mãe sentia-se desamparado, como um terneiro que se vê subitamente desmamado. Sabia que um dia a velha tinha de morrer: era uma lei da vida. Mas habituara-se de tal modo a buscar o apoio dela, a pedir-lhe conselho, que agora lhe era custoso viver sem a velha. Pensava na vida que a mãe levava e agora ali em sua casa repetia para si mesmo a pergunta que se fizera no cemitério diante do túmulo materno. Valia a pena lutar, sofrer, trabalhar como um animal para depois ir servir de comida aos vermes da terra?⁷⁸

Ainda em vida, Ana solicitara ao filho o local no qual gostaria de ser enterrada, sinal de que ela provavelmente não temesse a morte próxima e não via motivos para possíveis lamentações, nem do filho, nem de qualquer outra pessoa. No texto não está evidente, mas acredita-se que Ana encarava sua morte como descanso merecido após uma vida de trabalho, assim como pensara a respeito da morte de sua mãe.

Considerando-se o grau de importância de Ana para o tronco familiar Terra Cambará, é de se supor que sua participação na narrativa não estivesse encerrada com sua morte. Depois disso, a presença de Ana faz-se notar nos personagens que a sucedem: no filho, na neta e em toda a linhagem que carrega a força de seu sobrenome e de sua história.

⁷⁷ *Idem*, p. 187.

⁷⁸ VERISSIMO, *op. cit.*, p. 192.

Isso deixa claro que Ana, como mãe e como personagem de Erico, é fundamental, parâmetro de mãe e mulher para todas as outras que a sucedem, provedora de todos os alicerces que sustentam a família Terra Cambará: honra, coragem, força, bravura. Dessa forma, o autor criou aí, ao invés de um personagem secundário – esperado para uma mãe de família, em detrimento ao papel principal do homem, pai de família – um personagem feminino principal e mais importante no texto que todos os outros masculinos que aparecem. A função provedora que seria de um personagem masculino está toda centrada nessa mulher, que pode não corresponder às expectativas da sociedade patriarcal retratada enquanto mulher, mas que certamente corresponde enquanto mãe.

Ana consegue instituir uma família sem a presença de um homem/marido e, nesse caso, assume todas as responsabilidades que seriam divididas entre os membros de um casal. Ana é aquela que não precisou de homem para mantê-la nem para manter seu filho, fruto de uma relação ilegítima, e isso não era bem visto pela sociedade, acostumada a ter suas mulheres dependentes de seus maridos. Mesmo as viúvas preocupavam-se em casar novamente para não ficarem desamparadas, enquanto que Ana assumiu, por conta e risco, a criação e o sustento de Pedrinho.

Vê-se, então, que Ana Terra assume também, além de suas funções de mãe e mulher, o que seria considerado como “função masculina”: ir em busca de novas terras, construir a própria casa, matar um homem para proteger o filho, sustentar esse filho e dar-lhe condições de trabalho, arrumar-lhe uma boa esposa, continuar com o controle sobre os assuntos todos condizentes à família, entre outros. O contrário, ou seja, um homem assumir as funções femininas, já não ocorre ao longo de todo o texto de Erico. Nenhum dos personagens masculinos se coloca na posição de pai-e-mãe, por exemplo, de seus filhos. O único que teria reais motivos para fazê-lo – Licurgo – acaba colocando essas responsabilidades nas mãos da cunhada – Maria Valéria.

Então, o autor deixa claro que quem é capaz de assumir funções em dobro não são os homens representados no texto, mas as mulheres. E assumem de forma louvável, ou seja, executando-as tão bem – ou até mesmo melhor – quanto um homem. Esse é um dos motivos pelos quais Tristão de Athayde⁷⁹, no artigo *Erico Verissimo e o antimachismo*, classifica as personagens femininas do romancista como representações de anti-herói, ou seja, uma crítica à deformação de heroísmo enquanto típico dos machos, privilégio dos varões.

Seguindo esse raciocínio, não é a valentia biológica masculina – de guerra e de morte – que prevalece no texto, mas a valentia serena, a alma ativa e feminina das mulheres. No contexto da narrativa, pode-se dizer que Erico conseguiu, através de Ana e de outras personagens femininas, formar e divulgar uma imagem de mulher – gaúcha – e mãe detentora de tanto poder (ou mais) quanto seus homens.

Essa personagem de Ana Terra, então, foge aos parâmetros estabelecidos pela sociedade rural patriarcal de *O tempo e o vento*, uma vez que o destino esperado para ela era nem mesmo conseguir gerar filhos, devido ao isolamento em que vivia. Assim, é a personagem que modifica a cultura enquanto modo estabilizado de pensar e agir no momento em que consegue modificar a si mesma. Ana (in)conscientemente engravida para fugir da vida a que estava fadada e leva o filho embora do rancho onde morava para que ele não tivesse o mesmo destino de seu pai e de seus irmãos. Buscava mais, ambicionava uma vida melhor também para si própria, objetivo esse já demonstrado desde o início do capítulo dedicado a ela.

Diante da sociedade patriarcal machista retratada por Erico Verissimo, que cerca essa personagem de cobranças e expectativas, Ana Terra apresenta como seu maior trunfo – e até como vingança contra tudo o que combate – o filho criado, valente, trabalhador, viril.

⁷⁹ ATHAYDE, Tristão de. Erico Verissimo e o antimachismo. In: CHAVES, Flávio Loureiro (org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972, p. 86-102.

Vê-se também que ocorrem muitas vezes, com Ana Terra, certas dúvidas com relação à própria fé, como, por exemplo, no momento em que a mãe, Dona Henriqueta, morre e a filha questiona-se acerca da existência ou não de céu e de paraíso, segundo os ensinamentos da igreja católica. Por isso e por outros momentos de dúvida de fé pessoal, pensa-se que Ana não precisava ter esse tipo de crença uma vez que acreditava suficientemente em si própria e em sua capacidade de superação.

Uma vez em Santa Fé, Ana Terra adquire autoridade como mãe e como parteira. Essa é outra referência possível de ser feita com relação ao seu papel no texto de Erico: aquela pela qual a vida se origina, que é peça-chave na continuidade da existência. Do mesmo modo, Ana é a raiz a partir da qual todo o tronco da família Terra Cambará irá se firmar. Sem essa muito bem pensada personagem de Verissimo, todo o resto da narrativa não se faria possível.

Sem ela, Pedro Missioneiro não teria permanecido tanto tempo no rancho dos Terra. Sem ela, Pedrinho não teria o significado de filho ilegítimo com a obrigação de provar que pode ser tão bom quanto qualquer outro homem filho legítimo de um pai. Sem ela, Bibiana não teria sido formada com tamanha fidelidade de caráter e de sentimentos. Sem ela, a família Terra Cambará não teria tamanho apego à terra e ao que conquistou ao longo da história. Sem ela, enfim, não haveria família Terra Cambará.

O que se vê em sua história seria tipicamente caracterizado como uma família de ordem patrilinial, ou seja, aquela na qual o pai é o detentor das posses e as passa para os filhos machos. Aqui, esse mesmo sistema se aplica para o segmento matrilinear destacado, visto que as posses – e a cultura – são passadas de mãe para filho, e para as outras mulheres de força inseridas nessas relações.

Ana Terra deixa como maior herança para o filho não apenas seu exemplo de força e coragem, mas a **terra** sobre a qual todo o resto da história irá se desenrolar. Esse é seu maior bem. E, apesar de ter sido perdido pelo filho Pedro, vem a ser resgatado novamente pela

próxima personagem feminina a receber destaque: Bibiana Terra Cambará. Por essa sua determinação em reaver o que a avó conquistara, ela é vista como “duas vezes Ana”.

É interessante constatar que as relações traçadas entre essas mães (Ana e Bibiana, como será apresentada a seguir) e seus filhos se mantêm baseadas na subordinação, submissão e reverência dos filhos para com as mães. Pedro Terra não consegue nunca se desvincular como homem maduro, como pai de família, do laço estreito que o liga a Ana. Ele permanece dependendo dela no sentido de pedir que ela tome conta de suas coisas, que assuma o controle inclusive de sua própria família e é o tipo de filho que se submete a tudo o que a mãe propõe, seja com relação ao trabalho ou a sua vida pessoal.

Esses filhos, a começar por Pedro, são irremediavelmente calados e, assim como aceitam tudo o que as mães lhes dizem, acabam por aceitar tudo o que a sociedade lhes impõe, no sentido de irem resignadamente para a guerra, de cumprirem sua subentendida missão de casar e ter filhos e de permanecerem casados, mesmo que esse casamento não lhes faça bem, como ocorre com Bolívar, filho de Bibiana.

A morte de Ana, se bem interpretada, não significa uma morte total e completa de tudo o que ela era. Há um ditado popular que diz que a semente só germina quando morre. O mesmo se aplica a essa personagem que, mesmo depois de morta, continua exercendo influência sobre aqueles que a seguem. Ela é o tipo de personagem que, segundo Tristão de Athayde⁸⁰, vive por si só, à revelia do próprio autor.

Nesse caso, Ana Terra não morre. Sua presença e seu legado se faz sentir em vários elementos do texto que segue: no vento que sopra, no pensamento dos seus descendentes, nos seus silêncios, nas histórias que se contam, no sangue dos Terra, nas árvores ao redor do Sobrado, na matriz de todas as outras mulheres/mães de *O tempo e o Vento* e, sempre, na terra.

⁸⁰ In: CHAVES, Flávio Loureiro (org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972.

A MÃE DUAS VEZES ANA

A personagem de Bibiana, filha de Pedro e neta de Ana Terra, aparece como uma menina de vinte e dois anos, solteira, com “um rosto redondo, olhos oblíquos e uma boca carnuda em que o lábio inferior era mais espesso que o superior. Havia em seus olhos, bem como na voz, qualquer coisa de noturno e aveludado”⁸¹. Além dos atrativos físicos, Bibiana tinha o gênio característico dos Terra:

Era voluntariosa, duma teimosia nunca vista, e dum orgulho tão grande que era capaz de morrer de fome e de sede só para não pedir favor aos outros. No entanto, quem olhasse para ela julgaria, pelo seu suave aspecto exterior, estar diante da criatura mais meiga e submissa do mundo. [...] Pedro mal se lembrava do avô, mas certas ocasiões chegava quase a vê-lo nos olhos da filha e principalmente no jeito de franzir o sobrolho. Havia nela também muito da avó, principalmente a voz. Bibiana tinha crescido à sombra de Ana Terra, com a qual aprendera a fiar, a bordar, a fazer pão e doces, e principalmente a avaliar as pessoas. Depois que Ana Terra morrera, Pedro às vezes tinha a impressão de que ela continuava a falar pela boca da neta. Bibiana repetia frases da avó.⁸²

Assim, o autor apresenta essa personagem feminina que sucede Ana como uma continuação desta última. Ana Terra não apenas continuava a falar pela boca da neta, como se fazia viva através dela. Bibiana é outra personagem forte, mais enérgica e moralmente mais corajosa que os homens, cuja inspiração parece ter origem no lado materno da própria família de Erico Verissimo, como bem se pode constatar em suas memórias⁸³.

O romancista faz questão de mostrar que Bibiana aprendeu mais sobre a vida, sobre seus deveres e sobre os homens com Ana que com a própria mãe e, por isso, a neta sente tanta falta da avó nos momentos mais importantes de sua vida. Bibiana tem sua mãe, Arminda, como exemplo de esposa e mãe, mas não pensava ser esse o melhor modelo, visto que “não se

⁸¹ VERISSIMO, *op. Cit.*, p. 185.

⁸² *Idem*, p. 186-187.

⁸³ VERISSIMO, *Erico. Solo de clarineta: memórias*. v. 1. Rio de Janeiro: Globo, 1987.

entendia muito bem com a mãe: achava-a boa, sim, serviçal, não havia dúvida, mas muito parada, muito...”. Sua referência admirável de mulher era mesmo a avó.

Essas personagens de Ana e Bibiana – assim como posteriormente Maria Valéria e Luzia – representam a rejeição ao protótipo da mulher serviçal, representada aí por Arminda. Optamos, porém, em não nos dedicarmos a elas, mas sabendo que, assim como esta última, outros exemplos de mulheres servis aparecem no texto de Erico, sendo o caso de Henriqueta Terra, mãe de Ana, de Eulália, cunhada de Ana, de Maruca, cunhada de Bibiana, de Ondina, mãe de Maria Valéria, de Alice, esposa de Licurgo e até mesmo de Flora, esposa do Dr. Rodrigo.

Mas não são essas mulheres recém citadas as privilegiadas em *O tempo e o Vento*. As merecedoras de destaque nesse texto de Erico são justamente aquelas que não assumem o papel de mulher serviçal, esperado de todas elas na sociedade patriarcal retratada pelo autor. Essas outras, as servis, representam todas as mulheres que, em silêncio, cumpriram sua função social de esposas obedientes aos maridos e mães abnegadas de seus filhos, sem a firmeza de caráter demonstrada pelas personagens selecionadas para este trabalho.

Na expectativa de que Bibiana seguisse a linha da mãe, para seus pais, seu casamento significava segurança de futuro para ela que, com sua idade, ainda não tinha marido nem noivo, fato que, para o contexto social criado pelo autor, era preocupante:

Mas com Bibiana a coisa era diferente. Estava com vinte e dois anos e ainda solteira numa terra em que as moças se casavam às vezes com quatorze ou quinze anos. [...] A sua pressa [de Pedro] em arranjar marido para a filha lhe vinha do medo de morrer numa hora para outra, deixando a família desamparada. [...] Por isso às vezes lhe passava pela cabeça a idéia de que o melhor mesmo seria casar a filha com um homem decente que a pudesse levar para Viamão, Porto Alegre ou qualquer um daqueles lugares que estavam menos sujeitos aos ataques dos selvagens.⁸⁴

Porém, Bibiana apaixonou-se por um homem que era o oposto do planejado pelo seu pai. Era do tipo incerto, podendo até vir a abandoná-la, que gostava de correr mundo, de

⁸⁴ *Idem*, p. 192.

beber, de jogar, de fazer festas e guerras: o Capitão Rodrigo Severo Cambará. Logo no primeiro contato tido com o forasteiro, Bibiana sabia que aquele seria o homem de sua vida:

“Ela estava inquieta, com uma coisa no peito... Era um alvoroço que nunca sentira antes. Por mais que fizesse, não podia esquecer o homem que vira aquela manhã no cemitério. Sabia que se chamava Rodrigo e que estava hospedado no rancho do Nicolau, ali do outro lado da praça, bem defronte a sua casa. Pensava na voz dele e sentia um calor no corpo. Não, não era bem calor. Era um amolecimento morno, uma vontade de... de que mesmo? Ela não sabia direito. Melhor: sabia mas não *queria* saber e só de pensar nisso corava, ficava perturbada, errava o ponto do bordado. Ainda bem que os outros ignoravam o que ela estava pensando e sentindo...”⁸⁵

“No entanto, o desconhecido que ela vira aquela manhã no cemitério (Será mau agouro?) não lhe saíra da lembrança.”⁸⁶

“Bibiana tentou concentrar a atenção no que estava fazendo, mas não conseguiu. Não via o bordado: via a cara do Cap. Rodrigo. Aqueles olhos azuis tinham um fogo, uma coisa que puxava a gente, bem como um atoladouro. Eram olhos que davam medo e ao mesmo tempo atraíam.”⁸⁷

Para Bibiana, Rodrigo trazia um pressentimento de desastre e prazer, ao mesmo tempo. E, para Rodrigo, a idéia de casamento também era um desastre, uma prisão, uma espécie de morte, mas pensava que, com Bibiana, poderia não ser tão desagradável nem impossível. E, além disso, era a única forma de possuí-la, desejo alimentado desde o primeiro momento em que a viu, indício do quanto a voracidade sexual impulsiona a personagem do Capitão Rodrigo. Apesar dessa característica, assume para si, para o Padre Lara e para a família Terra gostar mesmo de Bibiana e ter sérias intenções a seu respeito.

O casamento com o Capitão Rodrigo Cambará foi, a princípio, motivo de extrema felicidade para Bibiana. Sentia-se feliz com as funções de esposa que, aliás, eram as mesmas observadas em sua mãe: cuidar da casa, cozinhar, lavar roupas, cuidar dos bichos do quintal, cuidar do marido, homem tão extremamente diferente de seu pai. Para ela, tudo era tão bom – o amor, a felicidade, o sexo – que chegava a lhe parecer errado.

⁸⁵ VERISSIMO, *op. cit.*, p. 193.

⁸⁶ *Idem, op. cit.*, p. 195.

⁸⁷ *Ibidem.*

“Era por tudo isso que Bibiana não se habituava à nova situação. Tudo era bom demais para ser verdade. Tinha agora seu marido, sua casa, sua liberdade... Mas Rodrigo era tão diferente do pai, tão alegre, tão descuidado, tão barulhento, tão engraçado, que ela às vezes ficava com a impressão de que estava – ainda para usar uma frase de Pedro Terra – levando uma vida de “gente louca” e que portanto essa vida não era decente nem podia durar.”

“Mas havia sempre de mistura com seus prazeres e êxtases um elemento secreto de inquietação – não só o pressentimento de que aquilo tudo não podia durar como também a desconfiança de que aquele tipo de amor não era direito, não devia existir entre marido e mulher.⁸⁸

Quando Bibiana engravidou pela primeira vez, veio também o medo de perder o marido, visto que sabia estar ficando menos atraente, e o medo do parto. Apesar disso, a maternidade tornara-lhe “mais adulta, mais mulher”⁸⁹, amadurecimento fruto da gravidez e da futura responsabilidade que um filho lhe acarretaria.

Ao contrário do que ocorreu com Ana Terra, que não desejara ficar grávida, Bibiana tinha orgulho do filho que carregava no ventre: “Ela estava satisfeita e orgulhosa por trazer dentro de si um filho do Cap. Rodrigo Cambará”⁹⁰. A concepção desse filho fora, para Bibiana, planejada, diferentemente do que houve com a avó, Ana, que não desejara o filho, chegando até mesmo a rejeitá-lo em princípio. Aí reside a grande diferença entre a concepção de Pedro Terra e de Bolívar Terra Cambará: a primeira significou o pecado, o proibido, a transgressão da regra, enquanto a segunda representou a realização de um projeto, a prova da fertilidade, da mulher gaúcha parideira que deseja estender, através de seu filho, o homem que ama, o seu sobrenome, as suas características de homem gaúcho guerreiro.

Claro está que, apesar de não ter desejado seu filho, fruto de um amor ilegítimo, e de tê-lo, a princípio, rejeitado, Ana foi capaz de exercer seu papel de mãe muito bem, principalmente quando se viu num lugar onde ninguém conhecia seu passado então considerado profano. Já com Bibiana não houve necessidade de mudanças, de redimir-se

⁸⁸ VERISSIMO, *op. cit.* p. 253 e 254.

⁸⁹ *Idem*, p. 255.

⁹⁰ *Id.*, p. 256.

perante a sociedade, uma vez que sua gestação fora fruto de um relacionamento aceito socialmente, digno. Ana não via futuro para si com a gravidez, enquanto que Bibiana via seu futuro garantido através dela.

E, na primeira vez que seu bebê se mexeu dentro de sua barriga, pensou na possibilidade de ser um menino e de ele herdar o gênio do pai, Rodrigo. Como acontecera com a avó, lhe agradava a idéia de ter dentro de si uma reprodução do homem que amava, fato que Béatrice Marbeau-Cleirens⁹¹ exemplifica como quando a mãe vê no filho a cópia do homem que ama, o que dá à atitude materna um leve reflexo do sentimento amoroso.

O primogênito de Bibiana e Rodrigo nasceu no dia dois de novembro, dia de finados, mesma data na qual o casal se vira pela primeira vez, o que fez Bibiana cogitar se não seria sinal de mau agouro. O nome Bolívar, escolhido pelo pai, não agradou a mãe, que preferiu ainda acatar o desejo do esposo. Em seguida, no texto, há vários trechos nos quais a mãe Bibiana aparece embalando, ninando (com cantigas aprendidas de Ana Terra) e acalentando o filho, responsabilidade que cabia somente a ela, uma vez que Rodrigo aproximava-se do filho apenas para brincar e exhibir aos outros.

O maior temor de Bibiana era com relação ao futuro do filho, caso viesse a seguir os passos do pai. Sabia que teria de esperar e ter medo por causa de dois homens e não mais por causa de apenas um. “Imaginou o que seria sua vida no dia em que Bolívar crescesse e saísse a correr mundo com o pai.”⁹² Assim como os sentimentos direcionados a Rodrigo refletiram-se em Boli, as preocupações que tinha com relação ao marido também refletiram-se no filho.

Bolívar era ainda bem pequeno quando Bibiana teve vontade de ter mais filhos, uma menina talvez, que lhe fizesse companhia. E, quando nasceu Anita, seu trabalho como mãe dobrara, pois Rodrigo não a ajudava com nada. Toda a responsabilidade com a casa e as duas crianças cabia a ela e,

⁹¹ MARBEAU-CLEIRENS, Béatrice. *O sexo da mãe e as divergências entre as teorias psicanalíticas*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 1989.

⁹² *Op. cit.*, p. 265.

além de todo o serviço da casa, tinha de cuidar de duas crianças pequenas. Bolívar, longe de diminuir-lhe o trabalho agora que já caminhava, criava-lhe mais problemas, pois andava a correr por toda a casa, saía pelo quintal a perseguir as galinhas e um dia virara sobre a cabeça um tacho cheio de marmelada a ferver.⁹³

De todas as personagens femininas do texto de Erico, Bibiana é a que mais aparece envolvida com as funções maternas triviais, tais como atender as crianças enquanto fiava, alimentá-las, lavá-las, entre outras. Essas atividades associadas às de cuidado com a casa “ajudaram-na a esquecer as lembranças tristes e um pouco o medo do futuro”⁹⁴. Essas lembranças tristes referidas são as da perda da filha Anita, enfrentada duramente em uma noite de inverno, enquanto Rodrigo jogava cartas e bebia longe de casa:

- A coitadinha está gelada... – murmurou [Bibiana], botando as costas da mão na testa de Anita.

D. Arminda inclinou-se sobre a neta, mirou-a longamente e depois murmurou:

- Essa criança vai morrer.

As palavras caíram como geada no peito da mãe. Por um instante se fez silêncio e as duas mulheres ficaram escutando o uivar do vento. D. Arminda acabava de dizer o que Bibiana temia, o que ela se esforçava por não reconhecer. Anita ia morrer. Era questão de dias, talvez de horas. Estava já ficando fria e roxa. De súbito, como que compreendendo o horror da situação, Bibiana precipitou-se para a filha, encostou o rosto no peito dela e procurou escutar-lhe as batidas do coração.

- O coraçãozinho dela não está batendo mais, mamãe!⁹⁵

É justamente neste ponto, no qual Bibiana começou a sofrer as desilusões da vida (morte da filha, traições e abandonos do marido, dificuldades financeiras) que ela se fortaleceu e tornou-se obstinada por seus objetivos pessoais. Apresentou, então, um grande poder de recuperação e voltou a ter a sensação de felicidade com a outra filha que teve: Leonor. Como os Terra, sabia aceitar “os fatos com uma coragem resignada, e tinha vergonha de fazer cenas”⁹⁶ e, como Ana, acabara tornando-se incrédula em função das tantas coisas

⁹³ *Idem*, p. 267.

⁹⁴ VERISSIMO, Erico. *Op. cit.*, p. 288.

⁹⁵ *Idem*, p. 284.

⁹⁶ *Idem*, p. 293.

ruins que vivera, tendo consciência de que “coisas boas nunca aconteciam. Por isso nem pedia”⁹⁷.

Para a sociedade patriarcal retratada por Erico, nada havia de errado nas traições de Rodrigo, desde que Bibiana se mantivesse fiel, pois a família monogâmica, então, baseava-se no poder concedido ao homem – e não à mulher –, “com a finalidade precípua de procriar filhos de paternidade incontestada”⁹⁸. Nessas famílias, a autoridade e o poder do pai são apoiados pela sociedade, já que é ele quem provê sua família economicamente.

Depois da morte do marido na guerra, vê-se surgir uma Bibiana renovada, como Ana depois do ataque dos castelhanos. Ela sentia-se como “seca por dentro, incapaz de qualquer sentimento. No entanto, a vida continuava” e “outra verdade poderosa era a de que ela tinha dois filhos e havia de criá-los direito, nem que tivesse de suar sangue e comer sopa de pedra”⁹⁹.

Essas atitudes de força e de coragem criadas por Erico para suas personagens femininas representam a possibilidade de adesão afetiva e intelectual do leitor pelos mecanismos de identificação, projeção e transferência. Essas personagens (Ana, Bibiana e as que seguem) são o elemento vivo do romance, cuja leitura depende basicamente da aceitação da verdade do personagem por parte de quem lê¹⁰⁰.

É toda essa obstinação que lhe dá forças, posteriormente, para lutar pelo que entende ser seu de direito: o Sobrado de Aguinaldo Silva e de sua filha Luzia, construído nas terras pertencentes antes a Pedro Terra e perdidas em função de um empréstimo não pago pelo ex-proprietário. A maneira encontrada por Bibiana para poder tomar para si o Sobrado é através do filho Bolívar, apaixonado por Luzia. Uma vez casados, a casa voltaria a pertencer aos Terra.

⁹⁷ *Idem*, p. 302.

⁹⁸ CANEVACCI, Massimo (org.). *Dialética da família*. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 74.

⁹⁹ *Passim* VERISSIMO, p. 308 e 309.

¹⁰⁰ CANDIDO, Antonio (*et. al*). *Personagem de ficção*. 10.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002, p. 54.

A partir disso, percebe-se que a influência de Bibiana sobre o filho Bolívar é bastante marcada no texto. Embora adulto, ele ainda sente-se bastante dependente da proteção da mãe, o que perdura até o fim de sua vida:

“Meu filho!”

Donde vinha aquela voz? Da direita? Da esquerda? De onde?

“Meu filho!” Quase sem sentir, como uma criança que tem medo da escuridão, ele gritou: “Mamãe!”

A memória então lhe voltou. Era Bolívar Cambará, estava em sua casa, em seu quarto e fazia tempo que se deitara para dormir. Mas o medo ainda lhe comprimia o peito, e era mais terrível ainda porque ele não conhecia a causa. Alguma coisa o fizera soltar um grito e acordar assustado, alguma coisa que decerto estava agora escondida num dos cantos do quarto escuro... Por isso a voz da mãe era uma esperança de socorro. Ele queria luz: ele queria a mãe.

Uma porta se abriu e Bibiana apareceu com uma vela acesa na mão. A chama alumia-lhe o rosto. E por um segundo Bolívar de novo voltou à infância. Pareceu-lhe até sentir o cheiro de óleo da lamparina. O rosto da mãe lhe deu a sensação de segurança de que ele precisava. Seu primeiro ímpeto foi o de caminhar para ela, buscando a proteção de seus seios, de seus braços, de seu ventre. Para ele mãe e luz eram duas coisas inseparáveis. Quando menino, muitas vezes acordava assustado no meio da noite, começava a chorar e só se acalmava quando a mãe acendia a lamparina e o tomava nos braços para o embalar.¹⁰¹

Apesar do nome remeter primeiramente a um herói da História da América Latina – o famoso Simon Bolívar, líder das independências da Venezuela, Colômbia, Equador e Bolívia – assim como nesse trecho citado, outros aparecem nos quais Bolívar demonstra sua insegurança enquanto homem, sua sensação de abandono quando a mãe não está por perto, transferindo, posteriormente, à esposa Luzia. No episódio de seu noivado, ocorrido no mesmo momento da execução de seu amigo Severino, o rapaz põe-se a chorar e quem o defende é a mãe, pois “fosse como fosse, ela estaria sempre junto dele para ampará-lo e dar-lhe conselhos”¹⁰².

Bolívar vê a mãe como uma pessoa triste e sofrida em consequência da “sina das mulheres da Província”, onde Bibiana é o tipo de mãe que corresponde às expectativas da

¹⁰¹ *Idem*, p. 336-337.

¹⁰² *Ibidem*, p. 368.

sociedade patriarcal da época, ou seja: mantém-se fiel ao marido – mesmo depois de morto – e dedica-se com avidez à sua função materna, mais particularmente com relação a Bolívar, visto que Leonor quase não tem destaque no texto. Para Bibiana, assim como antes fora para Ana, “cuidar da terra é mais do que parece, cuidar da terra é cuidar da descendência e da manutenção da sobrevivência, que é, afinal, o que importa e o que concerne às mulheres”¹⁰³.

Essa manutenção da sobrevivência acontece particularmente na conquista do Sobrado, feita através do filho, a qualquer custo, e de tudo o que o local representava: a história de sua família, seu passado, o lugar onde Ana Terra vivera, onde a própria Bibiana noivara, onde o pai, Pedro, plantara suas árvores. Pensando nisso,

Estava resolvido: ia tomar o Sobrado. Não de assalto, aos tiros, como o Cap. Rodrigo. Agora não havia nenhuma pressa. Era mulher, tinha paciência, estava acostumada a esperar...Que era um ano, dois anos, dez anos? Um dia Aguinaldo morre, Bolívar fica de dono de tudo, eu volto pras minhas árvores, vou ver nascer os filhos de meu filho, vou ajudar a criar meus netos...¹⁰⁴

E durante todo o tempo do noivado do filho, Bibiana gentilmente o empurrava para o futuro ao lado de Luzia, apesar da sensação de “náusea, medo e impotência” que o rapaz sentia perto da noiva. Além disso, havia também a situação da execução de Severino no mesmo horário da comemoração desse noivado, sugestionando claramente que aquele compromisso com Luzia era uma forma de enforcamento, de morte para Bolívar.

Sobre isso, Schüler bem constata que

O momento decisivo na vitória dos Cambarás é o casamento de Bolívar com Luzia, dona do Sobrado e de uma grande fortuna. Este casamento é uma ardilosa maquinação de Bibiana. Na execução tenaz de seu plano, não lhe interessa a felicidade do filho. Obediente aos planos da mãe e às decisões de sua noiva, Bolívar se despersonaliza. Entra no casamento como um animal de sacrifício. A este preço os Cambarás conquistam fortuna e poder.¹⁰⁵

¹⁰³ ALMEIDA, Lélia. *op. cit.* p. 49.

¹⁰⁴ VERISSIMO, *op. cit.* p. 368.

¹⁰⁵ SCHÜLER, Donaldo. *Op. cit.* p. 170.

Com o casamento de Bolívar e Luzia, conforme o planejado, Bibiana mudou-se para o Sobrado e, após a morte de Aguinaldo, instalou-se uma batalha doméstica entre Bibiana e a nora pelo comando da casa, de Bolívar e de Licurgo, filho do casal. Como constatara o próprio personagem do doutor Winter, presente em toda essa segunda parte de *O Continente*: “sogra e nora nunca se entendem, principalmente quando moram na mesma casa”¹⁰⁶. E Bibiana e Luzia vêm para acentuar essa crença popular corrente.

Bibiana via a nora como alguém não pertencente àquele lugar, nem àquele chão, tampouco àquela família. Após ter alcançado seu grande objetivo – conquistar o Sobrado através do casamento do filho – Bibiana não via mais propósito algum em ainda manter Luzia por perto. Para ela, a nora era total e completamente dispensável. Vê-se, nas atitudes de Bibiana, o ciúme que ela tem da nora com relação ao filho, sentindo-se ameaçada por ela, por sua beleza, por seu talento musical e literário, por sua influência sobre Bolívar. Para justificar seus próprios atos e pensamentos, Bibiana acusa Luzia freqüentemente de bruxa, assanhada, sem-vergonha, mulher perdida, louca e outros adjetivos pejorativos dessa natureza.

Entendendo essa rivalidade, compreende-se o comportamento da mãe de Bolívar com relação à nora, que era ríspido, seco e carregado de desdém. Usava do argumento altruísta de ter sujeitado o filho àquela situação para garantir-lhe o Sobrado e todas as posses que viriam junto com ele, quando, na verdade, ela mesma é quem queria ter, a qualquer custo, o título de dona do Sobrado – e o consegue sacrificando o próprio filho.

Visto que Bibiana não poupa esforços para conseguir o que quer, ou seja, o controle do Sobrado e a continuidade da família através de Licurgo, por vezes ela usa de subterfúgios escusos para vencer sua batalha pessoal contra Luzia, como no caso do fazendeiro de café, seriamente interessado pela Teiniaguá, mas afastado dela propositadamente por Bibiana.

Por isso a premissa de que ninguém – nem nenhuma das personagens aqui abordadas – é totalmente mau nem totalmente bom. Todos apresentam momentos, ou melhor, traços de

¹⁰⁶ VERISSIMO, *op. cit.* p. 405.

bondade e traços de uma certa malvadeza. Bibiana é a prova disso. Tanto que seu sobrinho, Florêncio Terra, duvida e sente-se ofendido pelo Dr. Winter quando este lhe expõe a constatação de que a posse do Sobrado fora algo totalmente planejado pela tia, o que era verdade.

É interessante o fato de que quem primeiro percebeu a gravidez de Luzia e a relatou ao médico da família fora Bibiana, pois tinha muito medo de que a nora, com a índole que parecia ter, pudesse abortar o bebê. Ela ficou sabendo da gravidez por méritos próprios, pela experiência que tinha em reconhecer mulheres grávidas, ou seja, ninguém precisou lhe contar. Com o medo latente de que sua esperança de continuidade da família – um filho de Bolívar – não obtivesse êxito, pensara na conveniente solução de internar a nora, resolvendo seus problemas e garantindo seu controle sobre o Sobrado, o filho e o neto.

Por aí se pode constatar que Bibiana estava realmente disposta a tudo para vencer a “carreira” – metáfora utilizada por Dr. Winter para descrever a disputa entre sogra e nora – que ela própria travara contra Luzia. Nessa concorrência, acabou sendo Bibiana quem deu a notícia da gravidez de Luzia a Bolívar, função pertencente à esposa e não à mãe do homem que se tornará pai. Como essa, várias outras atitudes apresentadas por Bibiana são assumidas em lugar da nora. Por isso, há uma insinuação por parte dela de que Luzia, naquele triângulo, teria o papel de “a outra”, “a rival”, quase como uma amante de seu filho, e não esposa legítima que era.

Bibiana tinha consciência de que interferia na vida do casal, mas não se preocupava com isso desde que Bolívar estivesse bem. Portanto, para ela, o ideal seria a morte de Luzia, com a qual Boli sofreria por um tempo, mas, a seu ver, se recuperaria, tendo a mãe ao lado para apoiá-lo. Essas idéias de morte da nora tornaram-se mais frequentes quando o jovem casal encontrava-se em Porto Alegre e, nessa ocasião, espalhou-se a peste pela capital. Bibiana, que ficara cuidando do neto em Santa Fé, imaginava o velório da nora, o sofrimento

do filho, mas com alívio. O que lhe apavorava era pensar que talvez não fosse a nora a morrer, mas o filho. Nessa segunda hipótese, havia a possibilidade de perder o neto definitivamente.

Bibiana olhava para Licurgo, seu único neto, com o pensamento em seu futuro de homem Terra Cambará, sem nenhuma característica que pudesse herdar da mãe. Depositava no menino todas as expectativas de continuidade da família e, por isso, fazia questão de tomar conta pessoalmente da educação da criança. Usou inclusive o argumento da peste, aproveitando-se do momento delicado pelo qual a família passava, para privar Luzia de ver seu filho.

Por isso Flávio Loureiro Chaves afirma que “o verdadeiro combate de *O Continente* – e o mais cruel de todos – não foi travado nas coxilhas, mas no interior do Sobrado, entre Bibiana e Luzia, entre a Terra e a Teiniaguá”¹⁰⁷. Referindo-nos novamente às palavras que Erico caracteriza como do Dr. Winter, “Bibiana odeia a nora com a mesma força com que amava o filho”, o que explica suas atitudes por vezes radicalmente cruéis com relação à Luzia.

Depois da morte de Boli, a luta entre as duas mulheres pelo domínio do Sobrado e de Curgo tornou-se muito mais acirrada. Em vista de um certo isolamento de Luzia, Bibiana de fato assumiu para si as responsabilidades maternas pelo seu neto. Cada pequena permissão necessária a Licurgo era dada pela avó, como, por exemplo, aprender a domar potros e apostar carreiras. Ela educou o neto para que não se desfizesse das posses adquiridas – por ela – até ali, para que não se desfizesse das terras conquistadas. Ensinou-lhe também que um homem completo tinha de casar e ter muitos filhos – garantia de continuidade da família, do legado Terra Cambará.

Esses são alguns dos motivos que levaram o Dr. Winter, imigrante alemão que acompanha de perto o que ocorre no Sobrado, a classificar Bibiana como uma mulher prática. Fizera tudo o que fizera por uma questão de praticidade: queria as terras que outrora pertenceram ao pai e à avó, Ana Terra, queria riqueza de posses e queria passar isso adiante

¹⁰⁷ CHAVES, Flávio Loureiro. *Op. cit.* p. 81.

para as gerações da família que esperava virem. Para tanto, estava disposta a tudo, inclusive a perder o filho.

Bibiana expõe seu objetivo claramente ao Dr. Winter quando diz: “Mas é que não costumo deixar nenhum trabalho pela metade. Quando começo um bordado, termino ele nem que leve dez anos. Se eu morrer antes de ver o Curgo homem feito, casado e com filhos, então é porque não adiantou nada pra ninguém eu ter vindo a este mundo.” Ao que Winter conclui, sobre Bibiana e Luzia:

Estão jogando uma carreira. [...] Não em cancha reta, mas numa cancha cheia de curvas. A raia da chegada é a morte. Só que nessa carreira quem chegar primeiro perde... [...] O Sobrado e o menino. [...] O que mantém aquelas duas mulheres juntas na mesma casa é a esperança que uma tem de que a outra morra primeiro. [...] Se Luzia morrer, o problema se resolve. D. Bibiana fica com o menino e com o Sobrado e pode assim governar os dois como bem entender. [...] D. Bibiana é uma mulher prática. Aguinaldo Silva tomou a terra do pai dela por meio de uma hipoteca. Ela recuperou a terra por meio dum casamento.¹⁰⁸

Bolívar acompanhava de perto a batalha entre a mãe e a esposa e não se sentia confortável com isso. Estava constantemente dividido entre as duas, não sabendo de que lado ficar. Tanto que afirmou preferir a guerra dos campos àquela que tinha de enfrentar dentro de casa. Chegou a ter medo de ficar louco com tudo o que vivia, percebendo que, no Sobrado, cada um estava ilhado dentro de si mesmo. Suas duas mulheres – a mãe e a esposa – viviam preocupadas com seus próprios problemas domésticos e com sua disputa pessoal e ele, Bolívar, o homem da casa, estava perdido entre as duas.

Bibiana disputava a atenção de Bolívar com a nora e usava de sua influência sobre o filho para colocá-lo contra a esposa. Ela tinha respostas e comentários gratuitamente grosseiros para com Luzia e, com isso, foi assumindo o posto de senhora do Sobrado e manipulando as atitudes de Bolívar também. Assumiu a representação da grande-mãe,

¹⁰⁸ VERISSIMO, *op. cit.* *Passim* 488.

simbolizada pela terra, pela natureza, pela árvore frutífera, enquanto coloca a nora como a madrasta da história, aquela que é a grande adversária¹⁰⁹.

A morte para ele representou uma fuga da vida sobre a qual não tinha controle. Quando Bolívar estava saindo de casa para enfrentar os inimigos, Bibiana o confundiu com o Cap. Rodrigo. Ana também cometera o mesmo engano com Pedrinho, o que demonstra a transferência de amores feita por essas mulheres de seus maridos para seus filhos. Assim como ela percebera que seu Capitão seria morto em combate, sabia que perderia o filho naquele momento também. E, em sua última tentativa de protegê-lo, gritou na janela para que não atirassem no “menino”, pois, para aquela mãe, o filho, mesmo adulto e pai de família, era ainda um menino que necessitava de sua proteção.

A presença de Bolívar se fez sentir ainda no restante dos dias solitários de Bibiana. Depois de Licurgo ter se tornado um rapaz feito, que passava a maior parte do tempo na estância, ela e a nora ficavam sozinhas no Sobrado e isoladas uma da outra. Assim, Bibiana imaginava a presença do filho fazendo-lhe companhia e chegava até a conversar com ele em seus devaneios. Punha o prato de Bolívar na mesa para não parecer estar fazendo as refeições sozinha, mesmo sob o olhar desconfiado das empregadas da casa.

Para ela, foi muito sofrido ter perdido o filho, mas fazia questão de agüentar o sofrimento em função de seu objetivo claro, que continuaria lhe exigindo dedicação e lucidez: dar continuidade à família através de Licurgo e manter-se no Sobrado. Esse Sobrado é colocado no texto com tamanha presença e grandeza, que é certamente considerado como um dos personagens de Erico. Há uma passagem em que o Sobrado aparece como uma filha de Bibiana¹¹⁰, necessitando dos carinhos e dos cuidados da mãe. E isso faz todo o sentido, uma vez que essa mãe representada por Bibiana realmente adota o Sobrado como fruto seu e vê

¹⁰⁹ LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. Trad. Mario Krauss e Vera Barkow. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

¹¹⁰ VERISSIMO, *op. cit.* p. 540.

nele sua esperança de permanência da família, sua garantia de continuidade dos Terra Cambará.

Bibiana abre mão do convívio com o resto da família – o irmão, o sobrinho, a própria filha Leonor – em prol desse objetivo. Ela sabe que está em guerra dentro do Sobrado, uma “guerra miudinha, dia a dia, hora a hora...”, para a qual a maior arma é a paciência:

Mais do que a paciência – refletiu Winter – as mulheres tinham uma constância feroz no ódio. Não era um ódio que se concentrasse todo num ímpeto para produzir um gesto de selvagem violência. Diferente do ódio dos homens, que se fazia labareda devastadora, mas se extinguia logo, o ódio das mulheres era uma brasa lenta que ardia, às vezes escondida sob cinzas, e que durava anos, anos e anos...¹¹¹

Bibiana passou pelos sofrimentos e pelas desventuras da vida amparada pelo trabalho e conformou-se com sua vida de amarguras porque, na sua opinião “a sina dos Terras é passar trabalho”. E sabe ter herdado a força e a saúde de sua família, principalmente de sua avó, Ana Terra: “Minha avó também nunca ficou doente de ir pra cama. E passou o diabo.”¹¹² Ela não tinha medo de morrer, nem tinha medo dos mortos, mas dos vivos e do que eles eram capazes.

É perceptível que Bibiana não se achava merecedora de coisas boas, de pequenas felicidades, pois desconfiava de todas elas. Sentia-se fadada a sofrer, a passar trabalho a vida inteira e, por consequência desse pensamento, nota-se, na personagem, a falta de fé em Deus e em seus santos, nos quais outrora confiara. Chega inclusive a comparar seu Deus a Luzia, pois vê, na criação divina, a crueldade de quem gosta de assistir ao sofrimento alheio. “Tratava os santos de igual para igual e em certas ocasiões revoltava-se contra eles com o mesmo fervor com que noutras lhes invocava a ajuda”¹¹³.

Bibiana é, na verdade, bem como constatou seu pai, Pedro Terra, uma continuação de Ana Terra. Ana continua a existir através de Bibiana, de suas falas e de suas atitudes de

¹¹¹ *Idem*. p. 539.

¹¹² VERISSIMO, *op. cit.* *Passim* 537 e 538.

¹¹³ *Idem*, p. 532.

preservação familiar. A força e o diferencial dessa personagem começa a aparecer já quando ela se nega ao casamento conveniente com Bento Amaral, quando enfrenta todos os seus problemas matrimoniais e pessoais totalmente sozinha e, por fim, quando consegue apoderar-se do Sobrado.

Pode-se afirmar que Bibiana assume para si características Cambará de seu Capitão Rodrigo, só que de um modo feminino, tornando-as úteis na guerra que ela teve de enfrentar dentro do Sobrado. Tais características (força, coragem, bravura) provavelmente já lhe pertenciam, mas afloraram de fato depois da morte do marido, quando Bibiana precisou assumir as funções provedoras dele e, junto disso, assumiu também a postura de chefe da família até o fim de seus dias.

Ela teve não apenas o controle sobre seu filho Bolívar, sobre suas ações, como também sobre seu neto, Licurgo, sobre seus empregados, sobre o Angico, o Sobrado e, de forma um pouco mais trabalhosa, sobre a nora. Mesmo depois de velha e com a visão bastante debilitada, Bibiana continuou controlando tudo o que se passava dentro do Sobrado e, de maneira mais sutil, influenciando os acontecimentos familiares.

Por isso que, com sua morte, ou seja, com a morte do “chefe da família”, todo o resto do grupo começa também a morrer. Aquela morte acaba dispersando uma parte do que havia sido construído até ali, que teve início com Ana. É a partir de então que se começa a perceber a decadência na qual entra a família Terra Cambará. Por mais que Maria Valéria, Flora e Sílvia tentem dar continuidade ao legado instaurado por Ana e Bibiana, os homens – especialmente o Dr. Rodrigo Cambará – contribuem consideravelmente na perda – e não na manutenção – dos bens que lhes cabiam.

A importância de Bibiana dentro d’*O tempo e o Vento* está justamente em sua grande conquista e demarcação de território e de seguimento da família através de Licurgo. Ela

representa a ligação entre Ana Terra e todo o resto da família que irá se formar a partir de Curgo, único elo existente para que o clã Terra Cambará tenha continuidade.

Desse modo, é através de Bibiana que toda a história narrada se faz possível, pois ela faz com que o universo originado em Ana Terra permaneça, apesar de Luzia, constante ameaça a essa ordem. Esse mundo iniciado por Ana vigora através de Bibiana, transmissora dele para as outras mulheres que a seguirão, a começar por Maria Valéria, herdeira direta das influências da tia.

Enquanto tínhamos em Ana uma mãe selvagem, que concebera seu filho na sanga, dando vida ao mito do feminino arcaico, temos, com Bibiana o símbolo da mãe-resistência, a mãe que, como chefe da família, conserva seu patrimônio, mantendo, além dos valores materiais, os imateriais, transmitidos pessoalmente a Bolívar, a Licurgo, a Maria Valéria. Ela é o elo vivo entre as gerações da família, pois convivera com a avó, Ana, e permanecera viva a ponto de conhecer também os descendentes de seu neto, ou seja, Toríbio e Rodrigo.

Os dois tipos de mãe até aqui representados são de extrema relevância no texto, pois um depende do outro, ou seja, não haveria uma mãe que preservasse se não houvesse a mãe desbravadora inicialmente. Por isso também entendemos que Bibiana é uma mãe “duas vezes Ana”, pois, além de fazer novas conquistas, mantém o que a avó adquirira e passa isso adiante para as outras gerações que a seguem.

A MÃE SECA

Melpômene, Melpômene... Sim, Luzia lhe evocava a musa da tragédia. Havia naquela bela mulher de dezenove anos qualquer coisa de perturbador: uma aura de drama, uma atmosfera abafada de perigo. Winter sentira isso desde o momento em que pusera os olhos nela e por isso ficara, com relação à neta de Aguinaldo, numa permanente atitude defensiva. Numa terra de gente simples, sem mistérios, Luzia se lhe revelara uma criatura complexa, uma alma cheia de refolhos, uma pessoa, enfim – para usar da expressão das gentes do lugar – “que tinha outra por dentro”. Ao conhecê-la, Winter ficara todo alvoroçado como um colecionador de borboletas que descobre um espécime raro no lugar mais inesperado do mundo. Ao contrário, porém, do que sentiria um colecionador, não desejou apanhar aquela borboleta em sua rede; ficou, antes, encantado pela idéia de seguir-lhe o vôo, de observá-la de longe, viva e livre. Que mistérios haveria dentro daquela cabeça bonita?

Boas coisas não havia de ser – concluía ele. O instinto lhe insinuava isso. Lembrou-se de seu professor de clínica, segundo o qual em Medicina, como em tudo mais, o instinto é tudo. Seu olho clínico, ou seu sexto sentido fazia soar uma sineta de alarme toda a vez que ele via Luzia Silva. E sempre que visitava o Sobrado, enquanto o velho Aguinaldo contava com sua voz cantante histórias do sertão pernambucano, ele ficava a examinar furtivamente, com olhares oblíquos, a menina Luzia. Que tinha ela de tão estranho? Talvez os olhos... Eram grandes e esverdeados... Ou seriam cinzentos? Era difícil chegar a uma definição, pois lhe parecia que eles mudavam de cor de acordo com os dias ou com as horas. Possuíam uma fixidez e um lustro de vidro e pareciam completamente vazios de emoção. Winter descobrira que Luzia fitava as pessoas com a mesma indiferença com que olhava para as coisas: não fazia nenhuma distinção entre o noivo, uma mesa ou um bule. Pobre Bolívar! Winter achava absurdo que duas pessoas tão desiguais estivessem para casar, morar na mesma casa, dormir na mesma cama e juntar-se para produzir outros seres humanos. Bolívar mal sabia ler e assinar o nome: era um homem rude. Carl não acreditava que Luzia o amasse; para falar a verdade não a julgava capaz de amor por ninguém... Quanto ao rapaz, era natural que estivesse fascinado por ela. Winter sabia o quanto era difícil para qualquer homem que estivesse na presença de Luzia desviar os olhos de seu rosto. Reconhecia que ele próprio sentia pela senhora do Sobrado um certo desejo físico. Era, porém, um desejo sem ternura, um desejo frio e perverso.¹¹⁴

Referenciando uma das nove musas da mitologia grega, filha de Zeus e de Mnemósine – deusa protetora da memória – Melpômene é considerada a musa da tragédia grega¹¹⁵. Ao fazer a transferência desse mito ao ambiente de Santa Fé, criado por Erico, a personagem do

¹¹⁴ VERISSIMO, Erico. *Op. cit.* p. 352-353.

¹¹⁵ BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, v. III, 1998.

Dr. Winter atribuiu à Luzia Silva o título de *musa da tragédia* provinciana que ele acompanhava de perto no vilarejo.

Uma musa é reconhecidamente inspiradora das Ciências e das Artes e, no caso dessa em específico, ela inspiraria a tragédia, entendendo-se que esse segmento artístico seja “um poema que, por meio de personagens heróicos, através do movimento das paixões humanas, em geral focando temas lendários e históricos, desperta altas e fortes emoções, culminando sempre num desfecho triste”¹¹⁶. Com base nesse conceito, pode-se criar a expectativa, com relação a essa personagem feminina, de que, em torno dela, haverá conflitos e, possivelmente, desfechos inesperados, tristes ou, no mínimo, diferentes do que se estava tendo até então.

Assim como essa intertextualidade com a mitologia grega sintetiza a personagem de Luzia Cambará, também é ponto marcante no texto a partir do qual Erico passa a ampliá-lo, representando as forças universais que regem os acontecimentos de um modo geral. É a contar daí que o autor contrasta a força de preservação – até então representadas por Ana Terra e Bibiana – e a força de destruição, que agora tem sua representante em Luzia.

No decorrer do segundo tomo de *O Continente*¹¹⁷, o leitor realmente se depara com um desenho de personagem imprevisível, misterioso e, ao mesmo tempo, curioso e cativante. Erico traz a seu texto, com Luzia, uma caracterização de personagem feminina diferente das que haviam sido mostradas até ali, no sentido de que as idéias, as atitudes, as maneiras de Luzia chocam-se com o estabelecido anteriormente por Ana Terra e Bibiana Terra Cambará. Isso é percebido não apenas em seu papel de mulher, no texto, como também no papel de esposa e, muito especialmente, no papel de mãe.

O capítulo da trilogia dedicado a essa personagem tem como título “A Teiniaguá”, referência direta feita por Verissimo ao texto compilado por Simões Lopes Neto, intitulado

¹¹⁶ Enciclopédia Brasileira Globo. 10. ed. Porto Alegre: Globo, v. V, 1965.

¹¹⁷ VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento – O Continente II*. 27. ed. São Paulo: Globo, 1995.

“A Salamanca do Jarau”, parte de suas *Lendas do Sul*¹¹⁸. O texto, publicado em 1928, teve por fonte primeira o autor Daniel Granada e o padre Teschauer, conforme estudos de Augusto Meyer¹¹⁹. Esse último interpreta o texto de Simões como uma apologia clara à renúncia cristã e uma redenção pelo amor, o que conduz o leitor a uma idéia de predestinação, a qual já nos remetiam as tragédias gregas, também trazidas por Erico nesse capítulo.

Verissimo remete-se à lenda já com a personagem de Pedro Missioneiro¹²⁰, que conta a história dos mouros vindas ao Continente de São Pedro, trazendo junto uma fada em forma de velhinha. Chegando aqui, fizeram um trato com o diabo, que transformou a princesa moura numa teiniaguá, colocando, em lugar da cabeça do animal, uma pedra vermelha transparente, que era mágica. O diabo mostrou-lhe o lugar de todas as furnas que escondiam tesouros e ela, depois, fugiu-lhe.

O animalzinho reapareceu posteriormente, surgido do fundo de um lago, para um sacristão. Ele, por sua vez, levou a teiniaguá para sua cela, alimentando-a e cuidando-a. Até que o animal se transformou na princesa moura, de extrema beleza, fazendo-o apaixonar-se por ela. Nessa paixão, ele acabou embebedando-se com o vinho da igreja, fato descoberto pelos padres – que também sentiram cheiro de mulher no quarto – e, por isso, resolveram castigá-lo. Como o sacristão não confessou o que havia ocorrido, fora condenado à morte, mas, no momento em que iriam matá-lo, a teiniaguá surgiu, causando alvoroço e levando o condenado consigo para a Salamanca do Jarau.

Essa intertextualidade é justificada partindo do princípio de que Erico dispõe de traços em comum entre as personagens de Luzia Silva e da Teiniaguá – ou princesa moura – de Lopes Neto. Essas semelhanças podem ser notadas a começar pelo estrangeirismo dessas personagens. A origem de Luzia é para sempre uma interrogação não respondida, pois seu

¹¹⁸ LOPES NETO, João Simões. *Contos Gauchescos & Lendas do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 1998. (Coleção L&PM Pocket)

¹¹⁹ MEYER, Augusto. *Prosa dos Pagos*. Vol. 3. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943.

¹²⁰ VERISSIMO, Erico. *Op. cit.* p. 98-99.

suposto avô, Aguinaldo Silva, revela ao padre o fato de ter adotado a menina, ou seja, seu parentesco real não é identificado. A própria personagem de Aguinaldo aparece sem fonte definida, pois ninguém demonstra saber ao certo a naturalidade no forasteiro, tampouco a origem de sua riqueza: “Em Santa Fé ninguém sabia ao certo quem era Aguinaldo Silva. Claro, pela entonação da voz, via-se logo que era do Norte”¹²¹.

A falta de raízes, como se costuma dizer, é uma característica atribuída à Luzia que a difere totalmente de Ana e Bibiana, apresentadas no texto com um passado familiar e territorial que procuram constantemente preservar. Por isso, vê-se em Luzia o desapego à casa construída pelo avô e a incessante vontade de mudar de vida, mudar de cidade, simplesmente, mudar.

Tanto a Teiniaguá de Lopes Neto quanto Luzia vinham de um outro contexto geográfico e social que não aquele no qual se passa a narrativa. A princesa moura, como já diz sua designação, era descendente desse povo – os mouros – que ocupou a região da Andaluzia (repara-se na semelhança do nome da personagem de Luzia com o nome da região: Anda**Luzia**), na Espanha, e imigrou para o Rio Grande do Sul. Já Luzia provinha da corte, fora educada na capital, bem diferente ao que as outras moças de Santa Fé estavam acostumadas:

Quando Luzia deixou o colégio e mudou-se para Santa Fé, onde passou a ser a “senhora do Sobrado”, todos acharam que, mais do que ninguém, ela merecia o título. E durante muito tempo a neta de Aguinaldo Silva foi o assunto predileto das conversas da vila. As mulheres reparavam nos seus vestidos, nos seus penteados, nos seus “modos de cidade”, mas, bisonhas, não tinham coragem de se aproximar da recém-chegada, tomadas duma grande timidez e duma sensação de inferioridade. Em muitas esse acanhamento se transformava em hostilidade; noutras tomava a forma de maledicência. Luzia era bonita, era rica, tocava cítara – instrumento que pouca gente ou ninguém ali na vila jamais ouvira – sabia recitar versos, tinha bela caligrafia, e lia até livros. Os que achavam que Santa Fé não podia dar-se o luxo de ter um sobrado como o de Aguinaldo, agora acrescentavam que a vila também “não comportava” uma moça como Luzia.¹²²

¹²¹ VERISSIMO, Erico. *O Continente II*. p. 331.

¹²² *Idem*. p. 334-335.

Sendo tão inusitadamente diferente das outras moças da vila, Luzia despertava muito interesse nos jovens rapazes que, assim como se sentiam atraídos por ela, tinham também receio de uma possível aproximação ao desconhecido, alegando que “não tinham nascido para cornos”¹²³. Luzia representava uma afronta para Santa Fé, tal como o Sobrado onde residia. Todos reparavam nela e possivelmente a invejavam por tudo o que ela era, o que sabia e o que tinha. E por essa condição tão inatingível aos outros, alcançada naturalmente por Luzia, era vista como mau exemplo para as outras moças da cidade.

Assim também a princesa moura despertava admiração e cobiça aos outros, pelo fato de que “quem prendesse a teiniaguá ficava sendo o homem mais rico do mundo; mais rico que o Papa de Roma, e o imperador Carlos Magno e o rei de Trebizonda e os Cavaleiros da Tábula...”¹²⁴. Convertendo essa parte da lenda ao caso de Luzia, quem a desposasse, automaticamente passaria a ser o homem mais rico de Santa Fé, uma vez que herdaria as terras e a fortuna de origem duvidosa de seu avô – do qual era a única descendente viva – Aguinaldo Silva.

Vítima desse encantamento provocado pela beleza e pela natureza misteriosa de Luzia, Bolívar, filho de Bibiana, apaixonou-se por ela, assim como seu primo, Florêncio. Na opinião do primo, Bolívar sentia medo de Luzia e ele próprio sentia-se aliviado por não ter sido o escolhido pela moça, sabendo que ela estava se casando “por capricho ou por birra. [...] Amor não era, que Luzia não era mulher para isso.”¹²⁵

Bolívar, desde o princípio, mostrava-se “sôfrego, apaixonado, explosivo”¹²⁶ e sabia que o objeto de seus desejos possivelmente não lhe corresponderia da mesma maneira. Chegou a compará-la à figueira da praça de Santa Fé, sua companheira desde a infância e que, agora, para ele, parecia uma mulher virada de pernas para cima, e “ele ia amar Luzia como

¹²³ *Idem.* p. 335.

¹²⁴ LOPES NETO, João Simões. *Op. cit.* p. 166.

¹²⁵ VERISSIMO, Erico. *Op. cit.* p. 349.

¹²⁶ *Idem.* p. 335.

amara a figueira. Mas Luzia não era boa como a figueira. Luzia não era amiga como a figueira...”¹²⁷. Ele sabia que Luzia tinha valores diferentes dos seus e que ela era indiferente à morte de Severino, ocorrida na mesma hora de seu noivado: “Um homem ia morrer na forca, mas que era para aquela moça mimada a vida de um homem, de cem homens?”¹²⁸.

Aí reside mais uma característica de teiniaguá atribuída à Luzia. Conforme o texto de Lopes Neto, “a teiniaguá, que me enfeitiçou de amor, pelo seu amor de princesa moura, pelo seu amor de mulher, que vale mais que destino de homem!...”¹²⁹. Em *O Continente*, o destino que estava em questão não era o de Severino, que morreu na forca, mas o de Bolívar que, com seu noivado e posterior casamento com Luzia, abre mão da própria liberdade, da própria vida.

Ele passa da dominação materna a que sempre se sujeitou, como já relatado no capítulo anterior desse trabalho¹³⁰, à dominação por parte da esposa. Por vezes, sente a necessidade de estar com Luzia não para estar com a mulher, com a esposa, mas para ter “um seio onde repousar a cabeça cansada e chorar”¹³¹, atitude característica de uma criança que busca a mãe para se proteger. Assim, ele procura transferir a imagem de mãe, de proteção, de refúgio, de Bibiana para Luzia, que não lhe corresponde a essas expectativas.

É uma transferência frustrada não só da imagem de mãe, como da imagem de todas as outras mulheres decisivas de *O tempo e o vento*. Todas as outras têm a função de ventre acolhedor, de ventre materno que dá consolo, e não de ventre de fêmea que não abre mão de sua condição de mulher para ser mãe. Por isso, a atitude de Bolívar está sancionada no texto, uma vez que todas as outras mulheres até então representadas teriam correspondido à expectativa de assumir a função de mulher-consolo, mulher-mãe, que se doa ao marido e aos filhos incondicionalmente. Luzia, não.

¹²⁷ *Ibidem.* p. 345.

¹²⁸ *Id.*

¹²⁹ LOPES NETO, João Simões. *Op. cit.* p. 175.

¹³⁰ *Vide* p. 35 e 36.

¹³¹ VERISSIMO, Erico. *Op. cit.* p. 349.

Nova semelhança entre as duas personagens é que a teiniaguá da lenda tinha, em lugar da cabeça, uma pedra vermelha, transparente, com um brilho sob o sol que quase cegava. A isso se comparam os olhos de Luzia, que luziam e enfeitiçavam, como se vê nas palavras do Dr. Winter: “Luzia Silva devia ter mandinga naqueles olhos de réptil”¹³², sendo que é usada a expressão réptil justamente em alusão à lagartixa, à teiniaguá. “Ela tem olhos de mulher falsa”¹³³, alertou um concidadão, tentando explicar a magia que o olhar da moça exercia e que não se entendia, tal como o poder dos olhos da teiniaguá, de Lopes Neto, que “olhos de amor, tão soberanos e cativos, em mil vidas de homem outros se não viram!...”¹³⁴.

Os olhos de Luzia também lembram a própria cor da pele do réptil, verde: “Agora, à luz das velas, Winter via-lhes melhor a cor: eram verdes, não havia a menor dúvida, dum tom que o mar assume em certos dias de sol fraco”¹³⁵. Além dos olhos, outro elemento reparado pelo médico alemão suscita a pedra no lugar da cabeça da teiniaguá:

Achou-a perversamente linda. Estava ela sentada no sofá ao lado do noivo, vestida de crinolina verde, de saia muito rodada com aplicações de renda; tinha cravado nos cabelos dum castanho profundo grande pente em forma de leque, no centro do qual faiscava um brilhante. Winter pensou imediatamente na bela e jovem bruxa moura que o diabo, segundo a lenda que corria pela Província, transformara numa lagartixa cuja cabeça consistia numa pedra preciosa de brilho ofuscante. Como era mesmo o nome do animal? Ah! Teiniaguá. A sua Musa da Tragédia havia agora virado teiniaguá.¹³⁶

Assim como fora narrado acerca do sacristão, condenado por “ter dado passo errado com bicho imundo, que era bicho e mulher moura, falsa, sedutora e feiticeira”¹³⁷, Bolívar também, rendendo-se aos encantos de Luzia, teve sua condenação ao sofrimento, duradouro até o fim de seus dias. As características atribuídas à teiniaguá da lenda – falsa, sedutora e feiticeira – são também dadas à Luzia por outras personagens: Winter, Bibiana e o próprio

¹³² *Idem.* p. 359.

¹³³ *Idem.* p. 336.

¹³⁴ LOPES NETO, João Simões. *Op. cit.* p. 169.

¹³⁵ VERISSIMO, Erico. *Op. cit.* p. 396.

¹³⁶ *Idem.* p. 371.

¹³⁷ LOPES NETO, João Simões. *Op. cit.* p. 171.

Bolívar. Dr. Winter, por exemplo, associou Luzia a uma bruxa ao pensar em todos os percalços que ocorriam no Sobrado desde o casamento da moça com Boli. Bibiana seguidamente referia-se à nora como bruxa, como feiticeira e, por fim, como louca.

Essas atribuições comprovam o quanto Luzia representava a contradição ao padrão feminino sociológico e literário de *O tempo e o vento*. Sociológico porque, na sociedade rural patriarcal idealizada por Erico, não havia lugar para moças educadas na Corte, que sabiam ler e contestavam a sociedade tal como se apresentava. Literário porque os padrões de personagens femininas criadas para a trilogia não condiziam com as características diferenciadas de Luzia. Ela aparece, então, como uma afronta a tudo o que fora estabelecido pelas outras personagens femininas do texto e representa, constantemente, a força de destruição, contrária à de preservação das outras mulheres.

Visto estava que Luzia não se adequava aos padrões sociais da época retratada por Erico. Nesse caso, não havendo como dar uma justificativa lógica para as atitudes e idéias daquela estranha personagem surgida na vila, ficava mais fácil e mais conveniente taxá-la como louca. Já que ela “não queria ser como as outras mulheres que levam uma vida de escravas”¹³⁸, então, era louca. Resolvia isolar-se em seu quarto, com a companhia de sua cítara e de seus livros¹³⁹, e, com isso, também era chamada de louca. Imaginava como seria depois de sua morte, agradava-lhe falar sobre esse tema¹⁴⁰, então, era louca. Duvidava da religião cristã – preponderante naquele meio social – e dos ensinamentos da igreja católica¹⁴¹, era louca.

Ou seja, quaisquer que fossem suas atitudes, desde que se desviassem um pouco do esperado pela comunidade criada para Santa Fé, desde que estivesse fora do que até então se acreditava ser correto, já era razão suficiente para que tudo se justificasse por meio da

¹³⁸ VERISSIMO, Erico. *Op. cit.*, p. 417.

¹³⁹ *Idem*, p. 443.

¹⁴⁰ *Idem*, p. 518.

¹⁴¹ *Id.* p. 525.

loucura, algo ao qual não se dá muita explicação, atribuindo-se sua causa a “demônios e possessos”¹⁴². Uma vez que se utilizasse desse pretexto – a loucura – nada mais precisava ser dito nem explicado. Não há regras para os loucos e, nesse caso, alegando-se que Luzia era, simplesmente, louca, não havia necessidade de se tentar compreendê-la, de entender suas angústias ou os anseios de quem não se sente bem onde está, de quem não pertence ao lugar onde se vê obrigada a viver, como era seu caso.

Cabe lembrar que, nos estudos de Foucault¹⁴³, a loucura é vista como uma construção social, ou seja, o autor explica como a sociedade sempre se beneficiou do fato de excluir determinado grupo de pessoas de seu meio. A princípio, o motivo era a lepra, em seguida, as doenças venéreas e, quase dois séculos depois, a loucura passou a ser a razão para a exclusão social. Uma maneira conveniente de criticar altrem, isentando-se de culpa, era a denúncia da loucura, proposta pelo positivismo como a própria razão do homem. Sendo assim, não se caracteriza como uma doença do homem, mas como uma doença da própria sociedade. O autor argumenta:

De um lado, a loucura existe *em relação* à razão ou, pelo menos, em relação aos “outros” que, em sua generalidade anônima, encarregam-se de representá-la e atribuir-lhe valor de exigência; por outro lado, ela existe *para* a razão, na medida em que surge ao olhar de uma consciência ideal que a percebe como diferença em relação aos outros. A loucura tem uma dupla maneira de postar-se *diante* da razão: ela está ao mesmo tempo *do outro lado* e *sob seu olhar*. Do outro lado: a loucura é diferença imediata, negatividade pura, aquilo que se denuncia como não-ser, numa evidência irrecusável; é uma ausência total de razão, que logo se percebe como tal, sobre o fundo das *estruturas do razoável*. Sob o olhar da razão: a loucura é individualidade singular cujas características próprias, a conduta, a linguagem, os gestos, distinguem-se uma a uma daquilo que se pode encontrar no não-louco; em sua particularidade ela se desdobra para uma razão que não é termo de referência mas princípio de julgamento¹⁴⁴.

Com a gravidez, surge mais um motivo para Bibiana continuar alegando a suposta loucura de Luzia: a nora não revela que está grávida nem ao marido e nega essa possibilidade,

¹⁴² *Id.* p. 425.

¹⁴³ FOUCAULT, Michel. *História da loucura na Idade Clássica*. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1987.

¹⁴⁴ *Idem.* p. 184.

alegando que, se engravidasse, “botava o filho fora”¹⁴⁵. Como durante toda a narrativa dedicada a essa personagem, Erico não expõe o que se passa no psicológico de Luzia, ou seja, em nenhum momento o leitor fica a par do que ela sente, do que ela pensa, não há como se tomar conhecimento dos reais motivos da esposa de Bolívar para suas sentenças e seus atos. Quando o centro da narrativa estava nas outras grandes mulheres do texto, Ana e Bibiana, era possível acompanhar o suposto raciocínio delas e entender a lógica de suas atitudes. Agora, com Luzia, Verissimo faz questão de apresentar essa personagem sempre através de um olhar alheio, que não o dela. Sabe-se da “teiniaguá” através do Dr. Winter, de Bibiana, de Bolívar, de Licurgo, mas ela mesma nunca é colocada como narradora de sua própria história.

O único momento do texto no qual se tem contato com o pensamento e os sentimentos de Luzia se dá muito depois de sua morte, através da leitura de seu diário – diário esse que aparece com muitas folhas arrancadas, não se sabe por quem nem com que propósito – que revela sua insatisfação consigo mesma, com a vida que teve, sentindo-se punida pela maneira como estava morrendo:

Estou me acabando devagarinho. Ontem ainda me olhei no espelho. Eu era bonita, agora estou que nem caveira. Mas gosto de me olhar, e quando me vejo assim envelhecida, acabada, horrível, fico até alegre. Sempre que me enxergo no espelho digo pra mim mesma. “Bem-feito, Luzia, bem-feito.” Acho que nunca gostei de mim mesma e que toda a minha vida não passou dum suicídio lento, miudinho. Só não sei o que foi que fiz pra mim mesma para me odiar dessa maneira.¹⁴⁶

Essa ausência de voz não é percebida apenas em Luzia, como também em Ismália Caré, outra personagem que não corresponde às expectativas de esposa e de mãe da sociedade patriarcal criada pelo autor. O efeito disso é que personagens como Luzia, protagonista, mas sem voz, ficam sempre envoltas numa teia de mistério e dúvidas que não chegarão a ser esclarecidas pelo leitor. Ele pode apenas supor e criar hipóteses através do que as outras

¹⁴⁵ *Id.* p. 419.

¹⁴⁶ VERISSIMO, Erico. *O Continente II. op. cit.* p. 653.

personagens falam a seu respeito, como é o nosso caso, mas nunca através do que realmente se passava com “a musa da tragédia”. Isso tanto é verdadeiro, que se obtém a comprovação por meio de uma personagem bem posterior à Luzia: Floriano Cambará, seu bisneto. Quando ele resolve aprofundar sua pesquisa sobre a família Terra Cambará e depara-se com a figura da mãe de Licurgo, diz sentir

um terrível silêncio em torno de sua pessoa [de Luzia]. Digo terrível porque tudo parece deliberado, produto duma conspiração talvez tácita do resto da família.

Falo nela à Dinda [Maria Valéria], que se mantém num silêncio de pedra, mas de pedra antiga, o que torna o silêncio ainda mais sepulcral.

Alguns recortes de jornais fazem referência a essa estranha criatura, que parece ter sido duma beleza invulgar. Encontro nas páginas dum almanaque local um poema assinado por Luzia Cambará, versos mórbidos de quem deve ter lido com paixão “Noites na Taverna”. Mas a descoberta mais importante que fiz nestes últimos dias foi a das cartas dum certo Dr. Carl Winter, natural da Alemanha, que veio para Santa Fé em meados do século passado e aqui se radicou, tornando-se freqüentador do Sobrado e médico da família. [...] Nessas cartas, dirigidas à Luzia Cambará – a quem ele se refere mais de uma vez como “a minha musa da tragédia” – encontro elementos que talvez me permitam reconstituir a personalidade dessa dama que cultivava a música e a poesia e que, pelo que dá a entender o nosso doutor, foi educada na Côrte e vivia nestes cafundós do Rio Grande como um peixe fora d’água.

[...] Minha imaginação começa a pintar os mais variados retratos de Luzia Cambará. Coisa estranha, uma bisavó de trinta anos!¹⁴⁷

De acordo com Falcke¹⁴⁸, durante muito tempo a maternidade foi considerada como principal função feminina, não só pela responsabilidade em gestar, como também em criar e educar os filhos. Sendo assim, Luzia torna-se uma mãe totalmente fora dos padrões estabelecidos para a sociedade exposta em *O tempo e o vento*. Isso porque ela, no princípio, até consegue doar-se um pouco para o filho recém nascido, entretanto, sempre com uma certa frieza, detectada pelo Dr. Winter, ou seja, algo que não era admitido por parte das mães. As

¹⁴⁷ VERISSIMO, Erico. *O Tempo e o Vento – O Arquipélago*. Terceiro Tomo. Porto Alegre: Globo, 1962, p. 749.

¹⁴⁸ FALCKE, Denise. Mães e madrastas – quem são estas personagens?. In: WAGNER, Adriana (coord.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

mães deveriam ser calorosas com seus rebentos e não olhar para ele “com a mesma falta de expressão com que fita um objeto, uma coisa. É um olhar vazio, um olhar de estátua”¹⁴⁹.

Ainda segundo aquela autora¹⁵⁰, existia claramente – e possivelmente ainda exista – a expectativa de um amor extremo pelos filhos, um amor materno acima de qualquer coisa, exigindo-se que as mães coloquem seus filhos como prioridades em suas vidas. Isso não ocorre no caso de Luzia Cambará que, quando teve oportunidade, ausentou-se de seu papel de mãe, deixando o filho com a sogra e dirigindo-se a uma não muito curta estadia em Porto Alegre.

Anterior à viagem é um fato que, para a época em questão, era sinônimo de descaracterização de mãe, que é o de Luzia não amamentar o filho. Ela, simplesmente, não tinha leite. Era, como se costumava dizer, uma mãe seca, já demonstrando que não viria nunca a ser o tipo de mãe que se esperava, e que não corresponderia às expectativas daquela sociedade, nem as do filho. Conforme o texto de Erico, “o pequeno Licurgo crescia com saúde, graças ao leite da ama preta. Bibiana encarregava-se do resto. Luzia vivia a ler e a tocar cítara, e isso parecia enervar a sogra”¹⁵¹. Apesar disso, a carência desse contato materno – a amamentação – fez com que a criança mamasse no peito de outra mulher, que não sua mãe, até passado de um ano.

Não ter amamentado o filho, entregando essa função provedora a uma ama de leite, reitera o egoísmo dessa mãe em comparação à doação de todas as outras mulheres de *O tempo e o vento*. Visto assim, o filho Licurgo representa para Luzia um simples prolongamento de si mesma e não há, por parte dela, toda a expectativa de futuro familiar garantido através do menino, como o vê Bibiana, sua avó.

Isso incomodava Bibiana porque ela percebia claramente que Luzia não seria uma mãe de sua estirpe, tal como ela havia sido com relação a Ana Terra. Sua nora estava

¹⁴⁹ VERISSIMO, Erico. *O Continente II*. *Op. cit.* p. 425.

¹⁵⁰ FALCKE, Denise. *Op. cit.*

¹⁵¹ VERISSIMO, Erico. *Op. cit.* p. 428.

evidentemente quebrando o paradigma das mães superprotetoras, das mães conservadoras. Ela estava encampando – mesmo que talvez sem dar-se conta disso – uma expectativa de vida diferente para as mulheres/esposas/mães de Santa Fé, que ainda faziam a escolha de ser submissas aos maridos e filhos.

Quando retornou da capital em companhia do marido, depois de terem passado inclusive pela peste que abateu e matou grande número de pessoas naquela cidade, Luzia já desembarcou em Santa Fé toda vestida de preto, indicação de luto. Luto esse que pode ser entendido como o sentimento que a personagem tinha com relação a sua volta àquela vila, ao Sobrado, onde vivia em constante guerra com a sogra, e ao seu papel de mãe.

Nessa ocasião, em que Bibiana usa do pretexto da peste para proibir que Luzia tenha contato com Licurgo, acontece, no nosso entender, a grande desilusão da teiniaguá com relação ao homem que escolhera para marido: ele não toma partido a seu favor e, em vista da exaltação em que ela ficou, da raiva que sentia ao ver que ninguém estava dando atenção às suas reivindicações, Bolívar ainda agrediu-a fisicamente, o que provocou, pela primeira vez naquela personagem, seu choro.

Bolívar, nesse episódio, comprova o quanto é ainda dominado pela própria mãe. Ele assume a atitude de indiferença de Bibiana com relação a Luzia. Logo em seguida dessa humilhação, a mãe de Licurgo passa da extrema raiva à extrema tristeza, que a acompanhará a partir de então. Ela se dá conta de que está perdendo a batalha contra a sogra, que, comparando-se à Bibiana, poderia perder o marido e o filho. Para que isso não acontecesse, viu-se obrigada a desculpar-se com a sogra, ou seja, a render-se. A carreira de Bibiana estava definitivamente vencida.

Após esses acontecimentos narrados, “Luzia andava paradoxalmente humilde, terna e submissa. Passava como sempre muito tempo fechada no quarto, tocando cítara ou lendo, e quando descia falava pouco. Bibiana desvelava-se em cuidados com o neto e tomava conta da

casa”¹⁵². Assim, a ordem estabelecida por Ana Terra e preservada por Bibiana Cambará estava garantida. A mãe de Bolívar conseguira apoderar-se da garantia de sobrevivência da família Terra Cambará: Licurgo.

Pelas atitudes inusitadas de Luzia com relação ao filho, por não lhe dar a atenção que as outras mães davam aos filhos, por ser vista como o lado mau do Sobrado, Licurgo cresce sob a vigilância da avó, Bibiana. E “aos quinze anos Licurgo Cambará era já um homem. Usava faca na cava do colete, fumava, fazia a barba e já tinha conhecido mulher”¹⁵³. Sob influência da avó e de Fandango, sua referência masculina mais próxima, o rapaz é especialmente atraído pela vida campeira, tendo prazer em passar a maior parte do tempo possível no Angico.

Entretanto, apesar da convivência com a avó e com o peão, Licurgo parece ter herdado da mãe a falta de carinho, o fato de não saber expressar amor, pois

nem na cama brincava. Quando se deitava com as chinas [...] era sem alegria. Não as acariciava nem pedia carícias. Tratava-as com rispidez dando a entender que estava pagando e não pedia favores. Fornicava com uma mistura de sofreguidão animal e a gravidade meio ressentida de quem está contrariado por “precisar dessas piguanchas”. Quando se despedia delas não ajuntava nem o esboço dum sorriso aos patações com que lhes “pagava o serviço”.¹⁵⁴

Inclusive com a própria esposa, Alice, Licurgo deixou-se vencer por esse bloqueio:

Licurgo tem vontade de sentar-se na beira da cama, acariciar a testa da mulher, beijar-lhe as faces ou então deixar a mão pousar-lhe por um instante sobre o ventre, para sentir os movimentos da filha. [...] Beijar a testa de Alice, dizer-lhe alguma coisa no ouvido, pedir-lhe perdão... Licurgo, porém, continua de pé e imóvel, tolhido por um constrangimento invencível. Há gestos que nunca fez e agora é tarde para começar.¹⁵⁵

¹⁵² VERISSIMO, Erico. *Op. cit.* p. 455.

¹⁵³ *Idem*, p. 493.

¹⁵⁴ *Idem*, p. 504.

¹⁵⁵ VERISSIMO, Erico. *Op. cit.* p. 13.

A única capaz de fragilizar aquele homem formado era a sua própria mãe, Luzia, que lhe causava um “misto de medo, curiosidade e estranheza”¹⁵⁶:

De vez em quando a dor crispava-lhe o rosto [de Luzia] e ela começava a gemer baixinho. Curgo, então, desviava os olhos, todo perturbado. A idéia de que sua mãe sofria, de que tinha um tumor maligno, lhe causava uma grande pena e ao mesmo tempo um grande remorso, pois embora soubesse que seu dever era mostrar-se carinhoso e paciente para com ela, o que sentia mesmo era uma certa impaciência, uma vontade de fugir da presença “daquela mulher”, como se pelo simples fato de não vê-la ela cessasse de sofrer.

[...] Agora ele descobria por que era que apesar de gostar do Sobrado não se sentia bem no casarão. Era porque sua mãe dava àquelas grandes salas uma certa frieza de “casa de cerimônia”. Ela própria era quase uma estranha para ele. As coisas que lhe dizia o deixavam sempre desconcertado. A voz dela provocava uma esquisita sensação de acanhamento, e os sons mesmos do instrumento pareciam sair não daquela caixa chata de madeira, mas da boca de sua mãe.¹⁵⁷

Luzia quis tentar proteger Licurgo a sua maneira, que não era a que agradava o menino. Ela pretendia libertá-lo daquela vida provinciana de Santa Fé, mas, sob influência da avó e gostando tanto da vida no campo como gostava, Licurgo escolheria viver sempre ali, onde fora criado. Sabendo disso, Luzia não tinha como tentar ganhar o filho novamente da sogra. Nesse caso, quem teve que abrir mão dos próprios sonhos, da vida que sempre almejava levar foi Luzia. Ela acabou sendo a maior vítima da guerra doméstica do Sobrado, sofrendo pela morte do marido – segunda e última vez em que chorou –, com a abnegação do filho à Bibiana e com o câncer que a estava matando.

Para ela, então, a morte seria sinônimo de alívio. Ela sentia dor com o tumor que crescia e já não tinha mais forças para lutar contra todo o sistema que não lhe dava trégua. Apesar de ser “uma mulher que tem mais coragem que muito homem”¹⁵⁸ e de ser capaz de “inspirar muitas paixões”¹⁵⁹, deixou-se combater pela doença, entregando de vez o comando do Sobrado e de seu filho para sua maior rival: Bibiana Cambará.

¹⁵⁶ *Idem*, p. 12.

¹⁵⁷ *Idem*, p. 509-510.

¹⁵⁸ *Ibidem*, p. 487.

¹⁵⁹ *Id.* p. 492.

Licurgo, a única semente que poderia dar continuidade à família Terra Cambará, ficava no meio da disputa entre a avó e a mãe. Para ele, Luzia era a representação da mulher inalcançável, da mulher culta, da côrte, enquanto que Bibiana representava o que ele conhecia, o campo, a família, a terra.

Nesse caso, talvez Erico Verissimo tenha tentado mostrar, com essa personagem, que mulheres com uma força contrária ao estabelecido pelos grandes estereótipos femininos da sociedade patriarcal representada pelo autor em *O Tempo e o Vento*, não tinham possibilidade de êxito, estando fadadas, por exemplo, a morrer de câncer, como uma forma de castigo por tentarem transgredir as regras estabelecidas.

Na perspectiva da personagem do Dr. Winter, essa é uma sociedade sem abertura, fechada sobre si mesma – o que só será modificado em *O Arquipélago*. Então, tudo o que contraria o estabelecido social é expurgado, não havendo lugar para outro discurso, como é o caso de Luzia. O câncer por ela desenvolvido tem o caráter metafórico de representar o tumor daquela sociedade, que, no conjunto de valores de Santa Fé, não pode se propagar.

Erico usa constantemente, no capítulo *A Teiniaguá*, a referência do mito da Salamanca do Jarau, de Lopes Neto, sendo que se entende que mito seja algo permanente, resistente ao tempo e às transformações. Transferindo essa caracterização à Luzia, vê-se com essa personagem a intenção de que algo do que ela representou permaneça no tempo e na família Terra Cambará, apesar de ter sido “derrotada” por Bibiana. Ela representa, no texto, a ameaça ao legado de Ana Terra e, por não ter obtido sucesso, acabou por ser quase que excluída da história da família, permanecendo, entretanto, como uma misteriosa armadilha a qual sempre se tenta desvendar.

Por ter sido uma persona mostradamente original no texto, termina, justamente por isso, isolada de todo o resto do contexto que a rodeia, cultivando sua própria solidão e exclusão de si mesma, uma vez que se deixa vencer, abrindo mão de suas crenças, suas

vontades e do diferente rumo que só ela poderia ter sido capaz de dar à família Terra Cambará.

A MÃE SEM VOZ

Sociologicamente, instituiu-se a monogamia – “casamento de um só homem com uma só mulher”¹⁶⁰ – como a maneira aceitável de formação familiar a ser adotada, com base em leis contratuais, normas religiosas e morais, tendo em vista a garantia da transmissão hereditária dos bens a filhos certos e legítimos. Esse sistema é cultural, e não natural, criado por conta da relação íntima entre as formas familiares e as propriedades privadas¹⁶¹, como inclusive já havíamos ressaltado em nossa introdução.

Entretanto, verifica-se que o adultério é uma prática tão antiga quanto a própria humanidade, e é definido como “a busca de novas aventuras por um dos cônjuges, [...] que implicaria a violação do dever de fidelidade pactuado entre o casal. [...] Adultério vem a ser um rompimento unilateral desse pacto de cumplicidade”¹⁶².

No texto de Erico Verissimo, encontram-se desde muito cedo indícios de que a traição por parte do homem é veladamente aceita na sociedade patriarcal retratada, como se vê:

Casara-se com a filha dum curitibano residente no Rio Pardo. Achava que “mulher, arma e cavalo de andar, nada de emprestar”. Mas, apesar disso, mais de uma vez tomara emprestadas mulheres de outros. E na fazenda – contava-se – fizera filhos em várias chinocas, mulheres de capatazes e agregados, e até numa escrava, a famosa Joana da Guiné.¹⁶³

Até bem pouco tempo atrás, de acordo com a jurisprudência brasileira, o adultério era considerado crime. Porém, partindo do princípio de que “a monogamia é antinatural, pois o corpo está programado para o adultério ao apresentar, entre suas funções principais, a da

¹⁶⁰ ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA GLOBO. *Op. cit.*

¹⁶¹ CANEVACCI, Massimo. *Op. cit.*

¹⁶² BENVENUTTI, Nara Maria Faoro. Adultério: reavaliando posições. *Revista Faculdade de Direito/UCS*, Caxias do Sul, n. 7, p. 47-50, mar. 1998.

¹⁶³ VERISSIMO, Erico. *O Continente I. op. cit.* p. 135.

procriação”¹⁶⁴, a lei também se adaptou aos acontecimentos sociais freqüentes, dentre eles, a traição conjugal.

Exemplo dessa aceitação cultural referente à traição por parte do homem também pode ser encontrado no texto de Erico, no qual há todo um capítulo de *O Continente* dedicado a Ismália Caré, a amásia de Licurgo Cambará. O relacionamento fez-se ilícito em função de Licurgo ser casado com outra mulher, Alice, apesar de seu relacionamento com a amante ter iniciado quando ainda era solteiro.

Mesmo que ambas as personagens – Ismália e Licurgo – fossem, no início do romance, disponíveis para assumir um relacionamento sério, ou seja, ambos eram solteiros, nunca houve a cogitação de uma união de fato por causa da diferença social entre os dois. Licurgo pertencia a uma família tradicional de Santa Fé – Terra Cambará – enquanto Ismália era apenas membro da família de empregados do Angico, que servia aos donos do Sobrado.

A família da qual Ismália fazia parte – os Caré – aparece no texto concomitantemente à família Terra Cambará. A primeira notícia que se tem deles é por via de João Caré, como se lê:

Ali vai um desses.
 Como é teu nome?
 João Caré.
 Onde nasceste?
 Não sei. Acho que cresci do chão como erva ruim que ninguém plantou.
 Tua mãe?
 Morreu.
 Teu pai?
 Nem ele sabia.
 Tens pele de mouro, mas donde tiraste esses olhos esverdeados?
 Nunca vi meus olhos.

João Caré anda sozinho, de pés no chão, quase nu, mal tapando as vergonhas com um chiripá esfarrapado. No inverno, quando o minuano sopra, ele cava na terra uma cova e se deita dentro dela. Quando a fome aperta e não há nada que comer, João Caré mastiga raízes, para enganar o estômago. E quando o desejo de mulher é muito, ele se estende de bruços no chão e refocila na terra.

¹⁶⁴ BENVENUTTI, Nara Maria Faoro. *Op. cit.* p. 49.

Pobre não se casa, se junta. João Caré um dia se junta com uma china.
 Fazem rancho de barro com coberta de capim. E começam a ter filhos.
 A única coisa que plantam na terra que não lhes pertence são os filhos que morrem.
 Os que sobrevivem se criam com a graça de Deus.
 Um dia vem um homem a cavalo e grita
 Quem te deu licença pra fazer casa nestes campos?
 Ninguém.
 Esta terra é muito minha, tenho sesmaria d'El-Rei. Toca daqui pra fora!
 João Caré junta os trapos, a mulher, os filhos e se vai.
 [...] E como precisa de dinheiro para dar de comer à família, aluga a filha mais moça a um negociante.
 É virgem?
 É sim senhor.
 E quantos anos tem?
 Deve andar pelos quinze.
 Está no ponto.
 É sim senhor.
 Os olhos do homem cocam as pernas da chinoca.
 Quanto quer por ela?
 Vossa mercê faça preço.
 Dois patacões e uma manta de charque.
 Pode levar a menina.
 Os olhos do homem cocam os peitinhos da chinoca.
 Está fechado o negócio. Mas se ela não for virgem, quero de volta o dinheiro. E te mando dar uma sumanta de rabo-de-tatu.
 Minha filha, vá com o coronel, faça tudo que ele mandar.
 E foi assim que nasceu Mingote Caré.
 Cresceu ali mesmo no Rio Pardo, onde a mãe, china de soldado, dormia com os dragões a dez vinténs por cabeça.
 Agora lá vai ela levando o Mingote no colo e outro filho sem pai no bucho. E o vento frio desse julho faz tremular seus molambos.¹⁶⁵

A origem da família é nebulosa, ou seja, nenhuma das personagens pertencentes à família Caré sabe ao certo quem são seus ascendentes e descendentes. Assim como colocam filhos no mundo, também os perdem em função da situação de pobreza na qual viviam, causa de um certo desapego familiar. Não são como os Terra Cambará, extremamente preocupados com a continuidade da família, da linhagem. Com os Caré acontece como no trecho: “E meio rindo ele mostrava sua china, que tinha um filho no colo e outro na barriga. Por essa e por outras foi que a raça dos Carés continuou.”¹⁶⁶

¹⁶⁵ VERISSIMO, *op. cit.*, p. 154-155.

¹⁶⁶ VERISSIMO, *Erico. Op. cit.* p. 157.

E nessa continuidade as personagens masculinas da família se sucedem: João Caré, Mingote, Lulu, José – conhecido como Juca Feio – e, finalmente, Chiru Caré, que tinha a família maior (dez filhos) e conseguira licença para instalar-se nos campos do Angico. A partir disso, os Caré e os Terra Cambará finalmente começaram a ter contato efetivo, com base na relação patrão/empregado.

A única personagem feminina Caré que ganha vez e considerável destaque no texto é Ismália Caré (uma das filhas de Chiru), cujo nome intitula o quinto capítulo de *O Continente II*. Ela é amante de Licurgo pela vida inteira, ou seja, assim como a família dela sempre compareceu de forma periférica no texto, ela também aceitou a posição secundária na vida do homem que amava, sujeitando-se à condição de amásia, sem nunca reivindicar nada, desde o princípio, como bem observou o próprio Licurgo:

A chinoca não pedia nada, não esperava coisa alguma. Gostava dele quase assim como uma cadelinha gosta do dono. Se por um lado ele sabia que não teria nunca a coragem de abandonar a amante, por outro também estava certo de que seu rabicho pela Ismália nunca, mas nunca mesmo, poderia influir em sua afeição pela prima nem perturbar-lhe a paz do casamento.¹⁶⁷

Essa preocupação em não deixar o caso interferir em seu casamento se faz presente justamente em respeito às tradições impostas pela sociedade rígida e fechada da qual Licurgo fazia parte. Ele preocupava-se com sua espécie, com a continuidade de sua família. Assim, Bonder justifica:

“Tradição” e “traição” são duas palavras de escrita e fonética tão semelhantes em nossa língua quanto o são interligadas em seu significado mais profundo. Tradição é a palavra que veio representar a tarefa do próprio instinto assumida pela consciência humana. Preservar-se como espécie, na dimensão da consciência, é estar atento aos ensinamentos sociais que se preocupam com a preservação do desígnio e sentido maior da nossa existência – a reprodução. São três as principais áreas que compõem a tradição: 1) a família como estrutura artisticamente moldada para melhor atender aos interesses reprodutivos em determinado contexto

¹⁶⁷ *Idem.* p. 567.

socioeconômico; 2) os contratos sociais fundamentais para a manutenção de uma convivência que propicie as melhores condições de preservação da vida e sua reprodução e 3) as crenças engendradas para oferecer respaldo teórico e ideológico à preservação. O animal moral tem na tradição um instrumento fundamental para sua preservação.¹⁶⁸

Repetindo-nos, Licurgo afirmou que Ismália “gostava dele quase assim como uma cadelinha gosta do dono.” Vista assim, ela não passava de um bichinho de estimação de Licurgo do qual ele não abria mão de manter por perto no decorrer de toda a sua vida. Uma cadelinha é sempre obediente ao dono e realmente não pede nada além de um pouco de atenção, por vezes, mínima. Uma cadelinha passa a vida sem dar incômodos ao dono, proporcionando-lhe apenas momentos de deleite, de distração, e, assim, não é excluída do convívio com ele.

Talvez não tivesse sido isso que a moça desejara para a sua humilde existência, mas foi assim que as coisas procederam:

[Licurgo] Começara a desejar violentamente a rapariga desde o dia em que a vira pela primeira vez no rancho dos Carés, no fundo duma das invernadas do Angico. E certa manhã, após longo assédio, muitos negaceios e engodos, conseguira levá-la para o mato. Nos últimos momentos, porém, tivera de pegá-la à força, e desses minutos agitados e resfolgantes de luta corporal lhe haviam ficado lembranças meio confusas e perturbadoras: o desejo que, exacerbado pela longa espera e pela resistência de Ismália, se havia transformado numa fúria quase homicida; os gritos da chinoca, primeiro de protesto e finalmente de dor; os guinchos dos bugios que, empoleirados nas árvores e excitados pela cena, haviam rompido numa gritaria endoidecedora.

Aplacado o desejo, ele ficara estendido de costas, os braços abertos em cruz, olhando com um vago remorso para os bugios que perseguiam suas fêmeas e ouvindo o choro manso de Ismália a seu lado. Sentia vergonha de sua brutalidade e começava a impacientar-se pelo fato de não achar o que dizer à rapariga. Pedir desculpas não adiantava nada, e mesmo isso não era de seu feitio. Dar-lhe dinheiro seria brutal.

Erguera-se em silêncio, saíra do mato resolvido a não ver mais Ismália e convencido também de que daquele momento em diante ele passaria a votar-lhe um ódio de morte.¹⁶⁹

¹⁶⁸ BONDER, Nilton. *A alma imoral: traição e tradição através dos tempos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

¹⁶⁹ VERISSIMO, Erico. *O Continente II. op. cit.* p. 567

Conforme o próprio texto diz, Ismália não se entregou facilmente para Licurgo. Ela tinha seus pudores, tanto quanto qualquer outra das mulheres da narrativa. Ana Terra, por sua vez, moça de família, de respeito, também se rendeu a Pedro Missioneiro sem estar na condição de esposa. Ismália tentou relutar e acabou tendo a sua primeira relação sexual quase como um estupro, no meio do mato. Ora, para Licurgo, Ismália era mulher para se ter no mato, enquanto Alice era aquela para ser tomada dentro de casa, na noite de núpcias.

Entretanto, Licurgo, mesmo já estando noivo de Alice, continuou referindo-se a ela como prima, ou seja, pelo seu grau de parentesco, indicando que não a via como mulher do modo como via Ismália. Quando cometeu o deslize de dirigir seu olhar para “o relevo dos seios de Alice”¹⁷⁰, sentiu-se pecaminoso, indecente, pois aquela que seria a mãe dos seus filhos não poderia ser mulher para o prazer sexual. Essa última função era reservada exclusivamente para Ismália, aquela com quem não tinha pudores ou recatos, com quem não tinha responsabilidades a assumir. De acordo com Puget e Berenstein, numa relação extraconjugal, “fixa-se a ilusão de um prazer permanente, apenas mantido fora do enquadramento estável”¹⁷¹. Talvez por isso fosse mais agradável a Licurgo imaginar-se satisfeito ao lado de Ismália e não de Alice.

Licurgo, então, assume Ismália como amásia desde o começo da relação dos dois, com o objetivo de nunca deixar que o caso prejudicasse seu casamento. Ele separava bem os sentimentos nutridos pela amante – desejo, paixão – e os que nutria pela esposa – respeito, carinho. Entretanto, fica claro que todos na cidade de Santa Fé sabiam do relacionamento paralelo mantido pelo chefe da família Terra Cambará e que não era segredo. Ele admitiu inclusive para a avó, com quem mantinha um diálogo bastante franco:

- Pensa que sou cega, Curgo? Eu vejo tudo.

¹⁷⁰ *Idem*, p. 591

¹⁷¹ PUGET, Janine; BERENSTEIN, Isidoro. *Psicanálise do casal*. Trad. Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993, p. 15.

- Pois é verdade. A Ismália é minha amásia.
 Não tivera coragem de encarar a velha.
 - Mas agora vassuncê vai casar, precisa deixar a china o quanto antes.
 Ele permanecera silencioso.
 - Promete?
 - Não.
 [...]
 Seria inútil tentar explicar à avó que ele gostava da prima Alice o suficiente para fazê-la feliz; que a achava bonitinha, prendada, e que tinha a certeza de que ela ia ser ótima dona de casa, boa esposa e boa mãe – mas que todas essas coisas nada tinham a ver com o que ele sentia pela Ismália.¹⁷²

Licurgo não via necessidade de deixar da amante porque tê-la era algo aceito socialmente. Era visto como normal que um homem, naquela sociedade rural e patriarcal, tivesse a família, com esposa e filhos e, ainda assim, uma amante. O mesmo já não seria aceito no caso de a mulher querer ter um amante. Por ser também uma sociedade machista, a mulher, se o fizesse, seria punida de alguma forma, como acontecera com Luzia, apesar de não haver confirmação de sua traição contra Bolívar.

Como não fazia muito esforço para esconder seu caso com Ismália, Licurgo teve a ousadia de mandar buscar a moça para a comemoração da abolição da escravatura que estava acontecendo no Sobrado, e na qual sua noiva, Alice, fazia-se presente. Quando soube da chegada da amante, “tudo desaparecia: a festa, o declamador, o poema, a abolição, a noiva, a avó, a república – tudo. O que ele sentia era um desejo urgente de ver a chinoca, de apalpá-la, abraçá-la, penetrá-la”¹⁷³. Até mesmo seu sogro já havia tomado conhecimento do romance entre os dois antes mesmo do casamento da filha e Florêncio sabia que não se tratava de algo passageiro.

No transcorrer dessa festa abolicionista, Licurgo conseguiu encontrar-se com a jovem Caré, cuja presença o fazia sentir-se bem, confortável, pois “era boa a presença daquela criatura, bom o calor de seu corpo, o contato de sua carne. Ismália não pedia nada, não

¹⁷² VERISSIMO, Erico. *Op. cit.*, p. 566.

¹⁷³ VERISSIMO, Erico. *O Continente II. op. cit.* p. 641.

perguntava nada. Era fácil estar ao lado dela”¹⁷⁴. Porém, contrária à comemoração, que representava a liberdade de um povo, a notícia dada por Ismália é quase a de um aprisionamento: “Vou ter um filho”¹⁷⁵.

Convém reparar que as palavras escolhidas para a personagem nesse momento não foram “Estou grávida”, mas “Vou ter um filho”. Há uma grande diferença entre as duas sentenças, pois a primeira indica uma gravidez, mas não a concretude de colocar um filho no mundo. Quer dizer que a mulher está grávida, mas que talvez não tenha ainda decidido se terá ou não a criança. Já a segunda, usada por Ismália, afirma que a criança virá ao mundo, que a escolha por ter o bebê ou não já está feita. Ela apenas informou a situação ao pai da criança.

Nesse caso, mesmo que a gravidez de Ismália tenha ocorrido acidentalmente, e pode mesmo ter sido, pois ela não tinha um vínculo legal que a unisse a Licurgo, acabou por desejar o filho que trazia no ventre. Não o rejeitou. Possivelmente a situação causou-lhe medo, apreensão, mas não repulsa. Em nenhum episódio da narrativa há a demonstração de que, em alguma hipótese, Ismália poderia não querer ser a mãe de um filho de Licurgo Cambará.

Mas essas são apenas suposições que se fazem cabíveis de ponderar, uma vez que, assim como já ocorrido com Luzia Silva Cambará, à Ismália também não é dada a vez para se fazer ouvir, não lhe é dado um discurso através do qual o leitor, e até mesmo a sociedade criada para Santa Fé, pudesse saber o que se passava com ela, o que ela sentia, o que ela pensava de tudo o que lhe acontecia. Essa foi uma escolha feita pelo autor não porque concordasse em calar essas personagens, mas porque, para a sociedade que estava sendo retratada, era esse o correto procedimento: não dar lugar para o que não era moralmente aceito, o que não era compreendido. Por isso, Ismália é a mãe sem voz do título desse nosso capítulo.

¹⁷⁴ *Idem*, p. 643.

¹⁷⁵ *Id.* p. 644.

A semelhança entre as duas, Ismália e Luzia, não se dá apenas no campo da formação da personagem, como também é notada pela aparência física entre ambas a partir de uma constatação de Bibiana, que não simpatizava com a amásia do neto, porque “o diabo da menina tem na cara, nos olhos, no jeito, qualquer coisa que lembra a mãe do Curgo”¹⁷⁶, o que levou Dr. Winter a concluir que “é verdade. A Luzia não está tão morta como muita gente pensa”¹⁷⁷.

Então, fica evidente que Bibiana não concordava com o romance entre Curgo e Ismália. Percebe-se também que o casamento do rapaz com a prima se dá por influência da matriarca, que se preocupa com o fato de o neto já estar com vinte e nove anos e ainda não ter se casado. Para ela, era urgente que ele tomasse Alice por esposa para poder dar-lhe bisnetos, ou melhor, para poder dar continuidade à família Terra Cambará. Por isso, para Bibiana, o que importava era que Alice pudesse ter filhos: “a moça tinha os quadris estreitos: não podia ser boa parideira. Mas fosse tudo pelo amor de Deus! Ela conhecia muitas mulheres de bacia estreita que botaram muitos filhos no mundo e só morreram de velhice”¹⁷⁸.

Apesar disso, os pensamentos de Licurgo voltavam-se constantemente para Ismália. Sentia-se constrangido na presença da prima. Então, mesmo diante da noiva, preocupava-se em saber por onde andaria sua outra mulher e por que, às vezes, ela se demorava. E, mesmo na guerra, quando estava sitiado dentro da própria residência, conseguiu abstrair a situação e lembrar-se de Ismália: “Que lhe terá acontecido? [...] Provavelmente [os federalistas] serviram-se à vontade do corpo da rapariga”¹⁷⁹.

Nesses capítulos dedicados ao sítio do Sobrado, no qual Alice adoeceu e morreu, Licurgo demonstrou sua preocupação também com a esposa, pois, afinal, apesar de não amá-la do mesmo modo como amava Ismália, também não lhe queria mal e sentia-se muito

¹⁷⁶ *Idem*, p.654.

¹⁷⁷ *Ibidem*.

¹⁷⁸ *Id.* p. 633.

¹⁷⁹ *Id.* p. 161.

culpado, o que se agravara com a sentença do sogro: “Acho que vassuncê pode estar procedendo bem como chefe político, mas está procedendo mal como chefe de família”¹⁸⁰.

Talvez ele até não fosse o chefe de família ideal, mas isso não permitia que o mesmo erro cometido enquanto marido fosse cometido por Alice. De acordo com Augusto Cesar¹⁸¹, havia uma crença de que a mulher não podia trair para que não houvesse a quebra da idolatria materna, porque a mulher é a gestora e representa a própria moral no lar. O que favorecia esse raciocínio era o excessivo recato feminino – do qual Alice, Sílvia e Flora são exemplos – que, por não ser o mesmo nos homens, não os impedia de buscar sempre a satisfação sexual.

Entretanto, sabe-se atualmente que um exemplo corruptor pode partir não apenas da mãe como também da figura paterna, que é transmitido por Licurgo aos filhos. Isso é notado quando a personagem do pequeno Rodrigo Terra Cambará avista, pela primeira vez, Ismália:

Mas no dia em que vendo passar na rua uma mulher morena, Toríbio apontara para ela, dizendo: “Lá vai a amásia do papai...” – ele compreendera com uma clareza contundente e dolorosa o verdadeiro sentido da palavra mártir. Sua mãe era uma mártir porque padecia por saber que o marido tinha outra mulher. Rodrigo odiara o pai durante dias, semanas, meses. Levava muito tempo para se refazer daquele choque e poder de novo olhar o velho de frente, falar-lhe com naturalidade e tornar a sentir por ele a antiga afeição.¹⁸²

Mais tarde, o exemplo de Licurgo Cambará como pai refletiu-se nos filhos, pois ambos têm a característica de mulherengos, ou seja, de ter casos com várias mulheres. Para Toríbio, o filho mais velho, isso não era classificado como errado, visto que nunca chegara a se casar. Mas para Rodrigo, além das aventuras amorosas vividas em seu tempo de solteiro, experimentou também outras dessas aventuras depois de já se encontrar casado com Flora. Acabou, então, reproduzindo a atitude infiel do pai.

¹⁸⁰ *Idem.* p. 14.

¹⁸¹ CESAR, Augusto. *O problema feminino e o divórcio*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, 19--.

¹⁸² VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento – O Retrato I*. 24. ed. São Paulo: Globo, 1997, p. 86.

Como se lê no trecho do texto de Erico recém citado, Alice Cambará é vista como mártir por seu filho Rodrigo e também por sua irmã, Maria Valéria. O motivo dessa designação era o fato de ela ter sofrido “calada, bem como sabem sofrer os Terras. Não se queixou a ninguém, continuou vivendo como se nada tivesse acontecido”¹⁸³.

Mas deve-se questionar se Ismália também não poderia ser considerada uma mártir. Ela também sofreu calada o fato de ter que se sujeitar a estar sempre em segundo plano na vida do homem a quem escolheu dedicar-se. E mais, não apenas ela se viu diminuída por não ser assumida socialmente por Licurgo, como também seu filho, fruto desse relacionamento velado, é interdito no convívio com o pai, em seu sobrenome e nos bens, a que, como filho legítimo de um Cambará, também teria direito.

Ismália é colocada no mesmo patamar de uma causa da qual Licurgo seria a favor, quando um de seus amigos afirma: “O Curgo tem três amantes: a República, a Abolição e a Ismália. Às vezes vai para a cama com as três ao mesmo tempo”¹⁸⁴. Pode-se afirmar que ela representava mais uma das posses de Licurgo. Como a família dela é empregada dos Terra Cambará, Licurgo sentia-se no direito de assumir a posição de dono da chinoca. Olhando-se a situação por outro ângulo, pelo ponto de vista de Ismália, ela era traída por Licurgo com Alice. Afinal, seu relacionamento com Licurgo, como já afirmamos, tivera início antes do namoro dele com a então esposa. Entretanto, assim como Alice não cometia adultério, Ismália também não o traía, mantendo-se fiel a Licurgo por toda a vida.

Após a morte de Alice, porém, não há registro de mais nenhuma outra mulher com quem Licurgo se relacionasse. Ou seja, só então ele pôde se fazer fiel à sua companheira Ismália Caré. Com isso, tornou o caso totalmente aparente, não havendo mais porquê escondê-lo:

- Vai pra casa da amásia.

¹⁸³ VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento – O Continente I. op. cit.*, p. 325.

¹⁸⁴ *Idem.* p. 571.

A observação chocou um pouco Rodrigo. O assunto para ele era quase um tabu.

- Então a história continua?

- Por que não havia de continuar? Esses rabichos duram a vida inteira. E, depois, o velho ainda está no cerne...

- E ele vai todas as noites à casa *dela*?

Um invencível constrangimento, que começara no dia em que Bio lhe revelara a existência daquela ligação, impedia-o de pronunciar o nome de Ismália Caré. Mesmo agora, ao cabo de tantos anos, leituras e experiências, verificava, um pouco decepcionado consigo mesmo, que não podia encarar o assunto com a tolerância mundana dum civilizado.

- Quase todas as noites.

- E quando o velho vai pro Angico?

- A Ismália vai também. Te lembras daquele rancho no fundo da invernada do Boi Osco? Pois é lá que ela mora.¹⁸⁵

Apesar de Rodrigo, filho de Licurgo, sentir-se constrangido com o assunto, ele próprio também se envolvera com uma das mulheres Carés: Ondina, filha de Joanhina e de paternidade desconhecida. Chegou a ocorrer-lhe o seguinte pensamento: “positivamente não, Rodrigo. Já teu pai anda metido com uma Caré, não é direito que tu também...”¹⁸⁶. Assim como o pai, que levou Ismália para o mato, Rodrigo pensava em lugares como “o bambual atrás da casa, o mato, o capão da sanga”¹⁸⁷. A semelhança entre a situação das duas personagens é tamanha que Rodrigo chegou a sonhar com uma certa “Ismaliondina Caré”¹⁸⁸. Mais uma vez, o pensamento machista da sociedade retratada fez-se notar na intenção de seus homens, que escolhiam manter relações sexuais com as empregadas em lugares não convencionais, já que a casa era reservada para as “moças de família”.

Foi o que aconteceu com a jovem Ondina, que se rendeu a Rodrigo no meio do mato, ao que Toríbio concluiu: “Essa história de gostar das Carés parece que está na massa do nosso sangue, hein?”. Há um trecho no qual Rodrigo mostrou-se descontente em pensar que o sangue dos Cambarás pudesse se misturar com o dos Carés, como se fossem diferentes. A questão é que naquele contexto social, realmente via-se diferença entre eles. Não de sangue, mas de classe social. Nunca se poderia admitir que as duas famílias se unissem em casamento,

¹⁸⁵ VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento – O Retrato I*. 24. ed. São Paulo: Globo, 1997, p. 176-177.

¹⁸⁶ *Idem*. p. 191.

¹⁸⁷ *Id.*

¹⁸⁸ *Idem*. p. 197.

por exemplo, pelo simples fato de uma delas representar a alta sociedade de Santa Fé, enquanto a outra representava o lado mais pobre da cidade.

Quando se fala que Rodrigo “desonrou” Ondina, tendo sido seu primeiro homem, a resposta vem de forma bem direta: “acho que os Carés nem sabem o que é *honra*.”¹⁸⁹ E o questionamento daquele, mesmo não sendo sincero, deve ser levado em consideração: “por que é que a virgindade numa moça branca e rica pode ser mais preciosa que a duma coitadinha como a Ondina?”¹⁹⁰. Para essa pergunta não há resposta no texto. Provavelmente para que o leitor tome para si a responsabilidade de refletir sobre essas diferenças sociais também narradas por Erico.

Diante desse contraponto, nota-se que tanto a família Terra Cambará quanto a família Caré são fundamentais para a construção da fotografia de sociedade rural e patriarcal que Erico pretende fazer. A trajetória de ambas está freqüentemente entrelaçada e as duas vão transcorrendo paralelamente uma a outra. Nesse contraste entre os bem conceituados Cambarás e os desafortunados Carés, esses últimos representam, no texto, o lado pobre da cidade de Santa Fé, da Província de São Pedro, da sociedade brasileira em geral, enfim, o lado pobre do mundo.

É a realidade que a sociedade faz questão de não enxergar, que está sempre ali, lado a lado com a riqueza, mas que não é notada, apesar de também fazer história. É o tipo de pessoas como os Carés que lutaram nas guerras, trabalharam nos campos, habitaram as cidades. Entretanto, foram sempre marginalizadas.

Dentro desse quadro, Ismália Caré é uma mãe que, oficialmente, não existe – ou que não se gostaria que existisse. Ela não poderia ter tido o filho que teve porque não estava ancorada pelo matrimônio. Mesmo mantendo um relacionamento estável por toda a vida com Licurgo, este não era viável dentro das normas morais e culturais daquela sociedade, que

¹⁸⁹ *Idem*. p. 194.

¹⁹⁰ *Ibidem*.

exigia a legitimidade de um casamento para que, só a partir de então, a mulher se sentisse autorizada a ter filhos. Antes ou fora disso, não.

Sendo assim, a personagem de Ismália é aquela que, ao lado de Luzia, transgride o estatuto social. Transgride a moral, os bons costumes, a religião. Esse é o motivo pelo qual ela pode ser classificada como a mãe a quem não é dada voz, a mãe que se esconde, que não se quer mostrar socialmente. A mãe que a sociedade rejeita, que passa reto por ela e lhe vira a cara.

Quando estavam saciando seus desejos, tanto Cambarás quanto Carés tornam-se iguais, sem distinções. Ambas as famílias, nesses episódios, guiam-se pelo instinto, pois, apesar das diferenças sociais, todos são, antes de animais racionais, apenas animais. É justamente o fator de racionalidade deles que os torna diferentes, ou melhor, que faz com que se sintam diferentes e ajam como se fossem.

O lugar onde essas relações sexuais ocorrem, como já citado, é o mato, os campos, o bambuzal, nunca dentro de casa. Uma vez que a fecundação dos filhos se dá nesses ambientes, pode-se interpretar que Ismália seja uma mãe selvagem, a mãe não civilizada, que se entrega ao macho na natureza. Com esse caráter, renuncia conscientemente de assumir sua função materna perante a sociedade, já que não é avaliada socialmente como uma mãe digna.

Então, entendemos que Erico tenha tentado, antes de tudo, através dessa personagem, revelar as diferenças sociais que se formaram nessa sociedade retratada. As diferenças surgem desde o aparecimento do primeiro Caré, sem passado identificado, ao contrário dos Terra Cambará, que têm um forte histórico familiar e continuam inclusive com a diferença de função que as mulheres/mães assumem: as Terra Cambará são as senhoras do Sobrado, são as matriarcas, a base sustentadora da família, enquanto as Carés são as amantes, as que nunca são assumidas, que colocam filhos no mundo sem a identificação de seus pais, mas que são tão fortes e tão valentes quanto as primeiras.

No texto de Erico, vimos que ambos os tipos de mães recém comparados são fundacionais em relação à sociedade. Ou seja, ainda que um deles fosse legalizado e o outro fosse clandestino, não existiria o mundo social de *O tempo e o vento* e, transportando-nos para a realidade, do Rio Grande do Sul, se não existissem as duas mães: a fundadora e de preservação (Ana, Bibiana) e a transgressora excluída (Luzia, Ismália).

A MÃE ESTÉRIL

A primeira concepção tida de mãe é aquela que diz se tratar de “mulher, ou qualquer fêmea, que deu à luz um ou mais filhos”¹⁹¹. A contar disso, aquela que não deu à luz nenhum filho ou filha não poderia ser considerada como mãe. Entretanto, tem-se notícias de grande número de mulheres que se tornam mães sem nunca terem de fato colocado filhos no mundo. Elas são consideradas mães – inclusive perante a lei – pelo papel assumido com relação à criança, que é o de educar, alimentar, amar, fazer-se presente, guiar.

De acordo com Osório, o papel materno, seja ele exercido pela mãe biológica ou não, abarca, além das “tarefas nutritivas, as de agasalho e proteção da prole, uma função continente ou de receptáculo das angústias existenciais de quem esteja correspondentemente no papel filial”¹⁹². Por isso, não é raro vermos as “mães de coração”, ao que se entende aquelas adotivas de crianças, que o fazem por não terem capacidade física de ter filhos ou por não terem tido oportunidade para isso. Percebe-se que essas mães podem ser tão boas quanto as mães biológicas ou, por vezes, até melhores.

Erico faz questão de incluir em seu texto uma mãe diferente das demais, no sentido de, como se elucidou até aqui, não ter dado à luz nenhum filho ou filha: Maria Valéria. Na verdade, não há nenhuma personagem que a denomine como mãe, mas é exatamente esse o papel que ela assumiu na ausência de sua irmã, Alice, que deixara dois sobrinhos para serem cuidados: Toríbio e Rodrigo.

Essa personagem apresenta características bem incomuns se comparadas a outras personagens femininas do texto, inclusive com relação à própria irmã, Alice, que tem o perfil considerado ideal naquela sociedade para esposa e mãe, pois é dócil, obediente e não questiona o que lhe é imposto (primeiro pelo pai e, em seguida, pelo marido). Já Maria

¹⁹¹ ENCICLOPÉDIA BRASILEIRA GLOBO. *Op. cit.*

¹⁹² OSÓRIO, Luiz Carlos. *Famílias hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

Valéria era uma “rapariga seca, retraída e caladona [...] que herdara da mãe (pobre da Ondina, tão quieta, tão sem sal!) a falta de graça e do pai a teimosia.”¹⁹³ Já o Dr. Winter, personagem a quem cabe a responsabilidade de observar os acontecimentos de Santa Fé nessa segunda parte da trilogia – e especialmente da família Terra Cambará – e comentá-los,

Tinha uma simpatia particular por aquela rapariga que toda a gente achava feia, mas na qual ele descobria um encanto secreto e meio áspero, muito mais atraente para seu gosto do que a “boniteza” comum de Alice. Sempre que a via, muito alta, tesa e esbelta, o rosto alongado, os grandes olhos negros um pouco saltados, o nariz longo e fino, a boca rasgada de expressão um tanto sardônica – ele não podia deixar de fazer uma comparação: “comprida e aguda como uma lança”. A própria voz de Maria Valéria tinha algo de contundente. Em várias ocasiões, com o intuito de conhecê-la melhor, Winter procurara levá-la a confidências, pois suspeitava de que havia naquela criatura muito mais coisas do que seus gestos e palavras revelavam. Não conseguira, entretanto, quebrar aquela espécie de armadura de gelo que envolvia a filha mais moça de Florêncio Terra. Aos vinte e quatro anos Maria Valéria tinha mentalmente quase a idade de Bibiana. Quando as duas mulheres se encontravam, Winter divertia-se a observá-las. Era evidente que existia entre ambas uma certa má vontade recíproca a que gentes da Província davam o nome de *birra*. Eram – comparava o médico – duas personalidades de pederneira, que ao se chocarem produziam chispas de fogo. No entanto ele estava certo de que, sendo necessário, qualquer uma daquelas duas mulheres seria capaz dos maiores sacrifícios pela outra.¹⁹⁴

Essa é uma das melhores definições que poderiam ser feitas acerca dessa personagem. Quando o médico afirma que ela é “comprida e aguda como uma lança”, o leitor pode ter, então, a idéia fiel do papel que ela assumirá no texto, que é o de mais uma das fortes e valentes mulheres criadas pelo autor para a família Terra Canbará. Maria Valéria é com todos ao seu redor – pai, cunhado, sobrinhos e com a própria Bibiana – sempre muito incisiva e categórica (como uma lança), e são esses adjetivos que lhe dão lugar de destaque em *O tempo e o vento*.

Maria Valéria não era tão ingênua quanto a irmã e, desde muito cedo, sempre fora mais atenta e perspicaz que aquela em respeito aos assuntos circundantes, principalmente quando se tratava do primo, Licurgo. Maria Valéria amava veladamente o noivo de sua irmã,

¹⁹³ VERISSIMO, Erico. *O Continente II. op. cit.* p. 586.

¹⁹⁴ VERISSIMO, Erico. *Op. cit.* p. 598-599.

mas não de uma maneira tão cega quanto Alice, pois sempre teve conhecimento, por exemplo, do caso que o rapaz mantinha com Ismália Caré. Era uma mulher prática – como Bibiana – e seu pai a admirava por isso:

era ela quem, depois da morte da mãe, tomava conta da casa. Tinha coragem, bom-senso e espírito prático; não se preocupava com vestidos ou enfeites, e não era dessas que vivem na frente do espelho, pensando em festas e namorados. Sabia fazer queijos, doces e pão; era uma cozinheira de primeira ordem e herdara as mãos habilidosas da mãe, sendo hoje talvez a melhor rendeira de Santa Fé.¹⁹⁵

As semelhanças com Bibiana não são apenas notadas pelas outras personagens do texto, como também pelo leitor, pois Maria Valéria demonstra atitudes firmes e decididas, características comuns à tia. Mesmo em situações nas quais encontravam-se, como já citado anteriormente em comentário atribuído ao Dr. Winter, a sobrinha dialoga com a tia de igual para igual, o que não era comum para o tipo de sociedade retratada por Erico. O esperado seria que os mais novos sempre acatassem, sem argumentação, o que era dito pelos mais velhos, algo que Maria Valéria nem sempre fazia, pois nem sempre estava de acordo.

Mesmo intrometendo-se diversas vezes nas conversas dos mais velhos e dos homens – outra atitude incomum para uma moça da época em questão – isso não era, em hipótese alguma, uma falta de respeito por parte de Maria Valéria. A maneira como se posicionava em seu discurso não era desrespeitosa, apenas provinha de uma personalidade desenhada para ser bastante segura de si, sabedora de suas razões e que não via impedimentos para expô-las.

É exatamente por causa dessa praticidade evidente de Maria Valéria que a tomavam por fria e seca, como é descrita por outras personagens no decorrer do texto. Porém, não entendemos que ela não se envolvesse com as pessoas e fatos. Apenas não fazia alarde acerca disso e controlava suas emoções, aparentando falso distanciamento emocional. Usamos o termo “falso” porque o texto dá a entender o modo como ela se sentia em relação a

¹⁹⁵ *Idem.* p. 602.

determinadas situações, especialmente aquelas em que estava na presença do cunhado, Licurgo, a quem não é indiferente:

Ela sobe a escada devagarinho, uma das mãos segurando o castiçal, a outra agarrada ao corrimão. Tirar a sorte? Bobagem. Pra quê? Pra ver com quem vais casar. Atira esta casca de laranja pra trás... Assim. Vamos ver a letra que a casca formou. Um L. Ah! Eu bem desconfiava. Que nome começa por um L? Licurgo... Ah! Se eu pudesse fazer parar o pensamento! L. Licurgo. Mas o Licurgo não vai casar com a irmã dela, a Alice? Claro. Mas a Maria Valéria também gosta dele. Licurgo escolheu a outra. Coisas da vida... Sorte é bobagem. Licurgo. Sorte é bobagem. Alice casou. Maria Valéria vai ficar solteirona o resto da vida. L... Licurgo.

Maria Valéria chega ao patamar, fica um instante ali parada, sentindo as faces escaldantes.

Só o pensar nessas coisas me dá uma vergonha... Decerto estou vermelha. Melhor é ir ver os meninos...¹⁹⁶

Como se lê, o amor que tem pelo primo e, depois, também cunhado, se estendeu por toda a sua vida e, mesmo tendo oportunidade de ter se casado – com Liroca, quem sempre a desejou por esposa – escolheu permanecer solteira e dedicar-se à família que provavelmente gostaria de ter criado para si, mas que veio a adotar posteriormente, com o falecimento da irmã: Licurgo e seus filhos. Com a morte de Alice, Maria Valéria pôde assumir a função de senhora do Sobrado, tomando a posição que pertencia até então à Bibiana e que deveria ser repassada para uma outra mulher tão valente quanto aquela. No caso, como já observado, o cargo não condizia com Alice, mas com sua irmã.

A adequação para assumir o comando feminino do Sobrado aflorou no decorrer do sítio em que a casa se encontrava, em função da guerra entre federalistas e republicanos, quando todos os seus moradores foram obrigados a permanecer trancados ali, sem que ninguém saísse nem entrasse. Com Alice no final da gestação e bastante febril, e Bibiana já com idade avançada e fortemente afetada pela cegueira, foi Maria Valéria quem assumiu todas as responsabilidades da casa, no sentido de cuidar do que todos iriam comer, tratar dos doentes e das crianças e até mesmo de enterrar os mortos.

¹⁹⁶ VERISSIMO, Erico. *O Continente I. op. cit.* p. 16.

A partir de então, ela assumiu não apenas essas tarefas práticas que a situação exigia, como também, posteriormente a isso, assumiu a função de mãe de seus sobrinhos, educando-os na ausência da mãe Alice. Apesar de nunca ter tido relações sexuais – a partir das quais tem início uma gravidez e, conseqüentemente, começa não apenas o nascimento de um filho, mas também o nascimento de uma nova mãe – Maria Valéria participou do último dos três partos de Alice. Essa assistência prestada foi inicialmente reprovada pela parteira, pois, pelo fato de M. Valéria ser ainda solteira, não era conveniente que já tomasse vez nesses acontecimentos pertinentes somente às senhoras casadas.

Dá-se, então, a quebra de paradigma por parte dessa personagem, que não se deixou deter pelas regras sociais estabelecidas e, ainda assim, criou seu próprio espaço dentro dessa sociedade patriarcal de *O tempo e o vento*. Não se rendeu ao destino imposto a todas as moças de Santa Fé: o casamento e a conseqüente maternidade, que era o que as incluía socialmente. Mas isso não impediu de exercer seu lado materno junto do homem que amava, mesmo que isso tenha sido feito às avessas diante dos olhos daquela comunidade.

Assumindo, então, esse papel feminino dentro do Sobrado – e do texto –, ou seja, dando continuidade à saga das mulheres que preservam a família e o patrimônio, como Ana Terra e Bibiana, Maria Valéria era solidária às dores e sofrimentos das que vieram antes de si, o que a levou a afirmar, como se realmente tivesse passado ela própria por essa experiência de parto:

Deus fez o mundo errado. Eu queria que os homens tivessem filhos pelo menos uma vez na vida, só pra verem como não é fácil. [...]

Ter filhos é que é negócio de mulher, eu sei – continua Maria Valéria. – Criar filhos é negócio de mulher. Cuidar da casa é negócio de mulher. Sofrer calada é negócio de mulher. Pois fique sabendo que esta revolução também é negócio de mulher. Nós também estamos defendendo o Sobrado. Alguma de nós já se queixou? Alguma já lhe disse que passa o dia com dor no estômago, como quem comeu pedra, e pedra salgada? Alguma já lhe pediu pra entregar o Sobrado? Não. Não pediu. Elas também estão na guerra.¹⁹⁷

¹⁹⁷ VERISSIMO, Erico. *O Continente I. op. cit.* p. 11.

Nesse discurso, Maria Valéria falou em nome de todas as outras mulheres que estavam na casa e todas do texto também, já que expressou uma angústia feminina geral daqueles tempos de guerra nos quais, desde Ana Terra, as mulheres tinham a sina de esperar e sofrer por seus homens (pais, filhos, maridos, irmãos).

Diante dessas situações, a Dinda – como era tratada pelos sobrinhos – era aquela que tinha os pensamentos mais práticos como, por exemplo, o de ter de logo enterrar a sobrinha nascida morta, antes que o processo de deterioração do defunto tivesse início. E, como assume as funções de mãe de Toríbio e Rodrigo, tem atitudes maternais até mesmo com Licurgo, ao se preocupar com seu sono, sua alimentação, suas decisões de líder. Não apenas podem ser consideradas preocupações maternais como também amorosas. É o tipo de zelo que as esposas têm por seus maridos:

- Vassuncê precisa mas é dormir.
- Licurgo ergue a cabeça, quase num sobressalto.
- Dormir? – repete, como se não conhecesse a palavra.
- Vá pra cima e deite.
- Curgo continua sentado, agora com o busto inteiriçado, o ar meio agressivo.
- Não adianta nada vassuncê se martirizar desse jeito – insiste a cunhada.
- [...]
- Mas não estou com sono.
- Não pode deixar de estar. Faz duas noites que não dorme.
- Eu sei do que preciso.
- Licurgo odeia que tomem com ele atitudes maternais. Maria Valéria contempla-o por um breve instante e depois torna a falar:
- Vassuncê ficando acordado a situação não melhora em nada. A criança nasceu morta. A Alice está com febre. Os mantimentos se acabaram. O Tinoco está com pasmo.¹⁹⁸

Maria Valéria não precisaria ter permanecido na casa do cunhado após a morte da irmã. Não tinha ligações com ele, mas com Alice. E, pouco antes de a esposa de Licurgo morrer, seu pai, Florêncio, que poderia ser considerado outro motivo de sua permanência, também falecera. No entanto, Maria Valéria escolheu ficar. Ela conseguiu desenvolver com

¹⁹⁸ *Idem.* p. 161-162.

aquelas pessoas – seu cunhado e seus sobrinhos – um laço quase marital e maternal, sem nunca chegar a sê-lo, de fato.

Então, segundo a teoria da adaptação materna de Lebovici¹⁹⁹, a situação fez com que ela construísse novas redes de esquemas para si, transformando-a em uma mãe enquanto ela organizava o mundo dos meninos que, então, passaram a depender dela. Essas redes de esquemas, que sofrem uma reelaboração, envolvem seu modo de ser “como mulher, mãe, amiga, filha, neta; seu papel na sociedade; seu lugar em sua família de origem; seu status legal; ela mesma como pessoa com a responsabilidade principal pela vida e crescimento de uma outra pessoa”²⁰⁰.

É em consequência dessa escolha e dessa readaptação que Maria Valéria ganhou o título de “solteirona”. É de fato uma opção feita, já que a primeira menção tida ao seu nome no texto é de alguém apaixonado por ela, de José Lírio, homem que lutava contra os Cambará durante o cerco ao Sobrado: “de repente a lembrança de que Maria Valéria estava lá dentro lhe varou o peito como um pontão de lança. Soltou um suspiro fundo e entrecortado, que foi quase um soluço”²⁰¹. Ou seja, Maria Valéria também era capaz de suscitar amores e admiração alheia.

Mais uma vez, a imagem dessa personagem vem associada a de uma lança, instrumento que fere profundamente e que fora bastante utilizado em guerras no período medieval. Não é apenas pela sua postura – alta e esguia – que se compara a uma lança, mas também por sua extrema objetividade, bravura e resistência nos períodos de guerra e fora deles. Maria Valéria era objetiva como a lança, não fazia rodeios para chegar onde desejava e não deixava de se lançar categoricamente – mesmo que apenas através de sua censura silenciosa – contra qualquer malefício que pudesse atingir a gente do Sobrado.

¹⁹⁹ LBOVICI, Serge. *Apud* STERN, Daniel N. *A constelação da maternidade*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

²⁰⁰ *Id.* p. 29.

²⁰¹ VERISSIMO, Erico. *O Continente I. op. cit.* p. 02.

A relação cultivada com Licurgo, seu primo, e por quem sente uma secreta paixão, é bastante contraditória, pois, apesar de amá-lo, de cuidar de seus filhos, de viverem sob o mesmo teto, ambos mantêm um distanciamento seguro um do outro. Maria Valéria, para não deixar transparecer seus sentimentos reais por Licurgo, e ele, como uma forma de proteção, já que é possível perceber, em alguns trechos do texto, que se sente agredido e ameaçado pela presença da cunhada, pelas suas palavras:

Parece que o bafo gelado que entra no quarto não vem de fora, vem dela. E quando esta mulher fala, ele sente sua voz como uma lixa a raspar-lhe os nervos.

[...]

De repente, vendo as próprias unhas crescidas e sujas, encolhe os dedos para que Maria Valéria não os veja, e fica ao mesmo tempo contrariado por ter feito esse gesto. Por que será que ela não vai embora?²⁰²

Maria Valéria intimidava o cunhado – e não apenas ele – pelo seu modo incisivo de falar, como quem julga e condena. Sempre fez questão de expor suas idéias para quem quer que fosse: a tia Bibiana, o pai, outros homens. Isso, no contexto narrado, era uma atitude feminina bastante incomum, a qual os homens (principalmente) não sabiam como lidar. A Dinda, por ser assim, demonstrava uma superioridade que incomodava especialmente o cunhado e, por isso, Licurgo freqüentemente perdia a paciência com ela e gritava, pois não conhecia outra maneira de agir em resposta a alguém tão desafiador e confiante. “Só grita quem sabe que não tem razão”²⁰³, diz ela.

Passado o episódio do cerco do Sobrado, iniciou-se outra fase em *O tempo e o vento* referente à personagem de Rodrigo Terra Cambará, filho de Licurgo e Alice. As lembranças que ele guardava da mãe não são muitas e referiam-se basicamente a momentos de doença e do seu velório:

E por alguns momentos teve na mente um quadro triste: o velório, lá em baixo, na sala grande – a chuva a bater nas vidraças, papai de preto, os olhos

²⁰² VERISSIMO, Erico. *O Continente II. op. cit.* p. 663.

²⁰³ VERISSIMO, Erico. *O Continente I. op. cit.* p. 163.

vermelhos, e, estendida no caixão feito pelo Pitombo Defunteiro, mamãe toda coberta de flores, um lenço branco sobre o rosto.²⁰⁴

Rodrigo sentou-se na velha cadeira de balanço que pertencera à sua bisavó Bibiana, apoiou a cabeça no respaldo de palhinha, e olhou ternamente para o retrato de Alice Terra Cambará, que pendia da parede da sala, enquadrado numa moldura cor de ouro velho. Como tudo seria melhor se ela estivesse viva! Ficou a pensar na mãe, que morrera em 1898, quando ele tinha apenas treze anos incompletos. Era uma criatura apagada e tristonha, que nunca alteava a voz e que parecia votar um respeito medroso ao marido. Frágil de corpo, tinha má saúde e queixava-se com frequência de terríveis dores de cabeça.²⁰⁵

Rodrigo fora, então, criado pela tia, que ao contrário de sua mãe, não era uma pessoa considerada apagada, tampouco medrosa com relação a Licurgo. Nessas circunstâncias, traçou-se uma real relação de mãe e filho entre o sobrinho e Maria Valéria, na qual o filho busca a mãe para conselhos, consolo e segurança.

Maria Valéria permaneceu por muito tempo desempenhando essa função materna com muito desprendimento, inclusive depois de ter os sobrinhos já crescidos. Como qualquer outra mãe, continuou a repreender-lhes quando achava necessário, puxando-lhes as orelhas e, também, dando-lhes palmadinhas desajeitadas de carinho, já que expressar amor não era sua especialidade. É isso que fez com que o recém formado Dr. Rodrigo Terra Cambará afirmasse: “Só tenho uma moça que me ama e me espera. Chama-se Maria Valéria e mora no Sobrado.”²⁰⁶

Como se entende, Maria Valéria não tinha, como tiveram Ana, Bibiana e até Luzia, a função geradora de vida, característica das mães. Não é, então, sinônimo de fertilidade, como sua irmã, Alice, e mesmo como Flora. O que ela fez, enquanto mãe – e por isso o título de mãe estéril, por não ter gerado filhos em seu ventre –, foi o trabalho advindo depois da gestação, depois do parir – o que não lhe coube. Ela alimentou esses filhos alheios, os criou, os protegeu, cuidando para que a família, a “sua gente” não se terminasse ali, mas que tivesse continuidade.

²⁰⁴ VERISSIMO, Erico. *O Retrato I*. 24. ed. São Paulo: Globo, 1997, p. 59.

²⁰⁵ *Idem*. p. 85.

²⁰⁶ *Ibidem*. p. 73.

A presença e o zelo de Maria Valéria no Sobrado se fez notar até o final da narrativa, ou seja, o leitor não tem notícia de sua morte, pois, no final de *O Arquipélago*, terceira parte da trilogia, ela já estava com idade bastante avançada, com a catarata que lhe cegara – bem como acontecera com Bibiana – mas não chegou a morrer. Antes disso, ainda ajudou Flora, a esposa de Rodrigo, a criar seus filhos e presenciou inclusive a morte do Dr. Rodrigo Cambará. Ainda assim, era “um rochedo. [...] Que coração!”²⁰⁷. Diante dessa cena, outra, bem anterior, se faz recordar, que diz:

O frio a deixa como que anestesiada, incapaz de sentir o que quer que seja: tristeza, compaixão ou esperança. O que a mantém de pé a ajudar sua gente é ainda um sentimento de dever que lhe vem principalmente do hábito. D. Bibiana tem razão: as mulheres do Rio Grande são direitas e cumprem suas obrigações por puro cacoete, e cacoete hereditário...²⁰⁸

Realmente, a função da Dinda, nesta saga, é dar continuidade a tudo o que as outras mulheres Terra Cambará construíram antes de sua chegada, é conservar a família e garantir-lhe a permanência. Maria Valéria fez isso não pelo fato de ter colocado filhos no mundo – coisa que não fez – mas cuidando dos que continuavam nascendo. E esse instinto maternal por ela desenvolvido não passa do “cacoete hereditário” herdado de Bibiana, que herdara de sua avó Ana Terra.

Almeida afirma, em seu trabalho, que Maria Valéria não se encaixaria na tríade Ana Terra- Bibiana- Maria Valéria, mas criaria um novo arquétipo²⁰⁹. Nós, porém, entendemos que essa personagem, apesar de diferente das outras duas mulheres no que diz respeito à maternidade como ato de gerar filhos, dá continuidade ao legado daquelas, transferindo-o para as outras que vêm em seguida de si: Flora e Sílvia, apesar de servir também de testemunha da derrocada da família Terra Cambará.

²⁰⁷ VERISSIMO, Erico. *O Arquipélago III. op. cit.* p. 995.

²⁰⁸ *Idem.* p. 324.

²⁰⁹ ALMEIDA, Lélia. *op. cit.* p. 105.

Nota-se, no texto, que as mães biológicas, as que deram à luz, ou acabaram morrendo ou eram muito fracas. Já Maria Valéria herdou o status de grande matriarca porque ocupou o espaço vazio deixado por aquelas. Com isso, o texto adquire um vulto de tragédia grega, uma vez que cabe a essa personagem observar e presidir a decadência dos Cambará sem ter ações a seu alcance para impedi-la. A Dinda tem o perfil trágico, pois é uma mãe que não é mãe como as outras, é, ainda, a mãe testemunha da tragédia moral de seus filhos, que coincide com o desabamento moral daquela sociedade retratada.

Assim, as mulheres passam para as gerações seguintes a responsabilidade perante a família que é a de não deixar morrer esse legado feminino, não deixar com que tudo o que foi construído até então tenha um fim. E esse papel está definitivamente muito bem cumprido por Maria Valéria.

CONCLUSÃO

Nem mesmo os mitos de papel, unidimensionais e concebidos segundo o mais estrito funcionalismo, que os obriga a repetir indefinidamente a mesma série de ações que o leitor espera deles, nem mesmo eles podem escapar do ‘princípio de realidade’ de pertencer a uma família. [...] Na literatura, de ficção ou não, o lugar da família é sempre significativo, e até se poderia conceber uma tipologia para os textos de ficção a partir do modo como neles aparece o tópico familiar, que em muitos autores é onipresente e, em outros, vago e até ausente, o que não deixa de ser intrigante.²¹⁰

O escritor e ensaísta argentino Juan José Saer, no trecho destacado acima, expõe muito bem ao leitor a importância das relações familiares em todas as obras literárias – mesmo naquelas em que não são evidenciadas. Além de intrigante, o assunto dá margem para que muitos estudos sejam realizados a fim de que se possa tentar entender melhor as obras e também as nossas próprias relações e as que nos cercam. Isso significa, em outras palavras, que se trata de um tema inesgotável, uma vez que não há ninguém com as mesmas vivências ou mesmo ponto de vista de outra pessoa.

Apesar da vasta bibliografia existente e conhecida dedicada a estudar sob diversos aspectos o trabalho literário do escritor gaúcho Erico Verissimo, sentimo-nos permitidos a fazer mais um acréscimo ao acervo crítico do autor, visto que se trata de um tema não explorado sobre sua obra: as relações de mães e filhos em *O tempo e o vento*.

Enquanto romance histórico, é possível enxergar nessa narrativa um retrato da sociedade brasileira da época retratada (período entre os anos de 1745 e 1945), visto através de uma síntese do Rio Grande do Sul, representado pela formação da cidade de Santa Fé, que coincide com as várias gerações da família Terra Cambará. Ou seja, de uma estrutura particular – essa família – o autor partiu para uma estrutura universal – a formação de uma

²¹⁰ SAER, Juan José. A família em trapos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 out. 2004. Mais!, p. 15

sociedade, aspecto esse que comprova toda a grandeza e importância dessa trilogia para a Literatura.

Há, no texto, importantes personagens masculinas, a começar por Pedro Missioneiro e o Capitão Rodrigo Cambará, mas optamos por interpretá-lo a partir de uma perspectiva de gênero feminino, tendo a função da maternidade exercida pelas personagens como ponto de partida para nossas especulações.

A intenção, então, foi investigar qual o papel que as personagens femininas e mães assumem diante desse panorama de formação social. Para tanto, delimitados uma questão-problema que servisse de base referencial do estudo realizado, que foi: “como a relação entre mãe e filho influencia na formação das personagens masculinas principais de *O tempo e o vento?*”.

Para respondê-la, partimos de duas hipóteses: a) a de que a relação que as mães têm com os filhos é determinante para a formação do tipo de pessoa que eles vêm a se formar e do tipo de relacionamento adulto que eles escolhem para si, e b) a de que, dentro do contexto social fotografado no texto de Erico, as personagens femininas cumpririam com as expectativas da sociedade rural e patriarcal, com exceção de Luzia.

Ao final de cada um dos capítulos que dão corpo a esse trabalho, procuramos já adiantar ao nosso leitor as inferências feitas acerca de cada uma das personagens analisadas (Ana, Bibiana, Luzia, Ismália e Maria Valéria) e de suas representatividades no texto de Veríssimo, que é de tamanha importância na história da literatura brasileira por inaugurar o romance histórico e, além disso, ser o responsável por narrar a formação de uma cultura – a gaúcha – da qual fazemos parte.

Ana Terra, a primeira das personagens femininas a ter destaque no texto de Erico e também nesse trabalho, assume a função de mãe-geradora, mãe-terra, a partir da qual todas as outras se formarão. Ela é a personagem desbravadora e símbolo de heroísmo feminino, pois

assumiu sozinha a responsabilidade pelo filho que gerou e, posteriormente, assumiu também o posto de mãe da comunidade de cuja fundação participou. Foi Ana Terra quem instaurou no texto e na sociedade fotografada o legado feminino de coragem e de obstinação. Ela é, então, a matriz de todas as outras mães que a seguem.

Bibiana Terra Cambará aparece no texto como a própria extensão de Ana Terra. Dá continuidade ao legado da avó, ampliando o patrimônio da família e sendo, assim, a mãe-preservação, aquela que luta para manter o que foi conquistado até ali. Passa também a ser uma mãe provedora, pois perde o marido muito cedo e assume a função de chefe da família, mantendo essa posição até o final da vida. É a mãe que manipula tudo e todos em função de seu trabalho de conservação familiar, valor herdado da avó.

De frente com esse poder, o autor nos apresenta Luzia Silva Cambará, que, ao contrário das outras mães, representa uma força de destruição ao que Ana e Bibiana representavam. É uma personagem extremamente imprevisível, pois o leitor não tem como saber o que se passa com ela, visto que, na narrativa, não há espaço para seu discurso, seus pensamentos e idéias. Assim, transmite a idéia de mãe ausente, distante do filho, ou seja, o desenho materno fadado à exclusão da sociedade rural e patriarcal imaginada por Verissimo. Acaba vencida por Bibiana, ou seja, uma vez mais, a soberania das mães-conservação ganha.

Em seguida abordamos a personagem de Ismália Caré, a mãe a quem também é negada a oportunidade de manifestação, demonstrando os valores daquela sociedade, na qual não havia espaço para quem não seguisse o que era estipulado e tido como correto socialmente: o casamento para as mulheres. É a mãe que renuncia sua função materna perante a sociedade e vê-se excluída dela, assim como seu filho, mas que está inevitavelmente presente nela, fazendo parte também de sua fundação.

Encerramos o trabalho com a personagem Maria Valéria, que, na linha de Ana e Bibiana, apesar de não ter sido mãe legítima de ninguém, apresenta também o instinto de

preservação da família iniciado por suas ancestrais. Representa o elo existente entre o passado e o futuro daquela sociedade, cabendo para si a responsabilidade de testemunhar o ápice e o declínio pelos quais a família Terra Cambará passa e, representativamente, a sociedade da época também passou.

Com isso, concluímos que a formação da sociedade retratada por Erico dependeu fortemente dessas personagens femininas a que demos destaque aqui, pois tanto aquelas que corresponderam às expectativas daquela sociedade – Ana, Bibiana e Maria Valéria – quanto as que não corresponderam – Luzia e Ismália – em função da personalidade diferenciada ou da posição social em que se encontravam, têm papel fundacional para a formação do estatuto da sociedade patriarcal e patrimonial de Santa Fé.

São, assim, indispensáveis no texto de Erico, e indispensável também é que levemos em consideração os seus papéis de mães valentes e guerreiras, uma vez que queiramos compreender melhor do que se constitui uma sociedade como esta em que vivemos no Rio Grande do Sul e, conseqüentemente, no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

- AGUIAR E SILVA, Vitor Manuel de. *Teoria da Literatura*. Coimbra: Livraria Almedina, 1967, p. 239.
- ALMEIDA, Lélia. *A sombra e a chama: uma interpretação da personagem feminina n'Os Tempos e o Vento* de Erico Verissimo. Porto Alegre, 1992. 147 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- ATHAYDE, Tristão de. Erico Verissimo e o antimachismo. In: CHAVES, Flávio Loureiro (org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972, p. 86-102.
- BADINTER, E. *Um amor conquistado – o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARBOSA, Maria José Somerlate. Saltando os “círculos de giz”: as personagens femininas e a dinâmica de gêneros em romances de Erico Verissimo. In: BORDINI, Maria da Glória (org.). *Caderno de pauta simples: a literatura de Erico Verissimo e a crítica literária*. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 2005. P. 301-333.
- BENVENUTTI, Nara Maria Faoro. Adultério: reavaliando posições. *Revista Faculdade de Direito/UCS*, Caxias do Sul, n. 7, p. 47-50, mar. 1998.
- BERTUSSI, Lisana. *Literatura gauchesca: do cancionero popular à modernidade*. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.
- BIDDULPH, Steve. *Criando meninos: por que os meninos são diferentes? O que o pai e a mãe podem fazer? Como torná-los homens equilibrados e felizes?* São Paulo: Fundamentos, 2002.
- BLEICHMAR, Norberto M. & BLEICHMAR, Célia Leiberman de. *A psicanálise depois de Freud: teoria e clínica*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- BONDER, Nilton. *A alma imoral: traição e tradição através dos tempos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- BORDINI, Maria da Glória; ZILBERMAN, Regina. *O tempo e o vento: história, invenção e metamorfose*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004. (Coleção Literatura Brasileira. Série Grandes Obras; 1)
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 38. ed. São Paulo: Cultrix, 1994.
- BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia grega*. 8. ed. Petrópolis: Vozes, v. III, 1998.
- CANDIDO, Antonio (et. al). *Personagem de ficção*. 10.ed. São Paulo: Perspectiva, 2002.

CANEVACCI, Massimo (org.). *Dialética da família*. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

CASEY, James. *A história da família*. Trad. Sérgio Bath. São Paulo: Ática, 1992.

CESAR, Augusto. *O problema feminino e o divórcio*. Rio de Janeiro: Livraria Editora Freitas Bastos, 19--.

CHAVES, Flávio Loureiro. A terra de Erico. In: _____. *Matéria e invenção: ensaios de literatura*. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1994, p. 49-60.

_____. Erico Verissimo e o mundo das personagens. In: _____. *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo*. Porto Alegre: Globo, 1972, p. 71-85.

_____. *Erico Verissimo: o escritor e seu tempo*. Porto Alegre: Ed. Universidade, 2001.

_____. *História e Literatura*. 3. ed. amp. Série Síntese Universitária. Porto Alegre: Ed. Universidade, 1999.

CHEVALIER, Jean e GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. 13. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

CIRLOT, Juan Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Moraes Ltda., 1984.

COLLANGE, Christiane. *Eu, sua mãe*. Trad. Lúcia Melim. Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

COLLINS, Sérgio. *A família moderna e a solução dos seus problemas*. Trad. Isolina^a Waldvogel. Santo André: Casa Publicadora Brasileira, 1966.

_____. *Defina uma família*. Trad. Mario Fondelli. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

DORIN, Lannoy. *Introdução à Psicologia*. 3. ed. São Paulo: Ed. do Brasil, 1978.

ELIADE, Mircea. *Imagens e símbolos: ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso*. Trad: Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *Mito e realidade*. Trad. Pola Civelli. 6. ed. São Paulo: Perspectiva, 2004.

_____. *Tratado de história das religiões*. Trad. Fernando Tomaz e Natália Nunes. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

Enciclopédia Brasileira Globo. 10. ed. Porto Alegre: Globo, v. V, 1965.

ENGELS, Friedrich. *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*. Trad. Leandro Konder. 15. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

GAIARSA, José Ângelo. *A família de que se fala e a família de que se sofre: o livro negro da família, do amor e do sexo*. 3. ed. São Paulo: Ágora, 1986.

HOBBSAWM, Eric. *Tradições inventadas*. Antologia de textos. Lisboa: Desporto, 1988.

HOHLFELDT, Antônio. *Érico Veríssimo*. Coleção Esses Gaúchos. Porto Alegre: Tchê! Comunicações, 1984.

KANT, Immanuel. *Antropología práctica*. Madrid: Tecnos, 2004.

LEENHARDT, Jacques; PASAVENTO, Sandra. *Discurso histórico e narrativa literária*. Campinas: Unicamp, 1998.

LOPES NETO, João Simões. *Contos Gauchescos & Lendas do Sul*. Porto Alegre: L&PM, 1998. (Coleção L&PM Pocket)

LURKER, Manfred. *Dicionário de simbologia*. Trad. Mario Krauss e Vera Barkow. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MALINOWSKY, Bronislaw. A família no direito paterno e no direito materno. In: CANEVACCI, Massimo (org.). *Dialética da família*. 5. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

MARBEAU-CLEIRENS, Béatrice. *O sexo da mãe e as divergências entre as teorias psicanalíticas*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1989.

MARCONI, Marina de Andrade; PRESOTTO, Zélia Maria Neves. *Antropologia: uma introdução*. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MEYER, Augusto. *Guia do folclore gaúcho*. 2. ed. ver. aum. Rio de Janeiro: Presença/ Instituto Nacional do Livro/ Instituto Estadual do Livro-RS, 1975.

_____. *Prosa dos Pagos*. Vol. 3. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1943.

OSÓRIO, Luiz Carlos. *Famílias hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1981.

POZENATO, José Clemente. *O regional e o universal na literatura gaúcha*. Porto Alegre: Movimento, 1974.

PUGET, Janine; BERENSTEIN, Isidoro. *Psicanálise do casal*. Trad. Francisco Franke Settineri. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

SAER, Juan José. A família em trapos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 10 out. 2004. Mais!, p. 15.

SCHÜLER, Donald. O tempo em "O Continente". In: CHAVES, Flávio Loureiro (org.). *O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Veríssimo*. Porto Alegre: Globo, 1972, p. 158-175.

STERN, Daniel N. *A constelação da maternidade*. Trad. Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

WAGNER, Adriana (coord.). *Família em cena: tramas, dramas e transformações*. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

- WINNICOTT, Donald W. *Os bebês e suas mães*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- WOORTMANN, Klaas. *A família das mulheres*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.
- VERISSIMO, Erico. *O tempo e o vento – O Continente I*. 27. ed. São Paulo: Globo, 1995.
- _____. *O tempo e o vento – O Continente II*. 27. ed. São Paulo: Globo, 1995.
- _____. *O tempo e o vento – O Retrato I*. 24. ed. São Paulo: Globo, 1997.
- _____. *O tempo e o vento – O Retrato II*. 24. ed. São Paulo: Globo, 1997.
- _____. *O tempo e o vento – O Arquipélago I*. Porto Alegre: Globo, 1961.
- _____. *O tempo e o vento – O Arquipélago II*. Porto Alegre: Globo, 1961.
- _____. *O tempo e o vento – O Arquipélago III*. Porto Alegre: Globo, 1961.
- _____. *Solo de clarineta: memórias*. v. 1. Rio de Janeiro: Globo, 1987.